



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



AVELINO RIBEIRO SOARES JUNIOR

O DRAMA DOS ERVAIS EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNÂNI DONATO

**DOURADOS
2016**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



AVELINO RIBEIRO SOARES JUNIOR

O DRAMA DOS ERVAIS EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNÂNI DONATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – área Literatura e Práticas Culturais, da Faculdade de Comunicação Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

**DOURADOS
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S676d Soares Junior, Avelino Ribeiro
O drama dos ervais em Selva Trágica, de Hernâni Donato / Avelino
Ribeiro Soares Junior -- Dourados: UFGD, 2016.
138f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação,
Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Selva Trágica. 2. Hernâni Donato. 3. Literaturas Regionais. 4.
Literaturas de Fronteira. 5. Literatura e História. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE



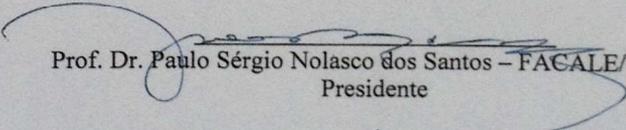
AVELINO RIBEIRO SOARES JUNIOR

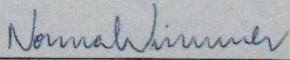
O DRAMA DOS ERVAIS EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNÂNI DONATO

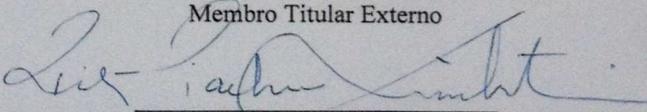
Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Dourados – MS, 31 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos – FACALE/UFGD
Presidente


Prof.^a. Dra. Norma Wimmer – UNESP/SJRP
Membro Titular Externo


Prof.^a. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti – FACALE/UFGD

Dourados – 2016

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e compreensão dispensados durante a escrita desta dissertação.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, a quem eu já admirava enquanto profissional e também passei a admirar como pessoa. Por sua confiança no meu trabalho, compreensão nos momentos difíceis, e, acima de tudo, por ter exigido o máximo de mim.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Literatura e Práticas Culturais, por todos os ensinamentos, diálogos, apoio e carinho recebidos nesta jornada.

Ao professor Jérri Roberto Marin, da UFMS, e também a professora Rita de Cássia P. Limberti, pelas indicações de importantes referências bibliográficas, bem como pelas contribuições durante o exame de qualificação.

Ao professor Paulo Roberto Cimó Queiroz, coordenador do Centro de Documentação Regional da UFGD, pelas indicações bibliográficas.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo.

Quando a gente começa um trabalho
não pensa no suor que vai suar.
Se pensar, afrouxa.

Selva Trágica (1956, p. 39)
Hernâni DONATO

SOARES Jr., Avelino Ribeiro. *O drama dos ervais em Selva Trágica, de Hernâni Donato*. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

RESUMO

Neste trabalho, a produção literária de Hernâni Donato é tomada como eixo de análise, sendo o principal *corpus* de reflexão constituído por *Selva Trágica*: a gesta ervateira no sulestematogrossense (1956), expressão da interculturalidade na poética do escritor sul-mato-grossense, resultando na materialidade de um texto em condição de hibridismo da língua na fronteira do estado brasileiro de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. O interesse volta-se para a apresentação e contextualização da narrativa de *Selva Trágica* e de seu autor, signos emblemáticos da literatura da fronteira Brasil-Paraguai e do reconhecido período histórico denominado Ciclo da Erva-Mate, que é tema fundamental desta obra. Assim, os objetivos do estudo são pautados pela recuperação da bibliografia sobre Hernâni Donato, uma vez que vários têm sido os estudiosos e escritores a reconhecerem a relevância da obra do escritor, seja para a história regional sul-mato-grossense, seja para os estudos de interculturalidade, de fronteira — para o sentido de sua contemporaneidade como relato e denúncia das narrativas e das histórias locais, redimensionando o lugar da historiografia literária no subcontinente —, e particularmente pela análise da narrativa literária, com vistas à verificação da proposta estética da obra, cujo relançamento hoje, em primorosa reedição, ao mesmo tempo em que reflete, também, evidencia formidável projeto artístico e igual fortuna crítica de *Selva Trágica*. Portanto, a perspectiva de análise baseia-se em leitura da paratextualidade, na medida em que esta vertente dos estudos semióticos é contemplada pelos de literatura comparada, como preconizam Gérard GENETTE (2009), Tania CARVALHAL (2005, 2006), Gilda BITTENCOURT (2008), Rita BITTENCOURT (2010) e a fundamental exegese de Jérri MARIN (2013).

Palavras-chave: *Selva Trágica*; Hernâni Donato; Literaturas Regionais; Literaturas de Fronteira; Literatura e História.

ABSTRACT

In this work, the literary production of Hernâni Donato is taken as a line of analysis. The main corpus of reflection constituted by *Selva Trágica* is: the ervateira heroic deed in *sulestematogrossense* (1956), expression of interculturality in the poetry of the sul-mato-grossense writer, resulting the materiality of a text in the language of hybridity condition in the Brazilian State of Mato Grosso do Sul border with Paraguay. The interest turns to the presentation and contextualization of *Selva Trágica* narrative and its author, emblematic signs of border literature Brasil-Paraguai and of the recognized historical period called Erva-Mate Cycle, which is a fundamental theme of this work. Thus, this study's objectives are guided by the recovery of literature on Hernâni Donato, since several scholars and writers recognize the relevance of the writer's work, either to Mato Grosso do Sul regional history, or to interculturality studies, border ones – to the meaning of his contemporary as reporting and denouncing narratives and of local stories, resizing the place of literary history in the subcontinent – and particularly by the analysis of literary narrative, in order to verify the aesthetic proposal of the work whose relaunch today in exquisite reprint, while reflecting also shows great artistic design and the same critical fortune of *Selva Trágica*. Therefore, the perspective of this analysis is based on the reading of the paratextuality, in that this part of semiotic studies is contemplated by the comparative literature, as recommended by GENETTE (2009), Tania CARVALHAL (2005, 2006), Gilda BITTENCOURT (2008), Rita BITTENCOURT (2010) and the fundamental exegesis of Jérri MARIN (2013).

Keywords: *Selva Trágica*; Hernâni Donato; Regional Literatures; Border Literatures; Literature and History.

SUMÁRIO

À GUIA DE INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I:	
REGIONALISMO E INTERCULTURALIDADE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI.....	16
1.1 – Abordagem do regionalismo e contextualização da reflexão.....	18
1.2 – Regionalismo e literatura de fronteira.....	29
1.3 – Textualidades regionais ou chão da cultura transfronteiriça.....	42
CAPÍTULO II:	
CONTEXTO, DRAMA E SENTIDO NA OBRA DE HERNÂNI DONATO.....	53
2.1 – Leitura e recepção da obra de Hernâni Donato.....	55
2.2 – O paratexto como produção de sentido.....	74
2.2.1 – A paratextualidade: contexto e sentido na obra <i>Selva Trágica</i>	78
CAPÍTULO III:	
<i>SELVA TRÁGICA: CONSTITUIÇÃO NARRATIVA E RELAÇÕES DE PODER</i>.....	96
3.1 – Enredo e processo narrativo em <i>Selva Trágica</i>	98
3.2 – Literatura e História em <i>Selva Trágica</i> , de Hernâni Donato.....	106
3.3 – Relato de <i>Selva Trágica</i> e a narração do Ciclo da Erva-Mate.....	112
À GUIA DE CONCLUSÃO.....	121
REFERÊNCIAS.....	124
ANEXOS	138

À GUIA DE INTRODUÇÃO

[...] o escritor que elegeu tema regional e histórico partiu de algum tipo de aproximação, mas só venceu o desafio de dar vida à região e ao passado quando conseguiu estabelecer condições de afastamento que fizessem com que suas criaturas agissem de acordo com as convenções do espaço e da época para a qual foram concebidas, ao mesmo tempo que o olhar que as vê é atual.

Ficção histórica e regionalismo: estudos sobre romances do Sul

Marilene WEINHARDT (2004, p. 184)

Esta dissertação visa a estudar e a analisar a obra *Selva Trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense* (1956), (romance-documentário), do escritor sul-mato-grossense Hernâni Donato, uma das mais representativas dentre as da literatura regional brasileira, particularmente pela fortuna crítica que se seguiu à sua primeira edição em 1956¹, destacando-se as cinco edições subsequentes, inclusive a edição de 2011. A obra tem como temática fundamental a vida na selva e as tragédias daí decorrentes, envolvendo homens inominados, seres sem identidades, enterrados na selva verde dos ervaais no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul, associado ao caráter documental que revela o olhar preocupado do escritor/romancista com as questões sociais de um tempo obscuro que pretendemos revisitar, sobretudo quando consideramos a antiga edição desta obra: a primeira edição, de 1956, foi reeditada no ano de 2011, coincidindo, neste momento histórico, com a seguida morte do autor/escritor Hernâni Donato, no ano de 2012.

Nosso interesse e definição por estudar a obra de Donato decorreram, particularmente, do envolvimento com o plano de estudos realizado sob o título, “Estudo teórico-crítico dos conceitos de região, regiões culturais e regionalismos”, durante o período de 2012-2013 e 2013-2014, integrando o projeto de pesquisa institucional “Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteiras”, na modalidade de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq.

Representativo romance do período conhecido como ciclo da Erva-Mate, que compreende um movimento econômico inaugural do

¹Faz-se oportuno pontuar certa confusão quanto à data de publicação de *Selva trágica*. Nelly Novaes Coelho, em “Revisitando *Selva trágica*”, publicado em aba da edição de 2011, da mesma obra, afirma: “[...] a arte maior de Hernâni Donato eternizou em *Selva Trágica*. Publicado em 1956 – quando o grande Romance Regionalista de 30 já esgotara suas forças vivas – *Selva Trágica* resulta do novo olhar com que a matéria-prima regional começara a ser descoberta, [...]. [ainda] No ano mágico de 1956, explodia a nova alquimia linguística do rosiano *Grande Sertão: Veredas* e, ao mesmo tempo, Donato lançava a labiríntica *Selva Trágica* [...]. (COELHO, 2011, s/p) Na mesma edição, em “Nota do Editor: Hernâni Donato e sua obra”, Nicodemos Sena diz: “Lançado em 1960, *Selva trágica* impactou a crítica e os leitores, esgotando cinco edições”. (SENA, 2011, p. 285) Segundo o professor e historiador Jéri Marin, quando Hernâni Donato, “[...] publicou *Selva Trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*, em 1959, suas obras *Filhos do Destino* e *Chão Bruto* estavam na segunda edição, respectivamente”. (MARIN, 2013a, p. 127) Isso posto, e a julgar pela relação que Nelly Novaes Coelho faz entre *Selva trágica* e o *Grande Sertão: Veredas*, parece-nos mais verossímil ser 1956 o ano em que veio à tona a obra sobre a qual vimos nos ocupando neste trabalho.

empreendedorismo na região sul do então estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, *Selva Trágica* traduz-se no mais forte relato de denúncia desse movimento que teve início por volta de 1882, sendo um dos seus principais nomes Thomaz Laranjeira, a quem foi concedida a permissão para explorar o mate nos ervais nativos da região. Porém, há que dizer que este é também um período de muitos nomes, identidades e vozes silenciadas, sujeitos apagados no “mar verde da selva”; trágica selva que marca com ares de pujança o início de uma região formada pelo mosaico de identidades múltiplas, resultantes do trânsito entre fronteiras regionais, culturais, linguísticas, geográficas, étnicas, econômicas, etc.

Não se deve esquecer que o surgimento de narrativas como essa, brotando na década de 1930, atendem a uma característica forte da novelística do século XX: o gosto pelo pitoresco regional somado à proposta neorrealista de estudar o homem em função do meio e de certa estrutura social e dos valores do próprio documentário etnográfico². Desta perspectiva, destaca-se o valor representativo que a obra de Donato ganhou nas reflexões do crítico Seymour Menton (1993), particularmente em *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992*, ou seja a NNH, na qual Menton caracteriza a prosa do período, enfatizando a heteroglosia, ou a multiplicidade de discurso, que marca a NNH, assim distinguindo-a:

Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia. De acuerdo con la idea borgeana de que la realidad y la verdad históricas son inconocibles, varias de las NNH proyectan visiones dialógicas al estilo de Dostoievski (tal como lo interpreta Bajtín), es decir, que proyectan dos interpretaciones o más de los sucesos, los personajes y la visión del mundo. (MENTON, 1993, p. 44)

Em seguida, Menton explicita as relações de efeito dessas narrativas, incluindo aí a obra do paraguaio Roa Bastos e a do nosso Hernâni Donato (*Chão bruto*, 1957), (*O caçador de esmeraldas*, 1980) bem como as de Ciro Martins (*Sombras na correnteza*, 1979), Néida Piñon (*A república dos sonhos*, 1984), Tabajara Ruas (*Os varões assinalados*, 1985) e Autran Dourado (*Monte da Alegria*, 1990), entre outros brasileiros:

²Para uma verificação mais aprofundada desses aspectos, ver: *Dicionário de Literatura*, 3ª ed. 4º v., direção de Jacinto do Prado Coelho (1982).

[...] la NNH se distingue de la novela histórica tradicional por su mayor variedad. El alto nivel de historicidad en *Yo el Supremo*, *El mar de las lentejas* y *Noticias del imperio* distingue estas tres novelas de otras donde el autor le da más soltura a su imaginación, como las novelas seudohistóricas *Terra nostra* y *Los perros del Paraíso*, [...] (MENTON, 1993, p. 45)

Ainda, sobre a relevância desta obra, seria suficiente uma das mais contundentes observações críticas, como a que fez Fábio Lucas, no ensaio “Na selva selvaggia da criação”, prefaciando a obra de Donato, que assim destaca sua importância para a literatura brasileira:

Livro de inegável valor literário é *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. O tema social continua sendo a exploração humana no campo. O cenário é o sudeste de Mato Grosso. Trata-se da produção da erva-mate, quando os ervais eram aproveitados por uma Companhia que deles tinham o monopólio. O romance, a par do relato da vida degradada dos ervateiros e mesmo dos satélites da Companhia, conta paralelas histórias de amor [...], episódios de fuga e conseqüente caçada humana. Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo e obra de grande valor estilístico, *Selva Trágica* mostra as dantescas condições de trabalho da região. (LUCAS *apud* DONATO 2011, p. 83)

Lançada em 1956, mesmo ano em que “explodia a nova alquimia linguística do rosiano *Grande sertão: veredas*” (COELHO *apud* DONATO, 2011), *Selva Trágica* caracteriza-se como um romance de fundas raízes históricas, sendo fruto das pesquisas e reflexões do Donato “historiador”, trazendo às claras e eternizando em sua obra um escuro período de exploração humana na região sul do estado. De acordo com a professora Nelly Novaes Coelho, conceituada crítica brasileira, que escreve na “Aba” do livro, Donato fora:

Tocado pelas novas diretrizes da criação literária e obedecendo à natureza complexa da matéria humana/histórica visada, Donato cria o mundo de *Selva Trágica*, expressando-o através de uma complexa linguagem narrativa – verdadeiro amálgama da *língua portuguesa* com o *linguajar guarani*, então falado na região. (Daí a necessidade das Notas de Rodapé). (COELHO *apud* DONATO, 2011, p. 1)

À guisa de justificativa, destacam-se as palavras, em Nota do Editor, de Nicodemos Sena, acrescidas como “posfácio” à recém-reedição, em primoroso e diferenciado volume, cuja capa traz o título em letras vermelhas sobre um sugestivo fundo escuro:

A crítica foi unânime em considerar *Selva Trágica* um alto momento da ficção brasileira; um livro capaz de colocar seu autor entre os maiores escritores do Brasil. “Romance másculo, forte, bárbaro, como bárbara era a selva, como bárbaro era o trabalho nos ervais. É esse de Hernâni Donato” (Temístocles Linhares, no livro *História Econômica do Mato*, José Olympio Editor, RJ, 1960). “*Selva Trágica* é uma história como nunca foi escrita em nossa terra” (Arthur Neves, in Revista Anhembi, SP, 1961). “Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo, obra de grande valor estilístico. [...] Em suma: constitui um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil” (Fábio Lucas, in *O Caráter Social da Literatura Brasileira*, Ed. Paz e Terra, RJ, 1970, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro).

Alguns críticos, como Abdias Lima (“Correio do Ceará”, 2/2/1977, Fortaleza, CE), aproximaram Hernâni Donato de Erskine Caldwell e John Steinbeck, a geração norte-americana da revolta, o Caldwell de *Chão Trágico* e o Steinbeck de *As Vinhas da Ira*.

Por seu poder comunicativo e eloquência como documento, *Selva Trágica* é um dos livros **que melhor representam o caráter social da literatura brasileira.**

Taubaté, 30 de julho de 2011. N. S.

Nota do Editor: Hernâni Donato e sua obra. Posfácio a *Selva Trágica* (DONATO, 2011, p. 287) (Grifos Nossos)

Formuladas essa apresentação e justificativas, salientam-se como objetivos principais deste trabalho: analisar o romance *Selva Trágica*, de Hernâni Donato (sob a perspectiva dos estudos teóricos da Literatura Comparada e suas confluências com outras áreas do saber, enfocando principalmente os aspectos de região, fronteiras, literaturas regionais, regiões culturais); investigar, a partir dos estudos teóricos da Literatura Comparada e das Literaturas Regionais, os elementos linguísticos e aspectos históricos que configuram a particularidade da narrativa de *Selva Trágica*, ou seja, a interculturalidade da fronteira Brasil-Paraguai; verificar a natureza interdiscursiva da narração da obra, articulando-a numa forma de abordagem da literatura sul-mato-grossense e do regionalismo crítico.

O campo metodológico desta reflexão baseia-se nos estudos teórico-críticos da Literatura Comparada, dos Estudos de Literaturas Regionais e do regionalismo crítico, sobretudo das reflexões que tomam como intersecção os diferentes tipos/gêneros de textos. Nesse sentido, tem-se na reflexão de Tania

Franco Carvalhal decisiva contribuição sobre a vertente do comparatismo que deve orientar esta investigação:

Vivemos em trânsito, entre fronteiras de línguas, códigos, culturas, procurando ver a literatura sem que ela seja limitada por essas fronteiras, de nações ou de línguas, nem pela divisão entre as artes e outras formas do conhecimento ou entre o erudito e o popular. (CARVALHAL, 2006, p. 71)

Como elementos substantivos de nossa reflexão, advêm as superações das fronteiras entre disciplinas, línguas, nacionalidades e formas de artes, como observa, ainda, Carvalhal:

Entendemos, então, cada vez mais que não é possível pensar em campos do saber estanques, conclusos e fechados em si mesmos, pois o que se acentua é a natureza híbrida dos diversos domínios do conhecimento e da expressão artística, sua inter-relação (CARVALHAL, 2006, p. 77-78).

Dizendo de outro modo, contrapondo o objeto de análise, ou *corpus* literário, constituído pela narração de *Selva Trágica* com a perspectiva de abordagem na leitura de “textos” fertilizados pela heterogeneidade da cultura latino-americana, o comparatismo se mostra como um forte vetor para as reflexões em torno do tema desta dissertação: as expressões “comparatismo latino-americano”, “literaturas latino-americanas”, “hibridismo”, “discurso crítico descolonizado”, garantem uma operacionalização e conseqüente produtividade na análise do objeto desta proposta de estudo. Isto quer dizer que, o viés de análise e interpretação, da perspectiva do estudioso latino-americano, deve levar em consideração a “coexistência de sistemas literários múltiplos e diferentes”, como observa Gilda Bittencourt em preciosas reflexões acerca do assunto, no ensaio “Literatura comparada latino-americana: um espaço transterritorial e plurilinguístico” (2008), evidenciando um caráter híbrido e plurilinguístico da nossa produção literária e cultural. Sobre a crítica no subcontinente, a autora vem sublinhar que:

[...] a necessidade do caráter interdisciplinar no atual discurso crítico latino-americano, pois, ao abordar a multiplicidade de aspectos envolvidos nas suas manifestações literárias, o método de investigação deve incorporar outros campos de saberes que não apenas o campo literário. (BITTENCOURT, 2008, p. 11)

Portanto, o desenvolvimento deste trabalho adota metodologia compatível com a perspectiva de análise: o próprio método comparatista, que se executa através do cotejamento das fronteiras textuais, finda estabelecendo uma prática de questionamento sob a qual a análise e compreensão do objeto não preexistem à própria prática de reflexão. Daí que, a comparatista Tania Carvalhal (2005), ao refletir sobre a atualidade dos estudos comparatistas, observa: “A literatura comparada, como prática crítica, se inscreve no movimento de mudança das demais modalidades críticas, delas se distinguindo não pelos objetos que estuda, mas pelas perguntas que formula e pelos modos de aproximação de que se vale.” (p. 178). Por conseguinte, desta perspectiva da literatura comparada enquanto método de trabalho, nos entrecruzamentos com suas vertentes analíticas, como análise da paratextualidade, a relação entre literatura e história, a operacionalização do trabalho centrar-se-á na clave das literaturas de fronteira, onde o título deste trabalho desdobrar-se-á no enfoque sobre o contexto, o drama, e o sentido na obra de Hernâni Donato, *grosso modo*.

O trabalho está organizado em 3 (três) capítulos: o primeiro, intitulado “Regionalismo e interculturalidade na fronteira Brasil-Paraguai”, volta-se para a abordagem do rótulo de regionalismo e sua contextualização, a literatura de fronteira, textualidade da cultura transfronteiriça. O segundo capítulo, intitulado “Contexto, drama e sentido na obra de Hernâni Donato”, busca verificar a fortuna crítica do escritor, contemplar o estudo da paratextualidade, bem como o contexto e a produção de sentidos nesta obra. Já o terceiro e último capítulo, intitulado “*Selva Trágica*: constituição narrativa e relações de poder”, volta-se para a análise da narrativa propriamente dita, tendo como foco orientador os elos de intermediação e sentido histórico-social da obra de Donato em conexão com as palavras da epígrafe que abre esta introdução. Trata, também, do contexto de surgimento destas narrativas, conforme se anunciou, anteriormente, na referência de Jacinto Prado Coelho, na nota 2, à página 11 desta introdução.

CAPÍTULO I

REGIONALISMO E INTERCULTURALIDADE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

CAPÍTULO I - REGIONALISMO E INTERCULTURALIDADE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Na narrativa de *Selva Trágica*, distinguido romance de Hernâni Donato, lê-se um relato que retrata as primeiras décadas do século XX, narrando sob a perspectiva dos subalternos a saga dos trabalhadores dos ervais mato-grossenses, na fronteira Brasil-Paraguai. Como afirma o próprio Donato, *Selva Trágica* mostra uma realidade extremamente trágica, sobretudo “sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários” (DONATO, 2011, p. 14), subalternos que viviam às margens, que não eram vistos e nem seus gemidos ouvidos, não havendo, assim, quem os socorresse. De acordo com o estudioso da literatura sul-mato-grossense, há que ressaltar a importância de Hernâni Donato para um valioso registro do Ciclo da Erva-Mate. Ao comentar sobre *Selva Trágica*, o crítico destacou fortes cores desta saga romanesca³.

Deste ponto de vista, este primeiro capítulo visa à reflexão acerca de aspectos de contextualização do “corpus” do trabalho: considerações sobre o regionalismo em seu contexto de abordagem; em consequência, a análise retoma a interface entre regionalismo e literatura de fronteira, tendo em vista o quadro investigativo em que esta pesquisa se insere, e, por fim, uma verificação sobre textualidades e a cultura transfronteiriça. Para este capítulo contribuiu substantivamente nosso relatório final de Iniciação Científica⁴.

³[...] retrata as primeiras décadas do século XX, representando sob a perspectiva dos “subalternos” a história dos que trabalhavam para a empresa estrangeira Mate Laranjeira, onde a personagem principal resulta sendo a própria erva mate. A partir daí, a narrativa torna-se um monumento que registra a história da região sob a perspectiva do Outro, dos que trabalharam e construíram a base da civilização e da cultura na região de fronteira Brasil-Paraguai, só parcialmente lembrados nas numerosas estatísticas dos que contribuíram na construção de um dos maiores feitos de empreendedorismo na região. (SANTOS *et alii*, 2011a, p. 28)

⁴SOARES Jr., A. R.; SANTOS, P. N. dos. *Estudo teórico-crítico dos conceitos de região, regiões culturais e regionalismos*. Dourados: Coordenadoria de pesquisa da UFGD, 2014. 20 p. Relatório. Registramos que este relatório foi indicado, pela Coordenadoria de Pesquisa da UFGD, para concorrer ao Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica 2013, e também foi disponibilizado como modelo de artigo para o Relatório Final de Iniciação Científica: <<http://www.ufgd.edu.br/propp/copq/iniciacaocientifica/downloads>>. Acesso em 15 maio 2015.

1.1 – Abordagem do regionalismo e contextualização da reflexão

Com o advento do século XXI e a expansão da globalização cultural, alguns conceitos críticos e operacionais, relativos à vida da cultura, acabam sofrendo reformatações outras, questionando perspectivas binárias, numa evidente necessidade de se pensar “para além dos binarismos”, que ainda formataram o projeto moderno no século passado. Em particular, as noções de região e regionalismo e suas confluências em “regiões culturais”, não só tiveram suas perspectivas “defasadas”, mas ao mesmo tempo colocaram em demanda uma outra “situação crítica”, voltada para a “permanência” do local/localização e da aldeia.

Assim, esta reflexão visa à verificação da perspectiva crítica contemporânea acerca do conceito de regionalismo e “regiões culturais”, com base na crítica literária e cultural latino-americana, sublinhando a natureza e função de um conceito e o lugar de enunciação da crítica para melhor entender sua operacionalização nos estudos de literatura e cultura na contemporaneidade.

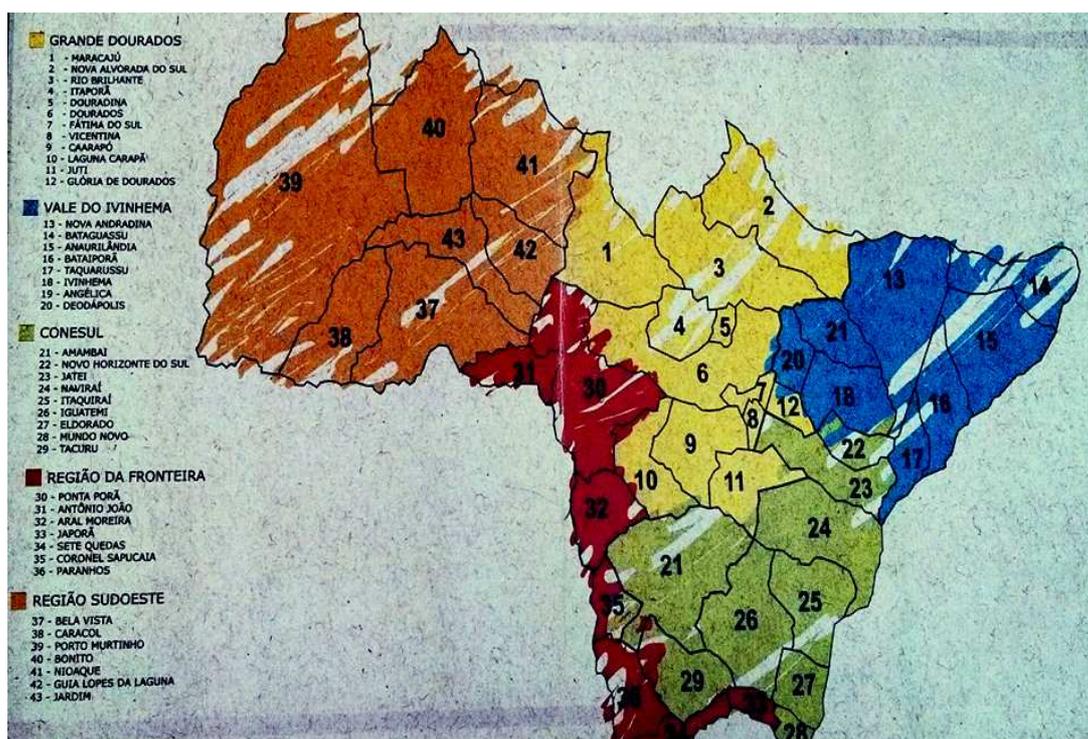
Dentro do amplo painel geográfico que constitui o caráter matizado da discussão acerca do regionalismo no subcontinente, interessa-nos discutir, além dos significados ressemantizados em torno de um conceito específico, a situação de uma região cultural em particular: a região denominada “caminhos da fronteira”⁵, no Sul do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

⁵Vale observar que, para efeitos operacionais, valemo-nos da proposta do Governo do Estado, através da Fundação de Turismo, que circunscreveu o mapa do Estado em dez regiões de interessante representação simbólica e cultural: Caminho dos Ipês, Bonito/Serra da Bodoquena, Caminhos da Fronteira, Grande Dourados, Costa Leste, Pantanal, Vale do Aporé, Vale das Águas, Cone Sul e Rota Norte.

Grande Dourados, em particular, impôs-se como condição “sine qua non” do adensamento demográfico e sua movimentação, num imperativo de crescimento em todos os setores, seja como polo da indústria sucroalcooleira, da implementação da soja, da criação de gado vacum, da saúde, e em especial da educação básica até o ensino de terceiro grau. Neste contexto as cidades de Dourados e de Ponta Porã têm se destacado cada vez mais pela expansão de todos os seus ambientes de produção, inclusive na diversificada rede de ensino e educação cujos projetos e programas direcionados à região fronteira encontram-se na pauta dos órgãos e instituições governamentais. A partir de Dourados, por exemplo, a criação da UFGD tornou-se referência como importante cidade universitária, ao lado de outras do País. De fato, o IDH do Estado como um todo continua atingindo um dos números mais elevados da região e do País, em particular na cidade de Dourados. Tanto é assim que, o IDH oficial, bem como matérias de distinguidos órgãos de comunicação confirmam a cidade e sua região como destino para o trabalho, o estudo de qualidade e a ampliação de fronteiras em um matizado esquadro de crescimento, constituição de bens e valores, que tem elevado o ‘locus’ urbano e rural como um todo, em um dos mais atrativos lugares para se viver, produzir e usufruir de bens e serviços, ainda sem o agravamento dos conhecidos dilemas das metrópoles do País. Isto se soma às políticas de governo que têm investido no enfrentamento de polos como o da Grande Dourados, com o Ministério da Integração fomentando projetos em cidades-gêmeas onde as linhas de fronteira, seca ou fluvial, demandam forte potencial de integração econômica e cultural. Decerto que o estado de Mato Grosso do Sul, e nisto a Grande Dourados está implicada e comprometida, compõe formidáveis “corpora” de pesquisas em “linguagens”, dada a ostensiva constituição do “bilinguajamento” próprio deste “locus” fronteiro, integrando-se aos 16 mil quilômetros de faixa de fronteira, que abrange 11 estados da federação, portanto, 27% do território brasileiro. Não à toa, a criação de uma proposta de Pós-graduação em Letras na UFGD assume frontalmente sua particular vocação para os estudos e pesquisas hoje claramente pautadas pelos estudos de área, tanto das práticas literárias e culturais quanto da linguística e transculturalidade, enfatizando seu foco na problematização derivada da noção

de fronteira, lugar por excelência do hibridismo cultural, no qual os povos fronteiriços refletem demanda por uma discursivização refletida num “estilo fronteiriço”, resultando num “locus” epistêmico segundo o qual um mundo de fronteira reclama necessariamente um estilo fronteiriço.⁶

Fig. 2: Mapa das 5 sub-regiões do Centro-Sul do MS.



Fonte: <<http://www.turismo.ms.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2015.

Com efeito, como podemos também observar no mapa que circunscreve as 5 sub-regiões do Centro-Sul do estado (**Fig. 2**), representadas pela da Grande Dourados, que, por sua condição geofísica, liga-se à cidade de Bela Vista/Bella Vista e à de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero, de fronteiras fluvial e seca, com a República do Paraguai, às margens do Rio Apa, salienta-se que sua história e cultura brotam em um chão fertilizado, transmutado tanto na copiosa produção e manifestação artística, literária e cultural, quanto nas práticas de bilinguismo, fruto do entrecruzamento histórico e cultural, resultando no espesso caldo cultural que aí se estabeleceu, após a Grande Guerra com o Paraguai.

⁶Além da proposta deste programa de pós-graduação, a noção essencial de fronteira e de estilo fronteiriço constitui argumento teórico-crítico na obra de ALVES-BEZERRA (2008).

A partir deste “*locus*” de enunciação, advêm sendas e veredas ressignificadoras de uma de nossas 5 sub-regiões: “Região da Fronteira”, também denominada “Caminhos da Fronteira”, que, ao lado da “Região Sudoeste” caracterizam-se, respectivamente, enquanto limites com o Paraguai e a Bolívia, além de a primeira integrar-se a uma das sub-regiões da Grande Dourados, onde se situam não só nosso foco de intervenção, mas, principalmente, registra-se aí ramificada incidência intercultural, em se tratando de amplíssimo espaço de fronteira.

Caracterizada, portanto, pelos atrativos de um contexto histórico ligado à Guerra da Tríplice Aliança, essa região – vetorizada pelos sintagmas “caminhos” e “fronteiras”, assim flexionados – é constitutiva de um lugar/espaço geofísico muito fortemente vincado por interseções e conexões, expandindo-se em ressignificações outras em torno do tópico “fronteira”. Disto tudo, exemplos como o do conhecido músico da região, Almir Sater, autor de “Sonhos guaranis”, em que o próprio título condensa a metáfora do sujeito e seu lugar sintomático, de pertencimento, de quem vive à margem: “Ao revelar que eu vim / Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai”. Ou, como na poesia do poeta “brasiguai” Douglas Diegues, cuja elaboração formal e conteudística dá-se como limiar linguístico que opera num “portunhol selvage”, glorificador das línguas portuguesa e espanhola; enfim do castelhano e dos mitos da língua guarani, numa clara evocação das nossas raízes guaraníicas.

Neste contexto, o projeto literário de Douglas Diegues, de particular originalidade no solo fronteiriço, não só é oriundo deste lugar da fronteira Brasil-Paraguai, escolhendo a cidade de Ponta Porã (MS), fronteira seca com a de Pedro Juan Caballero (PY), mas, também, reforçando a questão espacial, translada-a enquanto cicatriz de uma matriz poética hoje avaliada como um “projeto” artístico arrojado e de significativa repercussão. Trata-se de projeto que Diegues perspectivou e já mostra interconexões políticas e estéticas com outras propostas contemporâneas, também oriundas de situações de processos interliterários e de literaturas de fronteiras. A partir de *Da gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes* (2002), a obra de Douglas Diegues assume “frontalmente” a questão das nossas fronteiras, pois que surge da interpenetração viva do português com as línguas paraguaias, o

guarani e o espanhol. Principalmente como autor da obra mencionada, Diegues é aclamado por sua invectiva transfronteiriça, ao cicatrizar a própria língua em neologismos criados para designar a identificação cultural, concretizando o registro mais expressivo do *brasiguai* da região. Tem-se aí, um dos mais instigantes trabalhos refletores da nossa literatura de fronteira. Sublinham-se, assim, aspectos de interculturalidade na poesia deste *brasiguai*, como bem observou a professora Paula Kaimoti; escrevendo num “portunhol selvagem”, o poeta incorpora na própria materialidade do texto sua condição de hibridismo dos usos da língua na fronteira do brasileiro Mato Grosso do Sul com o Paraguai:

De acordo com Diegues, o “portunhol selvagem”, seria uma espécie de “lengua poética”, que “... brota de las selvas de los kuerpos triple fronteras, se inventa por si mismo, acontece ou non...” (Diegues, 2009, 2008). Para além do costumeiro “portunhol” da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, que mistura de maneiras variadas o português falado no Brasil com o espanhol paraguaio e o guarani dos índios da região e seus descendentes, Diegues afirma que sua versão dessa mistura resulta do acaso de encontros de diferentes identidades e discursos fronteiriços, considerando, nesse portunhol selvagem, que “... además Del guaraní, posso enfiar numa frase palabras de mais de 20 lenguas ameríndias que existem em Paraguaylândia y el resto de las lenguas que existem en este mundo” (Diegues, 2009). Essa língua inventada remete à trajetória biográfica do poeta que o leva do centro à periferia e vice-versa: do Rio de Janeiro, onde nasceu à Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul, na divisa com o Paraguai, região original de sua mãe, filha de um imigrante espanhol e de uma paraguaia [...]. (KAIMOTI, 2011, p. 86)

Como se vê, escritor e poeta transfronteiriço, Douglas Diegues aprofunda o registro de uma língua e de pertencimento ao local, marcando compasso com a interculturalidade da fronteira entre Brasil e Paraguai; sua proposta político-linguística deixa-se entrever no próprio formato de suas obras, como o projeto “a cartonera”⁷, resultante da coleta de cartões ou papelão, em material reciclável⁸. Sobre esse escritor, a crítica literária e cultural já destacou a pertinência de uma prática “linguageira” e artístico-cultural: “Douglas Diegues, poeta *brasiguai* [...] nada mais expressivo do que o neologismo criado para designar a identificação transfronteiriça de Diegues.” (CARVALHAL, 2001, p.

⁷Cartonera é a própria forma que resulta da operacionalização da edição dos livros de Diegues, como no exemplo do livro que estamos cotejando: *Uma flor na solapa da miséria* (2007).

⁸Cf. DIEGUES: Portunhol selvagem em Quito. *Jornal O Progresso*. 24/11/2009.

19) Projeto ousado e de longo alcance operatório esse do escritor transfronteiriço Douglas Diegues, que se prolonga como arco de nossa leitura, cuja perspectiva de análise segue a trilha de sua melhor intérprete, em ensaio já referido⁹, em que o título, e particularmente o subtítulo da introdução, “Sobre mapas e fronteiras”, traduz-se num irradiante paratexto do projeto dieguesiano, sobretudo ao evocar a função germinativa da “fronteira” enquanto condição para a “passagem”, ultrapassagem, riscos e rasuras sobre a materialidade da escrita e, simultaneamente, do sujeito fronteiriço que assim se inscreve neste lugar/espço da fronteira. A epígrafe do trabalho aludido, tomada emprestada à crítica literária e cultural, justifica *per se* a força da argumentação: “[...] a fronteira (ou a zona de fronteira) é um espaço de ‘expectativa de reprodução’, onde algo migra, se reelabora e se refaz. (CARVALHAL *apud* KAIMOTI, 2011, p. 83) Sensível e provocativamente, Kaimoti lê o “Portunhol Selvagem” de Diegues a partir da base e mapa rasurado no qual o escritor transfronteiriço deixa perspectivado como *locus* o lugar/espço do seu próprio blog¹⁰ na *world wide web*: sobre a página que se lê ao abrir o blog surge, como pano de fundo e sugestivamente, um antigo mapa da América, cuja imagem “apresenta fronteiras que não correspondem àquelas do cenário político contemporâneo do continente, cuja origem não foi possível ainda esclarecer.” (p. 83), como se o escritor lançasse um convite, ao leitor, para retrçar um percurso de leitura e de orientação na “rede” que não lhe é dado *a priori*. Quer dizer, “[...] tenta-se estabelecer identidades culturais marcadas pelo cruzamento de diferentes origens, entre elas, predominantemente, as que se referem à origem nativa, ‘selvagem’” (p. 84). Com efeito, ao repisar a mobilidade / “labilidade” do lexema-ideia “fronteira”, Diegues joga com as (im) possibilidades todas que o leitor dispõe para perceber, inclusive, “o caráter contraditório e ‘incontrolável’” da sua produção poética, que, vista na confluência da fronteira com o mapa-título do blog do próprio escritor, “indica tanto um espaço móvel de troca, contrabando e travessia, quanto para a tentativa de demarcar limites geográficos, estéticos e culturais.” (p. 85) Visto desse ângulo, aquele subtítulo com o qual Kaimoti procura arregimentar forças e produção de sentidos na

⁹KAIMOTI. Douglas Diegues: ‘Las fronteras siguen incontrolables’, p. 83-106.

¹⁰Cf. <http://portunholselvagem.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 maio 2015.

proposta político-artística de Diegues, mostrando um *locus* cicatrizado na rede geográfica e por consequência no próprio gesto criador, acaba conduzindo à proposta de “desleitura” que se deve empreender diante do “mapa” dieguesiano. Dizendo de outra forma, através da mobilidade geográfica dos lugares fronteiriços, restou-nos verificar que a produção literária e cultural da região tende a se revelar na medida em que busca garantir um *locus* de substantivação para a sua própria discursivização. O que não contradiz seu próprio gesto inquiridor acerca da natureza do lugar de onde se fala, mormente quando se arrosta com a complexificação das ideias de lugar, região ou zona, mais plenas de deslindes quando na voragem da globalização cultural; daí a natural persistência, hoje em dia, na “permanência” do local. Pois, se a “periferia” não qualifica nem desqualifica a nossa produção cultural, fundamentalmente ela situaria o *locus* de nossa enunciação, segundo nos lembra ainda Hugo Achugar (2006, p. 90).

Disso tudo, vem ao encontro a formulação máxima do próprio Douglas Diegues, ao descrever os sentidos múltiplos dos vocábulos fronteiriços – “portunhol salvaje”, “crítica selbaje”, “crítica fronteriza”, de particular produtividade no discurso crítico contemporâneo no subcontinente¹¹. Como se lê, a seguir, segundo a assinatura do escritor Douglas Diegues:

¹¹Representativas reflexões acerca da crítica “fronteriza”, para as produções artístico-culturais no subcontinente e em especial para a ideia de fronteira, foram formuladas por Edgar NOLASCO, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) e por Zulma PALERMO em *Desde la otra orilla: pensamiento crítico y políticas culturales em América Latina* (2005).

U portunholsalbaje [sic] es la língua falada en la frontera du Brasil com u Paraguai por la gente simples que increiblemente sobrevive de teimosia, brisa, amor al imposible, mandioca, vento y carne de vaca. Es la lengua de las putas que de noite vendem seus sexos en la linha de la fronteira. Brota como flor de la bosta de las vakas. Es una lengua bizarra, transfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente. Pero tiene una graça salvaje que impacta. Es la lengua de mia mãe y de la mãe de mis amigos de infância. Es la lengua de mis abuelos. Porque ellos sempre falaram em portunhol salvaje comigo. Us poetas de vanguarda primitivos, ancestrales de los poetas contemporâneos de vanguarda primitiva, non conocian u lenguaje poético, justamente porque ellos solo conocian un lenguaje, el lenguaje poético. Con los habitantes de las fronteras du Brasil com u Paraguay acontece mais ou menos la misma coisa. Ellos solo conocen u lenguaje poético, porque ellos no conocen, non conhecem, otro lenguaje. El portunhol salvaje es una música diferente, feita de ruidos, rimas nunca vistas, amor, água, sangre, árboles, piedras, sol, ventos, fuego, esperma.

Douglas Diegues (DIEGUES, 2007, p. 3)

Ainda, o intenso repertório do grupo Sarandi Pantaneiro, que, apoiando-se em nossa imensa cultura indígena, demonstra consciência da amplitude cultural que extrapola nossos limites geográficos, estendendo suas atividades e repertório para a grande região do Chaco, com danças da Bolívia e do Paraguai, numa clara demonstração do retrato multifacetado dessa cultura rica e variada. Nisto tudo, destaca-se que, regularmente, desenvolve-se em Dourados a Semana dos Povos Indígenas, com multifacetados painéis, como, por exemplo, tratando de tópico sobre “Sustentabilidade, Organização e Direitos dos Povos Indígenas”, inclusive com palestras enfocando a cultura, a saúde e a educação indígenas, em espaço da Escola Municipal Tengatui Marangatu, dentro da própria Aldeia Jaguapiru, onde, deve-se frisar, estão aldeados moradores das três aldeias, Jaguapiru, Bororó e Panambizinho, no entorno da cidade de Dourados, e em cuja Escola registram-se alguns projetos institucionais.

Ao nosso entender, o poema “Genocídio”, de Emanuel Marinho, poeta douradense, demonstra estrita ligação entre a obra do escritor e o macrotexto cultural desta região, particularmente ao se evocar a questão indígena na região com as relações sociais conflituosas, a cada dia mais acirradas, coincidindo com o lançamento do filme “Terra Vermelha” do italiano Marco

Bechis¹². Com a segunda maior população indígena do Brasil, de mais de 70 mil cidadãos, Mato Grosso do Sul abriga as etnias Atikum, Terena, Nadeva, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinawa, Guató, Ofaié e Kamba.

Este percurso nos permite indicar o amplo quadro cultural que se pode delinear na região sul do estado de Mato Grosso, especialmente na região da Grande Dourados, que se mostra como significativo campo de produtividade, desde os estudos culturais regionais aos estudos interculturais: em relação aos regionais, destaca-se a rica produção em literatura e artes plásticas; enfim, toda esta região fronteiriça – Ponta Porã, Aral Moreira, Caarapó, Amambaí e Coronel Sapucaia –, povoada por imigrantes de toda parte, também foi, no passado, foco de projetos colonizadores que redundaram numa efervescência cultural, ligada, por exemplo, à cultura da erva-mate e à Companhia Mate Laranjeira¹³. Enfim, a região sul-mato-grossense e seu entorno compreende variado e matizado espectro histórico-cultural, seja por sua ligação com dois países latino-americanos, seja ainda pela presença de uma cultura migratória externa (síria, turca, libanesa, portuguesa, japonesa, italiana) e interna (nordestina, mineira, gaúcha, paranaense e paulista), além da cultura indígena e de outros fatores que resultam num processo de sucessivas interações e oposições no tempo e espaço.

A reflexão a partir deste *lócus* específico justifica-se por um processo de formação cultural particular que, temperado por outros processos culturais diversificados, oferece-se hoje como um rio caudaloso a reunir o próprio e o alheio, num produtivo universo cultural, de interculturalidade, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais, culturais e interculturais¹⁴. Propomos uma análise dos textos que compõem a crítica literária e cultural contemporânea, procurando a reverificação conceitual dos “rótulos” de região, região cultural e regionalismo, com vistas à sua adequada operacionalização e abordagem diante de obras e autores da nossa literatura de fronteira.

¹²TERRA VERMELHA. Direção: Marco Bechis. Mato Grosso do Sul: Paris Filmes, 2008, 1 DVD/ROM (108 min.), son., color., Português.

¹³Observa-se que a companhia Mate Laranjeira está estritamente ligada ao processo de colonização na região e, em particular, com a obra *Selva Trágica*, de Hernâni Donato, que é objeto central deste trabalho.

¹⁴Para o percurso inicial destas reflexões, remetemos para os trabalhos de CARVALHAL (2003); DINIZ; COELHO (2005), e principalmente SANTOS (2008, 2011a, 2012).

A partir daí, interessa-nos repercutir a ideia de práticas literárias e culturais compartilhadas e originárias de um chão cultural local, particular e próprio, circunscrito na confluência histórico-geográfica da macrorregião de fronteira (chão do Apa), remarcando a representação de alguns elementos literários, linguísticos e / ou culturais que, *grosso modo*, conlevam elementos para uma geocrítica, derivando em reflexões em torno das questões de zonas, espaços regionais, que impõem níveis de reflexão acerca de região, fronteira, zonas fronteiriças, periferia etc., segundo o argumento de Pageaux (2011), ao avançar reconhecendo realidades geoculturais, dentre as quais as literaturas “regionais” levam inclusive ao reconhecimento da “vocação internacional de uma ‘região’, de uma cidade.” (p. 82-83). Busca-se assim sistematizar um espaço fronteiriço cujo delineamento traduziria a vincula o daquelas práticas com o contexto sociocultural que as propiciou, mediante o estabelecimento de um solo (chão) cultural particular, ou, dizendo de outra forma, com o lugar / *lócus* de enuncia o das diversas forma es discursivas compondo os *loci* de investiga o. Tanto é assim que, vários textos, de natureza literária ou não, podem ser lidos segundo construto de “referência” destes topos.¹⁵ Com efeito, a pesquisadora Arlinda Dorsa (2001, p. 20), com propriedade, observou: “  importante em Mato Grosso do Sul reconhecer suas características históricas, culturais, resultantes de sua proximidade com o Paraguai e a Bolívia, dois países latino-americanos, que fazem fronteira com o mato Grosso do Sul.”

¹⁵Cf. dentre outros: *Cunhataí*: Um romance da Guerra do Paraguai, de Filomena Lepecki (2003), *O livro da Guerra Grande*, de Roa Bastos, Maciel, Gadea e Nepomuceno (2002), *O guia de Mato Grosso*, de Eduardo de Noronha (1909), *Mato Grosso de outros tempos*, de Ast rio Monteiro de Lima (1979), e *...aquele MAR S CO: O PANTANAL*, de Rogério de Camargo (1955).

1.2 – Regionalismo e literatura de fronteira

Antes de tudo, devemos observar o fato de que representativa bibliografia, resultado do Projeto institucional “Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteiras”, já pode ser registrada seja em função de trabalhos escritos e publicados, seja em função da organização de seminários/eventos temáticos de expressividade regional e nacional, que embasariam, por assim dizer, as linhas centrais deste trabalho e anunciam o foco da análise e da discussão aqui empreendidas. Assim, cabe destacar, dentre outros, os trabalhos intitulados “Regionalismo e literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai”¹⁶, “Viventes dos pantanais e cerrados”¹⁷, “Fronteiras do Local: O Conceito de Regionalismo nas Literaturas da América Latina”¹⁸, bem como o trabalho seminal do professor Mário Silva Leite, “Acesso-global-linhas-locais: globalização, regionalismos e identidades do/no interior do Brasil”, publicado no livro *Cânone e anticânone: A hegemonia da diferença* (CUNHA; LEITE; NOLASCO, 2012, p. 95-113).

Desta perspectiva, assinala-se a complexidade da questão que se anuncia, uma vez que o tratamento a ela dispensado vem frequentemente marcado pelo olhar historiográfico que, no caso, a partir do Romantismo, ao valorizar o nacionalismo como vertente nacional, fixava seu olhar na “pintura” da natureza e de uma “natureza tipicamente brasileira”, quase sempre fixando-se na cor local ou no que é de origem local (ROUANET, 1999, p. 9-30). O regionalismo, ora enclausurado, promove rivalidades entre regiões e possui um “conteúdo” de limitação, ora como literatura regional, encontra-se restrito à exploração do pitoresco e do que é típico de uma região. Uma visada assim oblitera o fato de que, se toda obra de arte é regional, isso não elimina seu componente de nacionalidade e universalidade. Salienta-se, ainda, o fato de que se trata de uma região fortemente vincada por todas as flexões do

¹⁶IX JALLA Brasil-Jornadas Andinas de Literatura Latino-americana: integração e interlocução, 2 a 6/08/2010, *Anais...* Niterói-RJ. p. 1607-1611.

¹⁷V GELCO- Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste. 27 a 30/09/2010. *Anais...* In: *Revista Raído*. Dourados. Editora UFGD, 2010, p. 93-108.

¹⁸VI Seminário de Literatura, História e memória: Literatura e cultura na América Latina. Unioeste / Cascavel, 2009. Disponível em: <http://revista.unioeste.br/index.php/rlhm/issue/view/265/showToc>. Acesso em: 17 jun. 2015.

sintagma “migratório” e que o próprio entendimento sobre “região” precisa ser revisitado. Trata-se, antes de tudo, de compreendê-la como dinâmica de um processo, onde as relações entre região, espaço e representações, subsumidas no texto e nas demais manifestações culturais refletem as diversificadas formas de representação. A crítica, fundamentada na teoria literária, orienta as investigações nessa área de estudos:

[...] uma região não é, na sua origem, uma realidade *natural*, mas uma divisão do mundo estabelecida por um ato de vontade, [...]. A região deixa de ser um espaço *natural*, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural ou literária. (BONIATTI, 2000, p. 85-86)

Sob este ângulo, a “região cultural” do extremo oeste brasileiro constitui-se como *lócus* para o surgimento de uma literatura particular, tornando possível a discussão sobre a presença de manifestações culturais muito representativas para a historiografia regional e de modo notável para os estudos de Literatura Comparada, especialmente no que se refere à análise das comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteiras (CARVALHAL, 1994; 2003). Este universo se reveste de complexidade, particularmente ao se focar as relações interculturais entre os estados e Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mais os cruzamentos interculturais com países vizinhos como o Paraguai e a Bolívia. Uma região assim prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do comparatismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. Ao analisar as “fronteiras do Cone Sul”, Léa Masina sublinha que “a História dos países do Cone Sul estrutura-se em torno da figura do *contrabando*”, por isso deixando entrever “situações que a Literatura Comparada modernamente contempla: o da *contaminação*, o da *migração de temas*, o da *intertextualidade*, o da *interdisciplinaridade*.” (MASINA, 1995, p. 845). Além das pesquisas realizadas por Masina, que se orientam para a constituição de um quadro de referência próprio ao Sul do Brasil, trabalhos nessa direção vêm sendo desenvolvidos por outros pesquisadores, seja no Sul ou no Norte do Brasil, como bem demonstram as reflexões críticas de Boniatti (2000) e de Cosson (1998).

Se, conforme Cosson (1998), o regionalismo, *per se*, é duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e pela representação literária de uma determinada região do país, e, ainda, se a distinção entre o *regionalismo* e a *literatura regional / sistema literário regional* deve ser preservada pela alusão e semantização de “conteúdos” específicos, além de agenciar gêneros e / ou formas diferentes, logo a proposta de caracterização de uma “região cultural” (tema que nos interessa em particular) parece justificar-se de modo especial quando se consideram os cruzamentos entre mais de um território nacional, que, neste caso, reflete a proposta aqui apontada e formulada como problema: a região cultural do extremo oeste do Brasil, no Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul. A caracterização de uma região cultural específica, marcada pelas relações de troca, transferências e traduções de outras regiões, essas também caracterizadas por outros regionalismos particulares, procuraria explicar as relações, trocas-transferências, entre o próprio e o alheio e o entrecruzamento de uma região e outra. A região cultural objeto de nossa reflexão mostra-se como uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do “melting-pot” da fronteira Brasil-Paraguai. Trata-se da região que fez germinar um escritor como Hélio Serejo, dos mais singulares da literatura regional brasileira, já comparado a Jorge Amado e autor de exatas sessenta e três obras literárias (LINS, 2002, p. 19-22)¹⁹. Isto sem menosprezar igual representatividade literária do escritor Hernâni Donato e ainda a de Douglas Diegues, dentre outros.

A postulação de “regiões culturais” encontra no crítico argentino Ricardo Kaliman sua formulação mais específica e orientadora. Ao estudar o conceito de região a partir da teoria literária, Kaliman propõe a verificação da relação entre literatura e espaço. Assim, há um lugar de onde se escreve, o espaço de enunciação e um lugar como tema sobre o que se escreve propriamente dito, que resultariam num lugar no qual circula a literatura (KALIMAN, 1994, p. 3-5). Ainda, reconhece o autor a validade do conceito de

¹⁹Registra-se a recente publicação de *Obras completas de Hélio Serejo* (Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini). Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul / Editora Gibim, 2008, 9 volumes. Especialmente porque encontra-se aí reunido um de seus livros, *Fiapos de regionalismos*, até então inédito. Ver: SEREJO, 2008.

literatura regional, que, explícita ou implicitamente, mantém sua validade: “[...]a literatura regional seria aquela produzida por autores que escrevem em certa região e falam dessa mesma região.” (p. 8). Todavia, essa constatação mostra desdobramentos, uma vez que Kaliman propõe uma circunscrição espaciotemporal mais abrangente para a constituição das regiões, ao reconhecer que a “referência” de uma região decorre de um critério dado em função dos interesses de uma determinada investigação. Daí sua proposta avançar para um lugar de relevância para os estudos de “região cultural”, pois, desse modo, *região deixa de ser um postulado para tornar-se uma hipótese*. Propõe pensá-la como instrumento para a produção de conhecimento, considerando-a como um conjunto heterogêneo, *una circunscripción espacio-temporal*, o que revitaliza o debate sobre a diferença entre região física e região constituída por afinidades ideológicas e conceituais. *Circunscripción* traslada uma ideia implícita, digna de discussão, pois, “una región no es el conjunto de realidades materiales contenidas dentro de determinados límites espacio-temporales, más precisamente, el constructo mental – o social, según el marco conceptual en el que estemos trabajando – en el cual imaginamos esos límites.” (KALIMAN, 1998, p. 2)

É assim que, Hélio Serejo, o eminente regionalista da fronteira Brasil-Paraguai, parece ter formatado a tradução cultural da região, tornando-se ele mesmo uma espécie de mimetismo da cultura deste Brasil Meridional, no extremo Oeste, ao escrever de próprio punho:

Eu sou o homem desajeitado de gestos xucros que veio de longe. [...]. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira da estrada, de fogo da queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. (*apud* LINS, 2002, p. 34)

Observam-se, nesses versos de Serejo, perspectivas de análise extremamente produtivas nas obras de escritores da região: de um lado, o registro e a fala sobre o local, a fronteira, de outro, a força épica que transcende um lugar, espaço da enunciação, abrindo-se para o Outro como fator de entrecruzamento, para o mundo como espaço de diálogo e escritura dos textos. Essa intenção voltada para a reescritura do épico como força que

reintegra a história através do lirismo é patente não só nas narrativas (romances), mas também em poemas cuja feição épica visa à reconstrução da história e dos fatos que marcaram a região. É o caso, por exemplo, de mencionar o “lirismo sintético” da escritora regionalista Raquel Naveira, autora de *Guerra entre irmãos – Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*, e de *Caraguatá*, cujo subtítulo “Poemas inspirados na Guerra do Contestado” também enfoca um evento histórico ocorrido nesta região cultural (RAMALHO, 2005, p. 141-149). A produção narrativa sobre a Guerra do Paraguai tem merecido várias interpretações dos escritores regionalistas, alguns premiados, como é de se notar a obra *Cunhataí – Um romance da Guerra do Paraguai*, de Filomena Lepecki, e *O Livro da Guerra Grande* de autoria do paraguaio Augusto Roa Bastos, do brasileiro Eric Nepomuceno, do argentino Alejandro Maciel e do uruguaio Omar Prego Gadea (VASCONCELOS, 2004, p. 259-263). À demanda de uma produção literária voltada para esta questão específica, a crítica não tem respondido satisfatoriamente, como também a pesquisa universitária ainda se encontra em um estágio preliminar de avaliação, recuperação e análise das nossas manifestações artístico-literárias e culturais.

É assim que o crítico paraguaio Rubén Bareiro Saguier (nosso vizinho), em “Encontro de culturas”, que abre o formidável compêndio da literatura latino-americana, chama a atenção para o nosso “problema” essencial: o de encontrar a identidade cultural, que já se refletiria na própria literatura cuja linguagem busca concretizar um conteúdo *dentro de um contexto político não unificado*. (SAGUIER, 1979, p. 3)

Contudo, interessa-nos ainda sublinhar que, de nossa perspectiva de análise, podemos constatar o registro de uma discursivização própria em torno da literatura produzida nesta região Centro-Sul do Mato Grosso do Sul, refletora de uma região de “[...] fronteira viva, lindeira com um país de cultura tradicional e espanhola, como é o Paraguai. Uma cultura que se forma, portanto, à sombra da história local.” (MASINA, 2008, p. 10) O que equivaleria também a reconhecer o poder cultural que o espaço geográfico da fronteira Brasil-Paraguai representa, e que pode ser descrito e lido, seguindo a mesma perspectiva da crítica do regionalismo, como “o espaço que as obras descrevem, o tema que é retirado deste mesmo espaço em que as obras serão

estudadas e reconhecidas” (KALIMAN, 1994, p. 5). Em sintonia com a nossa reflexão, o escritor e professor amazonense, Milton Hatoum, autor de *Relato de um certo oriente*, vem explicar como não só sua própria obra, mas a de todo escritor, está vicariamente ligada a um “lugar” de enunciação, ou seja, de pertencimento do escritor:

Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe, como um sonho ou um pesadelo. (HATOUM, 1989, p. 11)

Ainda, evocando essa voz-matriz dos regionalismos, a crítica comparatista de olhar perspicaz aprofunda a noção produtiva de “fábula do lugar”, e localiza um *ethos* e uma prática sintetizadora do pensamento guilherminiano, no sul do Brasil:

Assim, pois, revisitar a produção de Guilhermino César, hoje, pela mediação de seu pensar teórico-crítico sobre o Regionalismo, incide em certa representação da Literatura Brasileira como **fábula do lugar**, antecipando-se às palavras de Jean Bessière, quando este comparatista francês diz: “Le lieux’invente de lui-même, hors de toute illusion, dans la mesure où il transcende les signes, ou ils’absente de tout emploi qui puisse être fait des signes, de ses signes”. (SILVA, 2009, p. 162) (Grifo nosso)²⁰

Para em seguida complementar a ideia de “fábula do lugar”, sublinhando a produtividade de um regionalismo que transgride geografias, sentimentos e subjetividades com vistas a inserir toda a literatura nacional na comunidade mundial, na passagem da pequena província à “província mundi”:

[...] o regionalismo encontra sua completude nessa eterna busca de ultrapassagem: corpo estável, faz-se arquivo do nativismo, do “folklore” e do pitoresco, gravando a fisionomia do Mesmo no espaço local; corpo errante, inventa o Outro, concedendo-lhe o espetáculo da terra relocada; corpo ressimbolizado, o regionalismo restitui ao homem a paisagem da subjetividade redesenhada, tal uma cartografia do imaginário [...]. (SILVA, 2009, p. 163)

²⁰Tradução Livre: “O lugar se inventa dele mesmo, fora de toda ilusão, na medida em que transcende os signos, onde deixa qualquer emprego que possa ser feito dos signos.” Ver: “Guilhermino César e a invenção do regionalismo”, da comparatista Maria Luiza Berwanger da Silva, integrando a coletânea de ensaios, recentemente publicada, em comemoração ao Ano da França no Brasil. In: SILVA, M. L. B. *Paisagens do dom e da troca – Da reinvenção à invenção*. (2009).

Para o crítico literário, decerto que a fortuna de um escritor não resulta tão-somente das condições que garantiram o sucesso e divulgação “universal” de suas obras; para uma justa valoração das obras e autores, mais nos interessa verificar aquilo que os tornam originais, o *vate* de um lugar, um espaço, uma localização. Assim, no caso de nossa literatura brasileira, fazendo ver como *as diversidades regionais se articulam com o todo nacional e o constroem* – lembrando que, assim como a nação, a região é também uma tradição inventada (SENA, 2003, p. 135)²¹. Interessa ainda ao crítico comparatista sublinhar que:

A noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adota idênticos procedimentos de construção e de afirmação. O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as particularidades locais e mostrando as várias maneiras possíveis de ser brasileiro.²² (CARVALHAL, 2003, p. 144-145)

Em outras palavras, o exotismo das diferentes reflexões estampadas pela “fábula do lugar”, na feliz conceituação da crítica da “invenção” – e da reinvenção – do regionalismo na arte de nosso tempo, é “melodia íntima e visualidade, o lugar de origem constitui tanto o arquivo das sensações matriciais, quanto a figuração de paragens nas quais a subjetividade se decanta.” (SILVA, 2009, p. 168)

Retomamos o texto do mestre Guilhermino Cesar – lembrando que a nossa literatura origina-se da sua condição de fronteira viva com o Paraguai, portanto lindeira com um país de cultura tradicional espanhola que se forma à sombra da história local –, que assim enfatiza:

²¹Remetemos para o indispensável livro *Interpretações dualistas do Brasil* (SENA, 2003), principalmente no capítulo IV, no qual a estudiosa das regiões culturais aborda com profundidade, originalidade e perspicácia a análise acerca do assunto. Ver, também: “Inventando regiões” (SENA, 2009).

²²Ver: Carvalhal. “O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro”, que traz relevante discussão acerca de região e regionalismos em contraface com a criação dos nacionalismos e do estado-nação, na esteira do livro de Benedict Anderson (1991): *Comunidades imaginadas*.

[...] Só pode enriquecer uma literatura essa busca apaixonada do que é típico na sociedade, quando nada, para que a expressão estética represente forças de vida convergentes, construa a autenticidade de dentro para fora, ou seja, buscando o geral e o universal, no homem e suas paixões. Em outras palavras, o regional é o primeiro estágio de toda literatura. Sob pena de cair no despaisamento, no incharacterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa. (CESAR, 1969, p. 241)

Ainda, escrevendo de outra perspectiva, mas de significativa produtividade e “originalidade”, Olivier Rolin (2002) demonstrou que cada escritor volta-se para sua própria “paisagem original”, uma vez que a sua obra conduziria aos labirintos minuciosos do passado, assim como os amores da infância correm no mundo dos sonhos, e que há um *estranho frêmito que cresce em todos nós nesses momentos em que a lembrança se une ao sonho*. De tal forma que a paisagem original de um Borges, por exemplo, reduzir-se-ia a seus elementos absolutamente primevos, *do espelhamento infinito, repetição de um tempo cíclico, reprodução de um mundo original do qual o nosso seria apenas a imagem especular*. Desse ângulo, resultaria uma concepção de “lugar, espaço da memória” na qual “as paisagens originais são os espaços sentimentais pelos quais estamos ligados ao mundo, os istmos da memória” (ROLIN, 2002, p. 148-149) Sob esse prisma, em relação à obra de nossos escritores sul-mato-grossenses, seriam encontráveis marcas e rastros de nomes e assinaturas dos escritores/autores, deixando-se refletir como num espelho tríptico, onde suas escrituras são, simultaneamente, contraface da história do local e do chão em que todos os três germinaram.

Com efeito, já se sublinhou bastante o fato de o poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros ter aprendido com o Pantanal e com ele ter realizado uma “aprendizagem”, que se demarcou como o “lugar” de experimentação e vivência do sujeito, de suas narrativas e de sua voz poética.²³ Berta Waldman, por exemplo, apresentadora de *Gramática expositiva do chão*, e o historiador Durval Albuquerque Junior, em ensaio

²³WALDMAN, Berta. Poesia ao rés do chão. In: BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão*. RJ: Civilização Brasileira, 1990, p. 15. Também: ALBUQUERQUE Jr., Durval M. de. História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória. In: _____. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: Edusc, 2007. Capítulo 4, p. 85-97. Cf. Neste sentido a obra de BARBOSA (2014), e BARBOSA; SANTOS (2009).

instigante, busca na poética manoelina o suporte para a revisão dos postulados de sua disciplina e a notável produtividade que advém de uma arte que reinventa o passado; ao retomar o lugar do Pantanal, a partir do topos “deslimites do vago”, dado no verso “tudo prefere os deslimites do vago, se entorna preguiçosamente e inventa novas margens”, do *Livro de pré-coisas* (1985), que se expande noutros versos do autor:

Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. (BARROS, 1985, p. 69)

A partir desses versos, o ensaísta Albuquerque Junior constrói uma perspectiva aprofundada da poética manoelina, de modo a fazer reincidir sobre a própria matriz enunciativa uma selva de signos carregados de valores indiciários do diálogo e da interculturalidade, palpantes na escrita do poeta – cisco ou coisas do ínfimo são alguns desses signos que ancoram a leitura sobre o sujeito e seu local:

Uma história capaz de descobrir beleza no pequeno, no ínfimo, no pobre, no traste, no abandonado, no trapo, no vil, no chão. Uma história que não olhe apenas para o alto, para as coisas celestiais, para o grande, para o grandioso, para o famoso, para o heróico, para o único, para os espalhafatos do poder, mas que se deixa seduzir ‘pelas pessoas apropriadas ao desprezo’, que tenha olhos para o ordinário, o cotidiano, o sem-nobreza, o sem-riqueza, o sem-saber, todos os “sem–algo” que pululam em nossa sociedade pós-moderna. Sociedade que, como dizia Foucault, possui uma nova artimanha, a de incluir excluindo; que tem na exclusão parte importante do funcionamento do sistema. Sociedade da sobra e do resto, que precisa de um saber capaz de fazer destes ciscos, destes restolhos, novos inventos, que saiba dar grandeza aos andrajos, que tenha um olhar para abaixo, para o menor, para o insignificante, para os seres que na sociedade são chutados como lata: esta é uma questão de ética e uma questão de estética. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p. 94-95)

Sob esta perspectiva, a prosa de Manoel de Barros passa a constituir naturalmente uma “espécie de épica às avessas”²⁴ ; é recorrência de coisas que se desenvolvem num tempo e num espaço quase que narrativo, meio que descritivo, no qual o projeto maior do sujeito é uma escrita metonímica do seu lugar de enunciação – o Pantanal. Aliás, este lugar, o Pantanal da

²⁴Ver: CAMARGO (2004).

Nhecolândia, foi definido “como um livro que nós, da universidade, não sabíamos ler”, conforme observou Fernandes, ao entrevistar um dos narradores pantaneiros:

Fiquei extático diante da profundidade desta definição. Ele [o narrador pantaneiro], em outras palavras, dizia com isso que os causos contados por ele não são para serem entendidos dentro dos paradigmas verdade/mentira, origem/persistência, mas sim, em seus contextos de produção e de significação. (FERNANDES, 2004, p. 92)

Segundo a estudiosa, perguntando se a fidelidade ao meio constitui um imperativo da prosa poética manoelina, a resposta é afirmativa. *Livro de pré-coisas*, *Para encontrar o azul eu uso pássaros* e a tríade *Memórias inventadas* expressam uma intenção voltada para o regional e o local. Muitas passagens desses textos revelam, intencionalmente, a história e o registro de acontecimentos cruciais como é o caso da Guerra do Paraguai, os episódios da infância do Autor e, ainda, as imagens do Pantanal. A tipologia do pantaneiro encontra aqui, como a do gaúcho, em Simões Lopes Neto, um cenário característico que se impõe por sua veracidade. Dessa perspectiva, o registro de um *ethos* particularizado é evidente. Manoel de Barros mantém o protótipo do pantaneiro tradicional; veja, por exemplo, no texto “Lides de campear”, onde o Autor define o que é um pantaneiro, inicialmente evocando o significado exposto na *Grande enciclopédia Delta Larousse: Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar* (BARROS, 1985, p. 35). Ao contestar a comparação, o escritor argumenta que *a natureza do trabalho determina muito*, pois como a lida a cavalo é monótona, repetitiva até por dias inteiros, além de cansativa, *sempre um desafiar, um porfiar inerente*, exige persistência. Assim:

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros, - **é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra seu ser**. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação. (BARROS, 1985, p. 35) (grifos nossos)

Já em livro de 1985, obra cuja representatividade torna-se um marco, também pela significativa anterioridade na obra completa do escritor, a partir do qual a reflexão sobre a identificação do elemento regional cresce, visível e

exponencialmente, Manoel de Barros indica no próprio título o lugar da enunciação, a voz do escritor, e o relato da vida nos pantanais – segundo as “coisinhas miúdas” que vêm revelar e encher de significação o universo do discurso da obra: trata-se da prosa subintitulada *Roteiro para uma excursão poética no Pantanal*, cujo título é *Livro de pré-coisas*. O título, assim, na sua significação mais plena, de elemento do paratexto²⁵, constitui um claro convite ao conhecimento de um lugar em especial, original, santuário / terra natal não só do nascimento do poeta, mas sobretudo de suas vivências, ele mesmo um vivente dos pantanais, que, logo em seguida descreve o lugar desta enunciação na abertura do texto “Mundo renovado”: “No Pantanal ninguém pode passar régua [...] A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.” (BARROS, 1985, p. 31). Em sequência, na abertura do texto “Carreta pantaneira”, fala de um lugar onde as coisas acontecem através do *não-movimento*, elas apenas aparecem; imagens do visto e do que se vê, lugares sem limites, em um tempo primordial: “As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem”. (BARROS, 1985, p. 33)

Sublinha-se, de fato, que a linguagem de Barros e Rosa nasce na voragem da oralidade, que vem a constituir um registro interdiscursivo, fazendo aflorar o elemento primaz e soberano de suas escritas – a tradição da oralidade. Como se o próprio Vaqueiro Mariano relatasse o Pantanal como mundo, recriando retalhos de textos, de enunciados obtidos ao longo do tempo e da vida; resultante de uma oralidade dos narradores-contadores de causos pantaneiros, como bem destaca a perspicácia crítica do estudioso Wander Melo Miranda: “Guimarães Rosa conseguiu fazer algo extraordinário: *Grande sertão: Veredas* é, nas palavras de Roberto Schwarz, o resultado de quinhentos anos de oralidade. É totalmente oral e, ao mesmo tempo, totalmente letrado”. (MIRANDA, 2006, p. 165)

Ainda, desta perspectiva, é notável o trabalho realizado pela pesquisadora Ilva Boniatti²⁶, elaborando uma reflexão que descreve as várias

²⁵Assunto que abordaremos no próximo capítulo, no subitem 2.2, intitulado “O paratexto como produção de sentido”.

²⁶Cf. BONIATTI; PORSCHE (2009). *Descrições e mapeamento das regiões culturais na literatura do Rio Grande do Sul*.

regiões culturais na literatura do Rio Grande do Sul. Nisto, seu trabalho reflete as nossas preocupações em sistematizar as regiões culturais do estado do MS. Segundo Boniatti, que retoma as reflexões de Ángel Rama, a justificativa sobre regiões culturais assenta-se no fato histórico das diversas colonizações (açoriana, alemã, de fronteira, italiana, judaica, missioneira, urbana), que construíram os diversificados *ethos* da literatura sul-rio-grandense. Também, daí, origina-se o recente trabalho que aborda as relações literogeográficas na literatura sul-mato-grossense²⁷.

Ainda, deste ponto de vista, relevante para nossa reflexão, ocorrem as análises do professor Paulo Nolasco dos Santos, em capítulo que se volta para a crítica em nossa região de fronteira e o representativo papel do escritor Hernâni Donato:

Há que sublinhar seu altissonante poder de inventividade épica, sobretudo no relato da saga dos ervais. Autor de obra copiosa, é no relato do “drama do mate” que o nome do escritor cresce e concorre largamente com a própria história do drama ocorrido nos ervais: *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*, publicada pela primeira vez em 1959, é particularmente sua grande obra. Neste ano, os romances *Filhos do destino: história da imigração e do café no estado de São Paulo* (1951) e *Chão bruto* (1956) estavam na segunda e quinta edições, respectivamente, e Donato já se consagrara como escritor. Seu primeiro livro, *O livro das tradições*, é de 1945. Ambientado na região Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul, *Selva trágica* é pujante narrativa épica a tratar das “dantescas condições de trabalho da região” à época da extração da erva, daí extraíndo a seiva para o merecido reconhecimento da crítica literária e cultural. Fábio Lucas já caracterizou a obra como “um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil.”²⁸ A história de vida do escritor, sua perceptível formação de homem devotado à cultura de modo geral e à convivência no mundo da erva-mate, compartilhando as experiências do peão do erval, correspondem à vigorosa estatura de suas narrativas e ao sucesso que elas angariaram. Três obras suas foram adaptadas para o cinema: *Selva trágica*, *Caçador de esmeraldas* e *Chão bruto*, esta por duas vezes. Aliás, esses filmes, ao lado da narrativa literária, vêm compor todo um campo de intermedialidade das artes sul-mato-grossenses que ainda requer reflexões aprofundadas. [...]. Ainda, sobre a obra de Hernâni Donato, cresce o interesse de estudiosos, ora pelo caudal cultural e híbrido de suas narrativas, ora pelo caráter de

²⁷Cf. PINHEIRO (2014). *Geografia e literatura: diálogo em torno da construção da identidade territorial sul-mato-grossense*.

²⁸LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

complementaridade dos estudos contemporâneos, mais atentos as manifestações e produções simbólicas da região de fronteira sul-mato-grossense: o professor e historiador Jérri Marin²⁹ se destaca na análise que faz da obra de Hernâni Donato, em especial pela discussão do “Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia” e ao focar a representação feminina na obra do autor; já o professor e geógrafo Robinson Santos Pinheiro vem estudando as relações entre geografia e literatura, num trabalho pioneiro para a compreensão do nosso *constructo* literário e do elemento espacial-regional. (SANTOS, 2010a, p. 37-39)

A retomada de nosso escritor, Hernâni Donato, e sua profícua produção, recepção e papel na literatura sul-mato-grossense é ainda abordada em artigo luminoso que se intitula “Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável”, que integra a coletânea de ensaios sobre a nossa literatura: *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul* (2013a), no qual Jérri Marin resgata fontes quase inacessíveis da obra de Donato, que será objeto de nossa reflexão no próximo capítulo deste trabalho.³⁰

²⁹Cf. MARIN, Jérri. “Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia”. In: ABDALA-JUNIOR, Benjamin; SARPELLI, Marli Fantini. (org.). *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p.325-342; MARIN, J. As representações femininas em *Selva trágica*, de Hernâni Donato. In: PERARO, M. A.; BORGES, T. de M. B. (org.). *Mulheres e famílias no Brasil*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2005, p.105-126. Ver também: PINHEIRO, Robinson Santos. Linguagem geográfica e literária: Apontamentos acerca da construção da identidade territorial sul-mato-grossense. In: *Ráido* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Dourados-MS, n. 5, jan. / jul. 2009.

³⁰Cf. MARIN. In: PINHEIRO; BUNGART NETO. (2013a, p. 121-143).

1.3 – Textualidades regionais ou chão da cultura transfronteiriça

[...] a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação. O que significa “diferencial”? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno.

Histórias locais / Projetos globais
Walter MIGNOLO (2003, p. 167)

A epígrafe acima, retomada como citação, deverá expandir seus sentidos, no corpo desta reflexão (subitem 1.3), não só pelo fato de representar a emblemática obra de seu autor (Walter Mignolo), mas particularmente pela luz que lança quando relacionada com pontos de vistas de outros estudiosos de área, pares do autor e aqui chamados ao diálogo.

Assim, do ponto de vista da crítica literária e cultural, as obras de Walter Mignolo (2003), de Édouard Glissant (2005) e de Beatriz Sarlo (2007) [trad. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. S.P., Iluminuras, 2008] reafirmam um *locus* de enunciação cujo pensamento pós-colonial, enquanto discurso crítico latino-americano, resulta em enfática proposta direcionada ao lugar do compromisso e/ou ao compromisso com o lugar, referindo-se assim aos estudos literários na América Latina, na atualidade. Dessa perspectiva, evocando o quadro da literatura paraguaia com seus escritores Héríb Campos Cervera e o reconhecido Augusto Roa Bastos, os críticos Barros & Fleck (2010), enfatizam o caráter de revide de nossas literaturas, fazendo valer o compromisso com

[...] nossas ideias e os fundamentos estéticos de críticos como Thomas Bonnici (2000, p. 10), que pontua que essa literatura está dirigida ‘principalmente a pessoas que estão conscientes da necessidade de revide à realidade de exclusão à qual todos nós da América Latina fomos submetidos’, cuja ‘abordagem alternativa [...] envolve um constante questionamento sobre as relações entre cultura e imperialismo [...]’, e na qual a ‘preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e oprimidos, para a recuperação da sua história, da sua voz’. (BARROS; FLECK, 2010, p. 85)

Por sua vez, Zulma Palermo (2005), em *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*, problematiza a noção de “literatura” e o lugar que se lhe atribuiria no terreno da “interculturalidade”, entendida como operação política de descolonização. Dois aspectos parecem fundamentais à análise da crítica: primeiro, o de uma hermenêutica pluritópica, que, ao

“ ‘pensar en lenguas’, es decir, en colocar también en simetría las distintas lenguas en uso sin establecer jerarquías de poder entre ellas.”, [a qual] “posibilita la articulación entre distintas formas de conocimiento y de comprensión a partir de la aceptación de la existencia de la diversidad de la experiencia, de los distintos procesos de formación sociocultural – y por ende lingüística – ,”;

segundo, o de uma hermenêutica comparatista, que:

“instaura una reciprocidad cultural, una interacción plural, que induce conocimiento a partir del contacto con otra(s) cultura(s). El comparatista, entonces, es un intérprete que, utilizando métodos y procedimientos pertinentes a los textos culturales y a los discursos sociales que lee, se localiza en el entre de las culturas y de sus producciones simbólicas que contrasta para colaborar en su comprensión.” (PALERMO, 2005, p. 174)

Já em ensaio intitulado “O regionalismo como outro”, publicado na revista *estudos de literatura brasileira contemporânea*, cujo número temático dedica-se a “literatura e resistência”, a autora investiga, a partir das concepções de Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Alfredo Bosi e Antonio Candido, a construção do discurso crítico sobre o regionalismo. E mostra como se desenvolveram os processos de regionalização e nacionalização, no Brasil, desde a passagem do Império para a República, uma vez que a construção desse discurso foi tocada por razões políticas: os conceitos de “nação” e “região” surgem como opostos, na medida em que um aparece ligado à cidade enquanto centro do poder, enquanto a ideia de “região” surge ligada a um “outro” posto em relação ao poder central. Decorre daí a ideia de que a palavra “regionalismo” vem atrelada “com um discurso coberto de preconceito.”:

Falar de regionalismo causa sempre uma estranheza. Estranheza que vem do fato de a palavra regionalismo estar investida de uma carga semântica que, no mais das vezes, remete a nacionalismos baratos e tacanhos. *Grosso modo*, regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico. (ARAÚJO, 2006, p. 113)

Para justificar suas afirmações, a ensaísta revisa a posição dos críticos-historiadores do regionalismo. E, ao final, arrazoza acerca da constatação de que o próprio ato crítico, através das histórias literárias, esteve relacionado com a ideia de hierarquia; o que, convenhamos, não pode mais ser reconhecido, hoje, diante de uma perspectiva teórico-crítica receptiva à “elasticidade e tolerância das fronteiras textuais.” (SOUZA, 2007, p. 151) Diante de uma escala de valores, a questão do regionalismo não pode ser resumida nem em termos de região e nação, nem na oposição elite/excluídos; à atividade crítica caberia re-pensar seus próprios termos, ainda que em terreno movediço. (Cf. ARAÚJO, 2006, p. 123) Tendo esse reconhecimento como foco, a partir do qual os textos poderiam ser melhor verificados com a relativização de rótulos, de chancelas do mercado editorial.³¹

Também, deste ponto de vista, a teoria e a crítica literárias e culturais contemporâneas chamam a atenção para a reavaliação e “perlaboração” da historiografia canonizada, ao destacarem fluxos e refluxos nas *modernidades tardias* e no próprio “arquivo” latino-americano. Como demonstra Wander Miranda, em “Local / Global”:

Como contrapartida à hegemonia político-cultural dos centros metropolitanos internos e externos, a consciência de quem chega tarde na história do progresso e do novo, quando o moderno parece já estar consumado, reverte a ansiedade do atraso e do débito a favor de uma construção conceitual *a posteriori*, que seja capaz de dar conta de elaborar conexões alternativas da arte com a política, da cultura com a vida social. (MIRANDA, 2010, p. 171)

³¹A revista *Cerrados*, do PPG em Literatura da UnB, em seu número temático “Literatura e compromisso social”, dedicou a segunda parte da edição a trabalhos reunidos sob o rótulo de “Regional e Universal: Tensões da Representação Literária Periférica”, e não causa estranheza constatar, ali, marcas da ambiguidade, indecidibilidade do ato crítico, quando não, algum preconceito ou ainda ideia elitista em relação à noção de texto literário, propriamente, ou em relação à produção do “regionalismo” *per se*.

Daí que, a proposta da *I Bienal de Artes Visuais do Mercosul*, realizada em 1997, em Porto Alegre, propiciou condições para repensar a questão do regionalismo frente à legitimação das identidades no mundo globalizado. Quer dizer, reconhece-se que a globalização não anula as diferenças nos processos de criação e desenvolvimento cultural e econômico, nem, tampouco, os esforços de afirmação do regional:

Ou seja, o regionalismo, tanto na arte como na economia, é um caminho para enfrentar a globalização. Se queremos reescrever a história da arte latino-americana, precisamos, antes, afirmar a originalidade de nossa arte e nossa autonomia criativa. Vale dizer, primeiro, nos afirmarmos internamente, regionalmente. Contudo, a questão, hoje, é menos de afirmação de uma identidade utópica ou abstrata, afinal, como a Europa e os Estados Unidos, somos plurais, diversos, multifacéticos, contraditórios. A questão é de legitimação. (MORAIS, 2002, p. 63)

Ou, ainda como enfatiza o ensaísta, citando Mari Ramírez: se no passado a preocupação era com a “neurose da identidade”, hoje a preocupação com ela deixa de ser uma prioridade: “O eixo modular, hoje, são as relações de poder entre o Primeiro e o Terceiro Mundo. A identidade não se impõe nem se afirma, mas se negocia. A crise não é de identidade, mas de legitimação destas identidades no âmbito global.” (*apud* MORAIS, 2002, p. 63). O que, segundo a autora de “O lugar da América”, deve se descortinar o espaço de “uma cartografia que se reinventa sem cessar”:

O lugar da América é aquele em que, a partir das tradições centrais, os chamados gêneros marginais, os saberes residuais das culturas regionais ocupam espaços cada vez mais amplos até plasmar metáforas sociais inquietantes. Numa tomada de consciência do estado de periferia a que se haviam condenado os países hispano-americanos, é o lugar onde se originam e de onde partem vários caminhos, os estereótipos do tradicionalismo regionalista se rompem, o lugar de linguagens e espaços múltiplos. (JOSEF, 2005, p. 126)

Deste ponto de vista, a noção de diálogo de culturas, entre culturas, traduziria espontaneamente a prática de “interculturalidade”, no nível de reflexão, onde relações literárias e culturais realizam-se em contatos, zonas de contato, como observa o comparatista ao pensar o papel dos intermediadores e da mediação cultural: “À reflexão sobre a literatura, convém igualmente integrar a noção de ‘zonas’. O espaço zonal é um conjunto heterogêneo,

reiteradamente plurilíngue e multinacional; ele obriga à redefinição e ao retraçado de fronteiras não apenas linguísticas, mas também na esfera do imaginário.” (PAGEAUX, 2011, p. 203). A interculturalidade torna-se uma situação de base que nos obriga a pensar relações num espaço de pluriculturalidade, assim ilustrada na visão de García Márquez (1982) traduzindo o espaço caribenho:

En la región donde nací hay formas culturales de raíces africanas muy distintas a las zonas del altiplano donde se manifiestan culturas indígenas. En el Caribe, al que pertenezco, se mezcló la imaginación desbordada de los esclavos negros africanos con la de los nativos precolombinos y luego con la fantasía de los andaluces y el culto de los gallegos por lo sobrenatural. (MÁRQUEZ, *apud* PAGEAUX, 2011, p. 209)

A citação reforça a ideia de que a literatura e a arte intervêm na representação do mundo em que vive uma comunidade, cuja mediação cultural “nos leva a considerar os escritores que, num dado espaço, recriam outros circuitos, outros itinerários para as trocas entre culturas” (PAGEAUX, 2011, p. 204). Assim, segundo o crítico, torna-se necessário lembrar o aforismo pelo qual o escritor português Miguel Torga se tornaria imortal: “o universal é o local sem os muros”, ou, segundo as palavras com as quais o escritor batizaria sua província: “Agrada-me ser o porteiro de meu Reino” (p. 145).

Assim, em contraponto ao objeto de nossa análise, constituído pela narração de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato, com a perspectiva baseada na abordagem da leitura de “textos” fertilizados pela heterogeneidade da cultura latino-americana, a vertente do comparatismo se mostra como um forte vetor para as reflexões em torno do tema deste trabalho; dizendo de outro modo, as expressões “comparatismo latino-americano”, “literaturas latino-americanas”, “hibridismo”, “discurso crítico descolonizado”, garantem uma operacionalização e consequente produtividade na análise e operacionalização desta proposta de estudo. Isto quer dizer que, o viés de análise e interpretação, da perspectiva do estudioso latino-americano, deve levar em consideração a “coexistência de sistemas literários múltiplos e diferentes”, como observa Gilda Bittencourt (2008) em preciosas reflexões acerca do assunto, no ensaio “Literatura comparada latino-americana: um espaço transterritorial e plurilinguístico”, evidenciando um caráter híbrido e plurilinguístico da nossa produção literária e

cultural. Do ponto de vista da crítica no subcontinente, a autora vem sublinhar que:

[...] a necessidade do caráter interdisciplinar no atual discurso crítico latino-americano, pois, ao abordar a multiplicidade de aspectos envolvidos nas suas manifestações literárias, o método de investigação deve incorporar outros campos de saberes que não apenas o campo literário. (BITTENCOURT, 2008, p. 11)

Em realidade, as observações da crítica parecem em sintonia com o caudal e complexo das literaturas latino-americanas, como bem a propósito Ángel Rama descreveu originariamente esse complexo, em palavras ilustrativas, que merecem destaque:

Nascidas de uma violenta e drástica imposição colonizadora que cega, não ouviu as vozes humanistas de quem reconhecia a valiosa alteridade que descobriam na América; nascidas da rica, variada, culta e popular, enérgica e deliciosa civilização hispânica no ápice de sua expansão universal; nascidas das esplêndidas línguas e suntuosas literaturas da Espanha e Portugal, as letras latino-americanas nunca se resignaram com suas origens e jamais se reconciliaram com seu passado ibérico. (RAMA, 2001, p. 239).

A citação é constitutiva do parágrafo inicial de “Literatura e Cultura”, antológico ensaio de Ángel Rama, texto integrante da reconhecida obra crítica *Transculturación Narrativa en América Latina*.³² Como vigorosa citação, ela tem o condão de sintetizar figurativamente o amplíssimo espectro, complexificação, das complexas relações literárias e culturais no subcontinente com suas matrizes europeias, dentro de um conseqüente processo de colonização cultural.

De tal forma que, não seria redundante observar, a partir do entorno da citação toda a multiplicidade de abordagens críticas e teóricas, incluindo vários títulos de obras explicitamente voltados para este debate, que desde ontem até hoje passaram a ocupar a estante do estudioso latino-americano, bem como disso resultando vasta bibliografia reunida sob o rótulo de discurso crítico

³²Publicado em *Transculturación Narrativa en América Latina*. México, Siglo XXI, 1982, p. 11-56. [várias passagens reproduzidas e traduzidas em *Literatura e Cultura na América Latina*, Ángel Rama. São Paulo, EDUSP, 2001. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores. Tradução de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparoto). Desta versão se transcreve a passagem citada]. Nossa reflexão, particularmente neste subcapítulo, resulta da leitura e diálogo com o representativo capítulo “Vozes do descentramento latino-americano”, do professor Paulo Nolasco dos SANTOS (2014).

latino-americano. Aliás, a própria *Transculturação*, de Rama, resulta do aprofundamento das ideias originárias de *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*, de Fernando Ortiz. Também em *La Ciudad Letrada*, de 1984, obra das mais festejadas de Ángel Rama, lêem-se os encomiásticos “prefácio” e “prólogo” que o escritor Vargas Llosa e o crítico Hugo Achugar, respectivamente, escreveram para esta edição. Como na citação anterior, estes dois textos parecem justificar-se por si próprios, pois em “Ángel Rama: a paixão e a crítica”, Vargas Llosa, prefaciando em 1983, logo após a morte de Rama, enfatiza:

Nesse ensaio, Rama mostra a maneira complexa como as diversas circunstâncias históricas, culturais e sociais contribuíram para que surgisse a corrente literária que ‘descolonizou’ nossa sensibilidade e, alimentando-se com audácia e liberdade de tudo o que as vanguardas européias ofereciam e das nossas próprias tradições, fundou a soberania poética do continente. (LLOSA, 1985, p. 9)

Por sua vez, Hugo Achugar, no aludido “prólogo”, escrito em 1984, também destaca em relevo o pensamento crítico de Rama: “Entender que assim como Simón Bolívar e Neruda, Martí, a poesia nahuatl, o pensamento socialista, a poesia da independência, Huaman Poma de Ayala, Machado de Assis, Cortázar e Lezama são o desenho de uma herança cultural, é parte de seu magistério.” (ACHUGAR, 1985, p. 16).

E, assim, de forma arrebatadora, Achugar sintetiza o projeto de Ángel Rama:

Leitura da história cultural que permite aproximarmo-nos do presente contemporâneo do continente, *A cidade das letras*, de Rama, abandona as estreitas lentes do engomado e retórico legado oficial com que nos entulharam as Academias e os Messias cívico-militares – essas duas deformações do poder – que assolaram nossas nações (ACHUGAR, 1985, p. 18).

Com efeito, o que se constata desta perspectiva é uma crescente reflexão, com fulcro na descolonização, a qual o pensamento de Rama não só se inclui como se torna modelar de um paradigma crítico. Quer dizer, seja em *Transculturación*, ou principalmente nas discussões sobre a noção de “comarcas culturais”, e sobretudo da retomada desta ideia, para a explicação e uma produtiva reflexão incidindo no espesso tecido das regiões e localidades, o subcontinente latino-americano redesenha-se como lugar da crítica:

ilustrativo disso é o ensaio “Las comarcas culturales latinoamericanas (Discusión de una hipótesis de Ángel Rama)”, de Pablo Rocca (2005), outro crítico uruguaio. Em unísono, representativas vozes latino-americanas passam a compor esse matizado leque crítico, propondo, inclusive, como o faz Zulma Palermo (2004, 2005), a vocalização de uma crítica “fronteriza” e “desde la otra orilla”, como de fato desenvolve a partir da discussão de outros pensadores “fronterizos” como Hommi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, dentre outros, para recuperar essa particular ideia do intelectual enraizado no local “periférico” e de suas teorizações enquanto expressões de um lugar “entre médio”, a qual Bhabha chamara “in between” (Cf. PALERMO, 2004, p. 241).

Assim, ao propor uma reflexão cuja base cognoscitiva já vem atravessada por “otras” confluências de fronteiras, travessias e (otras) liminalidades, a crítica argentina, além de discutir traduzindo o paradigma crítico no qual se alinha, torna-se ela mesma um exemplo de reflexão “descolonizada”, segundo o título de seu apreciado trabalho, *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina* (2005), e dar ênfase a este pensamento:

La doble ecentuación y política marca la orientación de estas epistemes ‘otras’,[...] No parece ser otro el sentido que indican las categorías *transculturación* acuñada por Fernando Ortiz y reformulada por Ángel Rama; *fagocitación* propuesta por Rodolfo Kush; *entre lugar* en la traslación de Silvano Santiago; *borderland* en el hispaninglish de Gloria Anzaldúa; *nepantla* de la vertiente náhuatl precolombina revitalizada por Walter Mignolo. Todas ellas comparten su punto de partida en la colonialidad temprana y se localizan en la conflictividad misma que produce el desplazamiento de las lenguas de conquista (español y portugués) en la historia de la modernidad, [...] (PALERMO, 2004, p. 241).

Convergem nestes posicionamentos críticos as discussões acerca da “transversalidade” da literatura comparada e sobretudo na proposta em curso de revisão da historiografia latino-americana na contemporaneidade, como enfatizam, dentre outros, os trabalhos críticos de Eduardo Coutinho (COUTINHO, 2009; 2010), principalmente ao observar que:

[...] a opção é por uma noção de cartografia que se afasta de qualquer fronteira instituída arbitrariamente ou com um caráter heterogêneo, substituindo-se, sempre que necessário,

conceitos como o de “nação” por outros mais flexíveis, como o de “regiões culturais”. O modelo que tomava a nação referencial básico não levava em conta as diferenças regionais dentro de uma mesma nação nem a existência, tão comum no continente, de uma região cultural que transcende as fronteiras de diversas nações, como é o caso da região amazônica ou da andina, ou ainda de uma região como a constituída por um povo como o Aimara, que ocupava um território mais tarde distribuído por razões políticas em quatro países distintos. (COUTINHO, 2010, p. 37)

Sob esta perspectiva, a “região cultural” do extremo oeste brasileiro constitui-se como *locus* para o surgimento de uma literatura particular, tornando possível a discussão sobre a presença de manifestações culturais muito representativas para a historiografia regional e de modo notável para os estudos de Literatura Comparada, especialmente no que se refere à análise das comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteiras (CARVALHAL, 1994; 2003). Este universo se reveste de complexidade, particularmente ao se focar as relações interculturais entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mais os cruzamentos interculturais com países vizinhos como o Paraguai e a Bolívia. Uma região, assim, prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do comparatismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. Neste sentido, Tania Carvalhal, em texto apresentado no encontro da *Latin American Studies Association*, em 1998, em Chicago, observa que:

A aproximação de literaturas e culturas de contextos diversos [...] permite distinguir o que é diferente [e] também favorece o conhecimento das bases comuns, isto é, permite a descoberta da existência de laços e de raízes, de um *ethos* cultural, que funda uma comunidade. Simultaneamente, sublinhando o contextual, ou seja, o que faz veicular as culturas através das literaturas, coloca-se em evidência a alteridade, ou em outras palavras, a marca da diversidade. Deste modo, o lugar de onde se fala, associado ao lugar onde se está na cultura, torna-se, mais uma vez, categoria distintiva que orienta o procedimento comparatista. (CARVALHAL, 2000, p. 13)

Disso decorre que, uma *crítica cultural em ritmo latino* deverá exercitar seu papel de interlocutor ativo com os diversos contextos de enunciação das obras, dialogando com as “histórias locais”, que, de acordo com Walter Mignolo, teórico da localidade e representante do pensamento pós-colonial na

América Latina, deve-se lembrar que o foco visa também a denunciar a colonialidade do poder e do saber:

[...] a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação. O que significa “diferencial”? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno. (MIGNOLO, 2003, p. 16)

Releva sublinhar a recente exposição de documentário, inédito, sobre a Companhia Mate Laranjeira, que, como noticia o Jornal *Diário MS*, em matéria intitulada “Exposição de fotos mobiliza fronteira”, de 22/08/2012, “[...] reúne fotografias e documentos históricos que revelam o que a Companhia representou neste ciclo histórico da erva-mate do Estado”.³³ O ciclo da Erva-Mate compreende um movimento econômico inaugural do empreendedorismo na região sul do então Estado de Mato Grosso, que mais tarde viria a ser o sul de Mato Grosso do Sul. Esse movimento teve início por volta de 1882, sendo um dos seus principais nomes Thomaz Laranjeira, a quem foi concedida a permissão para explorar o mate nos ervais nativos da região. Pode-se dizer que a referida mostra, “Cia. Matte Laranjeira – fragmentos da história de MS”, vem contribuir com a construção da memória regional sul-mato-grossense, cruzando com a história de homens que perderam suas vidas no meio dos ervais em condições subumanas e de encontro com uma história que nem sempre soube lhes dar o reconhecimento, cuja memória não pode jamais cair no esquecimento. Assim, acompanhando a perspectiva deste documentário, em exposição na fronteira cidade de Ponta Porã (a princesinha dos ervais), concluímos evocando a forte voz da oralidade que emerge tanto dos textos sobre a “selva”³⁴ como das pujantes imagens que constituem a referida Mostra. Principalmente, quando, a partir do título, nos referimos ao contexto das

³³Trata-se da exposição “Cia. Matte Laranjeira – fragmentos da história de MS”, em exibição no salão da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, com o objetivo principal de recuperar parte do momento histórico da instalação da Companhia que teve início por volta de 1890. Algumas das mais representativas imagens desta mostra-documentário foram filmadas em nossa câmera digital e compõem forte substrato, caudalosa narrativa sobre o assunto. (Jornal *Diário MS*, 22/08/2012).

³⁴Ver: *Selva Trágica* (1956), de Hernâni Donato, reeditada em 2011; também *A selva*, de Ferreira de Castro, de 1930, reeditada, em 2ª. edição, por Abrahim BAZE, sob o título de *Ferreira de Castro – um imigrante português na Amazônia* (2010).

“orilhas” borgeanas, cujo representante encontra sua natureza na figura do suburbano, discreto e taciturno, a quem Beatriz Sarlo (2007) assim sintetizou – *el orillero, es discreto y taciturno* – em obra que não só enaltece Borges como fixa a enunciação de um *locus* para as vozes orilheiras, pois, da perspectiva borgeana, a apropriação de toda orilha representa o resgate de “el medio tono, la media voz, la oralidad, las formas pre literarias, los géneros menores, las palabras usadas con intención irónica o poética em la vida cotidiana [...]” (SARLO, 2007, p. 36, 42). Ou ainda, se, como observa Hartmann (2011), para toda zona de fronteira corresponderia uma forte tradição da oralidade, referindo-se ao poema *Martin Fierro*, que para alguns já seria uma narrativa que corria de boca em boca, apenas “literalizada” por José Hernandez, resta também plausível concordar com a crítica, quando adverte que:

[...] assim como as fronteiras geográficas/políticas da região, as fronteiras entre oralidade e escrita acabam sendo facilmente transpostas e, talvez mais importante, há uma dinâmica entre os relatos orais, a escrita, e os novos relatos orais daí advindos, formando uma cadeia inesgotável de fontes de inspiração para as narrativas populares. (HARTMANN, 2011, p. 175)

CAPÍTULO II

CONTEXTO, DRAMA E SENTIDO NA OBRA DE HERNÂNI DONATO

Um romance é uma vida considerada livro. Toda vida tem epígrafe, título, editor, preâmbulo, prefácio, texto, notas etc. Quer dizer: ou os têm, ou pode tê-los.

Romance das origens, origens do romance.
Novalis (*apud* Marthe ROBERT, 2007, p. 11)

CAPÍTULO II - CONTEXTO, DRAMA E SENTIDO NA OBRA DE HERNÂNI DONATO

A narrativa de *Selva Trágica* é reconhecida como importante relato dos ervais, e do movimento fundador do empreendedorismo no sul do antigo Mato Grosso. A obra de Hernâni Donato não só constitui uma das mais representativas narrativas em prosa do regionalismo sul-mato-grossense, como também é constantemente estudada nas mais diversas áreas de estudo, particularmente nas de História e de Geografia. Deste modo, neste capítulo buscaremos contemplar alguns dos mais relevantes textos sobre a obra do escritor aos quais tivemos acesso em nossa pesquisa bibliográfica, tais como: artigos, capítulos de livros, bem como outras pesquisas acadêmicas, frequentemente dispersas e de difícil acesso, e que vão ao encontro de nosso interesse na abordagem da narrativa poética de Hernâni Donato.

A partir daí, buscaremos, também, com base nos estudos de paratextualidade, segundo Gérard GENETTE (2009), realizar uma análise dos elementos paratextuais que compõem *Selva Trágica*, reflexão pouco explorada nos demais estudos da obra do escritor, refletindo acerca de sua contextualização, e também de sua produção de sentidos. Por conseguinte, ainda neste capítulo, procuraremos desenvolver uma reflexão sobre as relações entre literatura e história com vistas a uma síntese voltada para a temática de *Selva Trágica* seguindo o argumento do próprio autor nas trilhas dos ervais da fronteira Brasil-Paraguai.

2.1 – Leitura e recepção da obra de Hernâni Donato

Sua vasta produção intelectual inclui mais de 73 publicações, compostas por contos, romances, livros infanto-juvenis, biografias e obras de história. Muitas de suas obras foram premiadas e sucessivamente reeditadas.

“Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável.”

Jérri MARIN (2013a, p. 126)

Em subitem no qual propomos abordar a fortuna crítica da obra de Hernâni Donato (**ANEXOS I e II**)³⁵, nada seria tão pertinente quanto citar em epígrafe um dos mais empenhados pesquisadores do acervo do autor, o professor e historiador Jérri Roberto Marin, que, em um de seus capítulos mais recentes, intitulado “Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável” (2013a) já inventaria significativo levantamento bibliográfico do Autor, discorrendo também sobre notáveis passagens da narrativa de *Selva Trágica*.

Acreditamos ser imprescindível para nossa pesquisa o enfoque sobre a fortuna crítica da obra de Hernâni Donato, ou seja, um levantamento bibliográfico acerca de sua mais reconhecida produção, *Selva Trágica*, objeto central de nossa pesquisa. Importante observar que *Selva Trágica* possui menos de 6 (seis) décadas desde seu lançamento, no ano de 1956, reeditada pela 4ª vez no ano de 2011, contando ainda com uma belíssima adaptação para o cinema em 1963, apenas 7 (sete) anos após sua publicação, sendo este filme³⁶ ganhador do Prêmio Saci pelo jornal “O Estado de São Paulo” em 1965.

Como ponto de partida, valemo-nos da apreciação de Fábio Lucas, prefaciando a mais recente edição de *Selva Trágica* (2011), onde o crítico, dentre outros enaltecimentos à narrativa, afirma que:

³⁵Cf. Esses **ANEXOS I e II** referem-se aos documentos que coletamos no arquivo de Hernâni Donato, por ocasião da visita à Academia Paulista de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

³⁶Cf. SELVA TRÁGICA. Direção: Roberto Farias. Rio de Janeiro: Líder Cinematográfica, 1963, 101min., son., p&b., Português. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=haXEIFEnjUg>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

Livro de inegável valor literário é *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. [...] Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo e obra de grande valor estilístico, *Selva Trágica* mostra as dantescas condições de trabalho da região. (LUCAS *apud* DONATO, 2011, p. 8)

Ainda dessa mesma edição, faz-se necessário destacar as palavras que compõem a aba, escritas pela renomada crítica literária Nelly Novaes Coelho, a qual também não poupa adjetivos, ao discorrer sobre a narrativa de Donato, como se observa já no primeiro parágrafo:

Romance-documento, *Selva Trágica* vai devassando de maneira labiríntica um escuro período da história brasileira, e que ficara praticamente ignorada: o da *desumana exploração da erva-mate*, no sul de Mato Grosso/fronteira com Paraguai, no início do século XX. (COELHO *apud* DONATO, 2011, aba do livro)

Os exemplos citados já seriam quase suficientes para demonstrar a relevância da obra para a literatura regionalista brasileira, mas, ao nos propormos visitar a fortuna crítica de Donato, fica evidente que não podemos parar por aqui.

Assim, torna-se indispensável citar outros expressivos trabalhos do historiador sul-mato-grossense Jérri Marin, que escreveu e ainda escreve substanciais artigos e capítulos de livros que enfatizam a notável contribuição de Donato para a nossa literatura. Deste modo, procuraremos destacar alguns de seus trabalhos, aos quais tivemos acesso em nosso levantamento bibliográfico, e que dão grande contribuição para esta pesquisa. Assim, em “Limiares entre ficção e realidade, em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2002), título da comunicação proferida no VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), que ocorreu entre os dias 23 a 26 de julho na cidade de Belo Horizonte/MG, cuja discussão e abordagem também se faz presente noutro artigo, “A elaboração de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2008), publicado nos anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, ocorrido na cidade de São Paulo, no qual Marin discorre sobre a relação da narrativa de Donato com a história do estado de Mato Grosso do Sul, e, ainda, sobre como o autor introduz na obra documentos e depoimentos colhidos por ele, estando “integrados num encadeamento que criam efeitos de realidade ao fazerem crer ao leitor que a obra estaria

assentada mais no real e menos no ficcional” (MARIN, 2008, p. 4). Neste mesmo evento, o professor Paulo Nolasco dos Santos apresenta o trabalho intitulado “Fronteiras do local: reverificação do conceito de regionalismo”, no qual também cita a obra de Donato, e em suas palavras enfatiza que a narrativa trata “das condições de barbárie dos que ali nasceram e viveram” (SANTOS, 2008a, p. 6).

Selva Trágica é considerada pela crítica como narrativa do gênero romance histórico, indo diretamente ao encontro das narrativas que se propõem relatar a história através da ficção, sendo essas obras tão importantes para a literatura latino-americana, que são constantemente temas de conceituados periódicos e congressos, os quais discutem cada vez mais esta aproximação entre literatura e história. Podemos citar, por exemplo, o 13º volume da *Revista Miscelânea* (2013)³⁷, que, em texto introdutório escrito por Antonio Roberto Esteves, intitulado “Literatura e história: interfaces”, ao apresentar os artigos que discutem esta híbrida temática, ressalta que:

Embora se possa afirmar, num sentido amplo, que todo romance é histórico, já que incorpora de algum modo, seja pela reiteração ou pela negação, o contexto que o produziu, sendo um reflexo da realidade, há alguns romances que se aproximam mais da história, tratando mais diretamente da matéria histórica. Nesse contexto, pode-se constatar a existência de uma longa série de narrativas híbridas, misturando em maior ou menor grau história e ficção. São os romances históricos, histórias romanceadas, crônicas, biografias, memórias, romances de testemunho, entre outros. (ESTEVES, 2013, p. 11)

Na esteira da discussão destas narrativas, é imprescindível citar o representativo trabalho do crítico literário Seymour Menton (1993), *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992*, no qual discorre sobre a importância da novelística de fundo histórico para a nossa literatura, citando explicitamente o nome e obras de Hernâni Donato naquela antologia crítica³⁸.

Ao abordar a relação entre história e ficção presente na narrativa de *Selva Trágica*, Marin, em artigo “História e Literatura: os limiares entre ficção e

³⁷Cf. *Revista Miscelânea*. Assis; SP, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis/SP.

³⁸Cf. MENTON, Seymour. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 16, 20 e 21. Ver também p. 12 e 13 desta pesquisa.

realidade em *Selva Trágica* de Hernâni Donato” (2003), publicado na 2ª parte da *Revista Papéis* da UFMS, afirma que “O Autor [Hernâni Donato] excursiona pela Literatura e História e as entrecruza, ao mesclar elementos ficcionais e não-ficcionais e ao privilegiar problemáticas sociais e contextos históricos” (p. 9). Também em capítulo intitulado “Limières entre História e Literatura em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2001)³⁹, discorre sobre como Donato entrelaça literatura com fatos históricos em sua narrativa, fazendo de “forma intencional” com que “os limiões entre história e ficção tornem-se indiscerníveis” (p. 169).

Concernente ainda à mescla presente na narrativa de Donato, Marin, no artigo “Os ervais encantados de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2013b)⁴⁰, através de exemplos extraídos da própria narrativa, demonstra a religiosidade presente nos ervais, reforçada pela manutenção do mito e a fé dos ervateiros em São Tomás, confiantes de que se o santo, depois de abandonar os ervais, ali retornasse, “iria abolir as condições vigentes no plano físico e reinstalar nos ervais uma nova era plena de justiça, paz, felicidade, princípios e valores” (2013b, p. 94). Deste modo, ao longo das gerações o mito era recontado, tornando o fardo dos ervateiros “mais leve” e construindo, através da mistura entre religiosidade, fé e mito, a identidade cultural daquela região. Identidade que, inclusive, já fora anteriormente analisada por Marin, em sua comunicação “O Brasil paraguaio: o viver na fronteira do Sul do Mato Grosso”⁴¹ (2000), no qual destaca que, “Contra a multiplicidade étnica e a pluralidade cultural defrontaram-se tentativas homogeneizantes para integrar e constituir uma identidade nacional” (p. 214)⁴².

Como a temática da religiosidade se faz tão presente na narrativa de Donato, citemos outro indispensável artigo de Marin, intitulado “Intersecções

³⁹Este capítulo foi publicado no livro resultante do IX Ciclo de Literatura/ II Reunião da Linha Limiões Críticos da ANPOLL, coordenado pelo professor Paulo Nolasco dos Santos (UFGD), e que ocorreu entre os dias 4 a 6 de Abril de 2001 na cidade de Dourados/MS. (MARIN, 2001, p. 169-179).

⁴⁰Cf. MARIN, Jérri R. Os ervais encantados de *Selva Trágica* de Hernâni Donato. In: FERRAZ, Salma; MARIN, Jérri R.; LEOPOLDO, Raphael Novaresi. (org.). *Sois como deuses: textos de teologia & literatura*. Dourados: Ed. UFGD, 2013b. p. 91-103.

⁴¹Comunicação proferida no VII Congresso Internacional da ABRALIC - Terras & Gentes, ocorrido na cidade de Salvador/BA, entre os dias 25 a 28 de Julho de 2000.

⁴²Cf. MARIN, Jérri R. O Brasil Paraguaio: o viver na fronteira do sul de Mato Grosso. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 7, 2000, Salvador. *Resumos...* Salvador: UFBA, 2000, p. 214.

entre literatura e religiões: um olhar sobre *Selva Trágica*, de Hernâni Donato”, no qual o pesquisador ressalta que “As manifestações religiosas faziam parte de todas as instâncias do cotidiano das personagens e foram representadas pelo Autor como híbridas e plurais”⁴³. (2004b, p. 518)

O artigo “A morte nos ervais de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2010), também de Marin, discute a construção do sagrado nos ervais de *Selva Trágica*; analisando ainda o tratamento dado à morte e aos mortos, bem como a influência da religião neste momento, observando que:

Os rituais, atitudes e gestos relacionados à morte e ao mundo sobrenatural estão ligados à organização do espaço simbólico entre os vivos e os mortos. Nos ervais, os intercâmbios interculturais e interétnicos possibilitaram, no campo religioso, os entrecruzamentos do catolicismo com as religiões indígenas. (MARIN, 2010, p. 156)

Interessante também, neste momento, nos remetermos ao artigo “História e Literatura: as representações religiosas em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato”⁴⁴ (2005), no qual, além de discutir essa mescla entre história e literatura, como podemos notar em suas palavras, Marin afirma que:

A narrativa histórica é o resultado de uma seleção e organização deliberada de estratégias narrativas, a partir de uma multiplicidade desordenada de fatos. O real é construído pelo autor, por meio da reconfiguração do tempo, ao mediatizar o passado para o público do presente. (MARIN, 2005a, p. 1)

Aborda ainda a religiosidade presente na narrativa, relatando, através de sua meticulosa leitura de *Selva Trágica*, que:

Os ervateiros tinham a percepção da mortalidade e acreditavam na imortalidade, ou seja, a dissolução física não implicava no fim da existência. No destino póstumo e individual ocorria o Juízo Final, onde os homens eram julgados pelo cômputo das boas ou más ações e prolongava-se até a eternidade infinita. Após a morte os homens poderiam despertar no inferno ou paraíso celestial, nesse caso desde que, na vida presente, tivessem recebido os sacramentos, respeitado as leis divinas ou obtido o perdão pelas faltas cometidas. (MARIN, 2005a, p. 4)

⁴³Cf. MARIN, Jéri R. Intersecções entre literatura e religiões: um olhar sobre *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 9, 2004, Porto Alegre. *Resumos...* Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 518.

⁴⁴Publicado no ano de 2005 nos anais do XXIII Simpósio Nacional de História, que ocorreu na cidade de Londrina/PR, entre os dias 17 a 22 de Julho.

Neste mesmo ano, no artigo “As representações femininas em *Selva trágica*, de Hernâni Donato” (2005b), Marin enfatiza que “as mulheres eram importantes para a manutenção das relações de exploração e de poder que permeavam os ervais”, assim chamando a atenção para outra denúncia presente na narrativa de Donato, ou seja, a exploração da figura feminina nos ervais, observando ainda que a “desproporção numérica entre homens e mulheres tornava as mulheres muito desejadas e compartilhadas de forma comunitária [...] (2005b, p. 111)”.

Jérri Marin afirma também que “Hernâni Donato, em *Selva Trágica: Gesta Ervateira no Sulestematogrossense*, descreveu a existência de um outro país que o Brasil abrigava no sul de Mato Grosso” (MARIN, 2004a, p. 326). Ou seja, reflete sobre a riqueza de detalhes e fatos históricos descritos na obra de Donato, em capítulo intitulado “Hibridismo Cultural na Fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia”.⁴⁵ Além desse precioso capítulo, que Marin publicou em relevante volume de estudos literários na América Latina, registra-se, segundo sua própria indicação, a publicação do último artigo, inédito, na *Revista Raído*, e que se intitula “A presença, venda e aluguel de mulheres na fronteira do Brasil com o Paraguai: limiares entre história e ficção nas narrativas de Hernâni Donato e Hélio Serejo” (MARIN, 2015). Como se vê, neste artigo, Marin retoma de forma ampliada a presença feminina do ponto de vista da exploração que estigmatiza todo o drama e contexto do erval. Esta exploração das mulheres, sobretudo a forma como eram comercializadas, já havia chamado a atenção de Marin, inclusive, sendo descrita no artigo “A venda de mulheres na fronteira Brasil com o Paraguai” (MARIN, 2011), no qual o pesquisador enfatiza que “A venda de mulheres era uma prática frequente e se configurava na negociação de uma mercadoria e na compra de um bem” (2011. p. 74).

Seminal também, neste levantamento da fortuna crítica de *Selva Trágica* e seu autor, o prefácio da renomada crítica da literatura regionalista brasileira, Léa Masina, na obra *Fronteiras do Local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008), de Paulo Nolasco dos Santos, na qual lista representativos autores da literatura regional sul-mato-grossense, como Raquel

⁴⁵Cf. MARIN, 2004a, p. 325-342.

Naveira, Lobivar Matos, Manoel de Barros, destacando também Hernâni Donato, e afirmando que:

A lista é surpreendente e nos faz pensar na extensão e diversidade da literatura brasileira que é, de fato, tão pouco lida e tão pouco conhecida pelos brasileiros pois de todos esses nomes, poucos nos são familiares. (MASINA *apud* SANTOS, 2008b, p. 12)

Tão importante quanto o prefácio deste livro, é também sua copiosa resenha⁴⁶ escrita pelo comparatista Paulo Bungart Neto, em que o escritor descreve todas as características que atestam a importância desta obra para a literatura regional sul-mato-grossense, bem como para o registro de obras e autores regionalistas, como o próprio Hernâni Donato, enfatizando, ainda, que “Nolasco assume com propriedade e competência a tarefa de tirar tais escritores do limbo, tendo obviamente o regionalismo como foco e eixo de seu raciocínio crítico, característica que irmana os escritores e amarra a coletânea” (BUNGART NETO, 2008, p. 1).

Além do prefácio e resenha do livro *Fronteiras do Local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008), nossa pesquisa se nutre ainda do artigo intitulado “Hernâni Donato: O trágico relato dos ervais” (SANTOS, 2008b, p. 97-103), no qual Santos faz uma síntese da narrativa de *Selva Trágica*, incluindo o poema “Os Ervais”, da poetisa Raquel Naveira, homenageando a obra de Donato e também os ervais sul-mato-grossenses. Ademais, vale destacar que Paulo Nolasco dos Santos é representativo pesquisador da literatura regionalista na fronteira Brasil-Paraguai; logo, encontramos em sua vasta produção rico material para esta pesquisa.

Com o propósito de adentrarmos a produção do pesquisador Paulo Nolasco, tendo em vista que boa parte de seus trabalhos vão ao encontro de nosso objeto de análise, pareceu-nos pertinente começar pelo livro *Literatura, Arte e Cultura na Fronteira sul-mato-grossense* (2010b), sob sua organização, e que conta com um belo texto de apresentação a partir da página 11 (onze), no qual Santos evidencia a importância de obras como esta para a historiografia regional, e, conseqüentemente, latino-americana. O livro possui também um substancial capítulo intitulado “Um gosto de guavira: “É bem Mato

⁴⁶Cf. BUNGART NETO, Paulo. *Revista InterLetras*, n. 8, 2008. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n8/index.html>. Acesso em: 1 jun. 2015.

Grosso do Sul” – notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense” (p. 19-50), reiterando a importância de *Selva Trágica* para nossa literatura, e de trabalhos sobre seu autor, como do pesquisador Jérri Marin, supracitado neste trabalho. Santos observa que:

[...] sobre a obra de Hernâni Donato, cresce o interesse de estudiosos, ora pelo caudal cultural e híbrido de suas narrativas, ora pelo caráter de complementaridade dos estudos contemporâneos, mais atentos às manifestações e produções simbólicas da região de fronteira sul-mato-grossense: o professor Jérri Marin se destaca na análise que faz da obra de Donato [...]. (SANTOS, 2010c, p. 38-39)

Importante citar o artigo homônimo ao título do capítulo supracitado, e que foi publicado nos anais do III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridos⁴⁷, ocorrido no ano de 2009, na UFMS, coordenado pelo professor Jérri Marin, reforçando a importância da obra de Donato para nossa historiografia, no qual Santos assinala que:

Sobre Hernâni Donato, há que se sublinhar seu altissonante poder de inventividade épica, sobretudo no relato da saga dos ervais. Autor de obra copiosa, é no relato do “drama do mate” que o nome do escritor cresce e concorre largamente com a própria história do drama ocorrido nos ervais: *Selva trágica*: a gesta ervateira no sulestematogrossense [...] é particularmente sua grande obra. (SANTOS, 2009a, p. 7)

Também em 2009, Paulo Nolasco profere a conferência “Regionalismo e Cultura de Fronteira”⁴⁸, em mesa temática Diversidade Cultural e Cidadania, na qual reforça a importância de obras como *Selva Trágica* para a formação de uma identidade cultural. Publicou também o livro *Entretextos – Crítica comparada em literaturas de fronteiras* (2012), refletindo, no capítulo intitulado “A Literatura Sul-mato-grossense: Intermediação do lugar”, sobre “as dantescas condições de trabalho da região”, referindo-se às condições de trabalho nos ervais descritos na narrativa de *Selva Trágica*, levando o pesquisador a reconhecer que “Donato é autor de obra copiosa, que relata mais

⁴⁷Cf. SANTOS, Paulo Sérgio N. dos. Um gosto de guavira: “É bem Mato Grosso do Sul” – notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIOSIDADES, DIÁLOGOS CULTURAIS E HÍBRIDOS, 3, 2009a. Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS, 2009a. 1 CD-Rom.

⁴⁸Comunicação apresentada no II Fórum Cultural da FCT/UNESP - Universidade, Cultura e Sociedade: Revelando Emancipações Sociais, ocorrido entre os dias 6 a 9 de maio de 2009 na cidade de Presidente Prudente/SP.

profundamente a história do drama ocorrido nos ervais” (SANTOS, 2012, p. 65).

Concernente à “trágica” história ocorrida nos ervais, o professor Paulo Nolasco dá exemplos de outras narrativas⁴⁹ que tratam da temática da selva, e que vão ao encontro dos relatos de Hernâni Donato, enaltecendo a importância de sua obra como forte relato regionalista, afirmando que “Em ambas as regiões a selva é reflexo de suas histórias de vida e descrevem um mundo distante e periférico, tratando das condições de barbárie dos que ali nasceram e viveram”. (SANTOS, 2009c, p. 85)

Sob a orientação do professor Paulo Nolasco, a pesquisadora Dayana Lopes Russo, em sua dissertação, intitulada *Hélio Serejo: A fábula do Erval na literatura Sul-mato-grossense* (2010), também analisa a vida nos ervais através da produção do escritor Hélio Serejo, e, paralelamente, reconhece o valor da narrativa de Donato, afirmando que “O ciclo da erva-mate também vai encontrar um precioso registro em obra fundadora dessa temática: *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*, de 1959, do escritor Hernâni Donato [...]” (RUSSO, 2010, p. 66).

Ainda no ano de 2010, Paulo Nolasco participa das IX Jornadas Andinas de Literatura Latino-americana (JALLA)⁵⁰, com o trabalho “Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai”, no qual também não deixou de citar o nome de Hernâni Donato como importante representante de nossa literatura, afirmando que “o ciclo da erva-mate vai encontrar um precioso registro dessa temática na obra fundadora de Hernâni Donato” (SANTOS, 2010d, p. 1611).

Outro importante artigo de Paulo Nolasco, intitulado “Literatura e hibridismo cultural na fronteira Brasil-Paraguai” (2010e), e que também trata da relevância de *Selva Trágica* para nossa literatura, foi publicado nos anais do IV

⁴⁹Cf. SANTOS, Paulo Sérgio N. dos. Situação crítica: O regionalismo revisitado. In: _____. *Literatura e práticas culturais*. Dourados, MS: UFGD, 2009c. p. 75-94.

⁵⁰Este evento ocorreu na Universidade Federal Fluminense na cidade de Niterói/RJ, entre os dias 2 a 6 de Agosto de 2010. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12851593/anais-do-jalla-brasil-2010-pro-reitoria-de-pesquisa-pos->>. Acesso em: 6 jun. 2015.

Congreso Internacional de Letras⁵¹, como podemos observar nas palavras do pesquisador, ao reconhecer que:

[...] o ciclo da erva-mate também vai encontrar um precioso registro dessa temática na obra fundadora de H. Donato (1959); ambientada na região Centro Sul do estado de Mato Grosso do Sul, trata-se de pujante narrativa épica que narra as “dantescas condições de trabalho da região” à época da extração da erva, daí extraíndo a seiva para o que a crítica caracterizou a obra como “um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil”. (SANTOS, 2010e, p. 6)

No ano de 2011, Paulo Nolasco publica o livro *Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul*, em co-autoria com Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Edgar César Nolasco, no qual, em subitem intitulado “Hernâni Donato: o relato do erval sul-mato-grossense”, compondo a primeira parte do livro, reitera que “o nome do escritor confunde-se particularmente com uma de suas várias obras: *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*” (2011a, p. 28). Vale frisar que, em conferência intitulada “A literatura sul-mato-grossense: intermediação do lugar”⁵², ou seja, com título homônimo à primeira parte de seu aludido livro, Santos discorre, dentre outros assuntos relevantes para a afirmação de nossa literatura, sobre como Donato e sua mais reconhecida obra “se colocam na lista dos grandes representantes de nossa literatura”.

Ainda em 2011, Paulo Nolasco organiza, em co-autoria com o professor Marcos Lúcio de Souza Góis, o livro *Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*, no qual, em capítulo intitulado “Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais no Mato Grosso do Sul”, enaltece a obra de Hernâni Donato através de amplos elogios, enfatizando que Donato é “autor de obra copiosa”, e que *Selva Trágica* é “particularmente sua grande obra” (SANTOS, 2011b, p.39).

Outro importante evento internacional de que Paulo Nolasco participou, e no qual a obra de Donato esteve em pauta, foi o XI Seminário Internacional

⁵¹Evento ocorrido na Facultad de Filosofía y Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), entre os dias 22 e 27 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://2010.cil.filo.uba.ar/sites/2010.cil.filo.uba.ar/files/139.Nolasco%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

⁵²Conferência apresentada em sessão coordenada no VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul (CNELLMS), que ocorreu entre os dias 27 e 29 de Julho de 2009, na cidade de Dourados/MS, no *Campus* da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

de Literatura História e Memória (2013)⁵³, onde o pesquisador, através da conferência intitulada “Vozes nas orilhas, ou o regional na representação da cultura”, discorrendo sobre narrativas “resultantes da oralidade e da cultura descentrada”, afirma que:

Selva Trágica (1956), de Hernâni Donato, e *A Selva* (1930), do escritor luso-brasileiro Ferreira de Castro, são vistas como paradigmáticas, ao imprimirem na representação do regionalismo o drama que retratam, em reverberante “grito” das histórias locais, seja a extração da erva-mate na fronteira Brasil-Paraguai, seja o “inferno verde” no seringal amazonense. (SANTOS, 2013, p. 6-7)

Ainda no ano de 2013, Paulo Nolasco ministrou na cidade de Florianópolis/SC a conferência “Pós-autonomia e transdisciplinariedade”⁵⁴, na qual cita a obra mais memorável de Donato, bem como sua preciosa contribuição para nossa literatura.

Também no “Congreso Internacional de Letras”, que ocorreu na cidade de Buenos Aires/AR, mais recentemente em sua 6ª Edição (2014), tivemos o aceite do trabalho “A crítica fronteiriça de Hernâni Donato em *Selva Trágica*”, tanto para sua apresentação oral quanto para posterior publicação em *Anais* do evento, reconhecendo neste trabalho que “o escritor [Hernâni Donato] não só escreve deste lugar da fronteira Brasil-Paraguai como também redimensiona processos interliterários e de literaturas de fronteiras”⁵⁵.

Vale ressaltar que, além de sua expressiva produção para a literatura regionalista sul-mato-grossense, o pesquisador Paulo Nolasco dos Santos tem orientado importantes trabalhos acadêmicos, os quais vinculados ao seu projeto de pesquisa “Regionalismos Culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteiras”, que também têm sido grandes divulgadores da obra de Donato. E retomamos citando a dissertação de mestrado recém-concluída,

⁵³Evento ocorrido na Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) na cidade de Cascavel/PR, entre os dias 27 a 29 de Novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.seminariolhm.com.br/home/wp-content/uploads/2011/09/resumos-OK-e-corrigidos-COMPLETO-publica%C3%A7%C3%A3o-no-site-26-nov-2013.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

⁵⁴Conferência ministrada no Encontro Intermediário do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, ocorrido nos dias 28 e 29 de Agosto de 2013 na cidade de Florianópolis/SC, no Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵⁵Cf. Programação do evento. Disponível em: <<http://cil.filo.uba.ar/sites/cil.filo.uba.ar/files/u1220/programa%20letras.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

de seu orientando, Josué Ferreira de Oliveira Júnior, intitulada “No cipoal da selva: relatos dos ervais e dos seringais em *Selva Trágica* e *A Selva*” (2015), que ao tratar da temática da “selva”, em trabalho comparativo entre *A Selva* (1972) de Ferreira de Castro, e *Selva Trágica* (1956) de Hernâni Donato, observa que “*Selva trágica* reflete destacado período da historiografia literária, o do Ciclo da Erva-Mate, no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai”. (OLIVEIRA Jr., 2015, p. 7) A referida dissertação de Oliveira Jr. é fruto de um dedicado trabalho, e também de publicações de relevantes artigos, como o intitulado “Entre a História e a Ficção: relatos de uma selva trágica”⁵⁶ (2013a), no qual já fazia menção à obra de Donato, onde se lê:

Selva Trágica se torna relevante, à medida que recria o Ciclo da Erva-Mate sob a perspectiva daqueles que a viveram mais de perto, sob a perspectiva de homens e mulheres de identidades perdidas, que viveram um drama coletivo nas entranhas dessa selva descrita por Donato como trágica. (OLIVEIRA Jr., 2013a, p. 5)

Oliveira Jr. participou também, no ano de 2013, com o alentado artigo “Literatura e Testemunho: um olhar sobre a selva na literatura regional brasileira”⁵⁷, do XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória em Cascavel – Paraná, afirmando que “*Selva Trágica* pode ser descrito como um romance de profundas raízes históricas, por reconstruir a saga dos mineiros, trabalhadores da erva [...]” (2013b, p. 8). Neste mesmo ano, na cidade de Arequipa-Peru, apresentou o trabalho “A figurativização da Selva na literatura regional brasileira” (2013c), durante as XIV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana de Estudiantes, noticiando em solos estrangeiros a narrativa de Donato e, através de exemplos extraídos da obra, demonstrando como se dá “a representação da selva pelo autor”. Ainda neste mesmo ano, publicou em co-autoria o artigo “A literatura sul-mato-grossense: orilhas entre o local e o global”⁵⁸, no qual afirmou que, “com o propósito de discutir a relação entre

⁵⁶Cf. OLIVEIRA, Jr. (2013a).

⁵⁷Cf. Anais do XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de pesquisa em Letras no contexto latino-americano. Cascavel - PR: EDUNIOESTE, 2013. v. 00. p. 1-14.

⁵⁸Cf. OLIVEIRA Jr., J. F. de; SANTOS, P. S. N. dos; SOARES Jr., A. R. 2013.

literatura e região, a obra *Selva Trágica* (1956), de Hernâni Donato, é vista como pano de fundo, ilustrativa da abordagem empreendida.”

Já em 2014, cursando o mestrado e trabalhando na redação de sua dissertação, Oliveira Jr. publicou importantes artigos nos quais reflete sobre a relevância de *Selva Trágica* para nossa literatura, como “Intersecções entre História e Ficção em *Selva trágica* e *A Selva*”⁵⁹ (2014a), em que chamou a atenção para a “relevância destas obras e suas temáticas”. No artigo intitulado “O Romance como Expressão da Literatura Moderna: *Selva trágica* e *A Selva*” (2014b), o pesquisador afirmou que “É notório que as duas obras em questão se constituem como a representação de um passado (re)construído sob a perspectiva daqueles que viveram mais intensamente a selva.” (p.12). Também em 2014, participou do V Seminário Internacional América Platina, no qual apresentou e publicou o trabalho “Relatos da selva na literatura regional brasileira”⁶⁰ (2014c), observando que:

Selva Trágica se caracteriza como destacado relato de um período conhecido como o Ciclo da Erva-Mate, no extremo Sul do estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai, evidenciando condições de extrema exploração econômica em um pungente relato denúncia e memorialismo sobre o que representou o impacto do Ciclo da Erva-Mate no Brasil. (OLIVEIRA Jr., 2014c, p. 1)

Oliveira Jr., com a comunicação “*Selva trágica* e *A Selva*: ou duas narrativas sobre a selva”, divulga a obra de Donato nas XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana de Estudiantes, ocorrido na cidade de Santiago do Chile, destacando como “a temática da selva é colocada em evidência na narrativa” (2014d).

Do mesmo modo que trabalhos sobre *Selva Trágica* transitam nos mais variados terrenos, algo diferente não ocorre com o estudo de sua narrativa em outras áreas do conhecimento, como é o caso do livro *Geografia e literatura: diálogo em torno da identidade territorial sul-mato-grossense* (2014), do geógrafo Robinson Santos Pinheiro, que, em seu texto introdutório, ao listar obras de grande importância para a cultura de Mato Grosso do Sul, descreve *Selva Trágica* como “um romance que retrata as mazelas e as alegrias vividas

⁵⁹Cf. III Colóquio NECC: Entrelugares pós-coloniais - Anais. Campo Grande MS: UFMS, 2014a.

⁶⁰V Seminário Internacional América Platina: fronteiras da diversidade, resistências e rupturas. Dourados, MS: UFGD, 2014c.

pelos ervateiros, no início do século 20, na busca desenfreada pela erva-mate”. (PINHEIRO, 2014, p. 26). Também no 2º capítulo⁶¹, no subitem intitulado “Em Mato Grosso: adentrando solos sul-mato-grossenses”, o geógrafo Robinson Pinheiro enfatiza que:

[...] *Selva Trágica*, escrito por Hernâni Donato, um interessante romance que busca evidenciar as relações sociais que se estruturavam na Companhia Mate Laranjeira e em seu entorno. No romance, percebemos como a violência servia para facilitar as relações que se estabeleciam. (PINHEIRO, 2014, p. 78)

O interesse de Robinson Pinheiro pela obra de Donato não é recente, como podemos observar no artigo “Linguagem geográfica e literária: apontamentos acerca da construção da identidade territorial sul-mato-grossense”, escrito em co-autoria com o professor Cláudio Benito Oliveira Ferraz, no qual refletem sobre a identidade territorial sul-mato-grossense através da narrativa de *Selva Trágica*, afirmando que:

[...] o ponto central do livro de Donato é a relação societal que estava se organizando no início da década de 1920, evidenciando as formas de trabalho e as relações interpessoais, os valores que permeavam a vida dos mineiros e a própria vida amorosa, em que as mulheres acabavam se entregando ao mineiro que melhor podia trazer rendimentos para casa. (PINHEIRO; FERRAZ, 2009, p. 96)

PINHEIRO e FERRAZ, voltam a citar nosso objeto de pesquisa através da publicação, no ano de 2011, do capítulo intitulado “ ‘Onde cantam as seriemas’: percepções identitárias”, observando que:

Hernâni Donato, em *Selva Trágica*, mostra bem esta relação não harmoniosa entre homem e a natureza. Evidencia que, com a chegada dos colonizadores, o sul do antigo Mato Grosso foi “naturalmente” se transformando, bem como a sua paisagem. (PINHEIRO; FERRAZ, 2011, p. 97)

Mais recentemente, já após o exame de qualificação desta dissertação, nos deparamos em nossa pesquisa com duas importantes obras do escritor José Couto Vieira Pontes. Pontes descreve as manifestações literárias em nosso Estado na obra *História da Literatura Sul-Mato-Grossense (1981)*, na qual, em seu quinto capítulo: “A literatura, os temas e os processos modernistas”, enaltece a obra de Donato na parte que se intitula “O

⁶¹Capítulo Intitulado: A poeira da jornada em sua(s) temporalidade(s) e espacialidade(s): a obra no contexto geohistórico. (PINHEIRO, 2014, p. 67-107)

Regionalismo Moderno: Hernâni Donato, o Drama dos Ervais”, onde se lê, dentre outros elogios a *Selva Trágica*, que:

Escrito com esmero, num visível artesanato literário, o romance de Hernâni Donato documenta, com as melhores tintas do regionalismo brasileiro, um drama social pungente e fixa, com bastante serenidade e domínio do tema, “a terra, o tempo, o sonho... e seres humanos mergulhados na tragédia de uma sobrevivência absurda...”, como a própria obra se apresenta. (PONTES, 1981, p. 153)

A segunda obra de Pontes que tivemos acesso, intitulada *Os vinte anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras* (1991), foi publicada dez anos após o lançamento da obra anteriormente citada. Nesta obra, Pontes registra a presença de Hernâni Donato na instalação de nossa Academia, em 13 de Outubro de 1971, citando, inclusive, parte do eloquente discurso de nosso autor.

Também, mais um representativo trabalho de pesquisa sobre a obra de Donato, ***Selva Trágica –o Espaço da Degradação: um romance sob tensão*** (1997)⁶², foi realizado como dissertação de mestrado na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), pela pesquisadora Dair Méris da Silva Ferreira (1997, 186 f.), cujo trabalho voltou-se para aspectos relevantes, tais como a posição do herói coletivo em *Selva Trágica*, incluindo, ao nosso ver, valioso levantamento da fortuna crítica de Donato (Cf. p. 24-31), que se agrega portanto a este trabalho. A citação a seguir sintetiza o foco das reflexões da estudiosa:

A obra romanesca do escritor Hernâni Donato compreende alguns romances que traçam a trajetória do homem brasileiro circunscrito a um espaço que faz dele um ser colocado à paisagem social e submetido a leis que anulam seu sonho e sua capacidade de libertação e o impedem de se realizar em sua plenitude. [...] são narrativas que giram em torno de um eixo social e denunciam a trama das relações que subjagam o homem e o fazem produto da dominação e exploração perversas e o põem no centro das lutas desiguais de classes. (FERREIRA, 2011, p. 41)

⁶²Devemos ao professor Jérri Roberto Marin a preciosa indicação desta fonte bibliográfica, gentilmente encaminhada para nossa leitura. Também, a indicação do precioso artigo de sua autoria, ainda no prelo, a sair pela *Revista Raído*. (2015).

Uma outra dissertação de Mestrado, defendida no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), intitulada *O imaginário do sertão: lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Laranjeira. (Mato Grosso: 1890 – 1945)*, de autoria da professora Isabel Cristina Martins Guillen (1991, 393 f.), resultou num amplo espectro de análise histórico-social e cultural de *Selva Trágica* e o seu contexto com o ciclo de extração da erva-mate e suas consequências no grande drama humano que caracterizou a exploração de mão de obra em regime subumano.

Também na graduação em História, da Universidade Federal da Grande Dourados, deparamos com a monografia *As veredas da selva: a história caminhando nos caatins da literatura* (2009), de Fábio Luiz de Arruda Herrig, na qual analisa a obra de Donato através do período histórico contextualizado entre os anos de 1892 a 1940. Herrig, já no ano de 2010, como aluno do Mestrado em Letras, continua a pesquisar sobre a obra de Donato, participando de eventos, e apresentando trabalhos como “*Selva Trágica: Problemas e Perspectivas*”⁶³ (2010), no qual analisa “o diálogo entre as mais diversas teorias” na narrativa de *Selva Trágica*.

No ano de 2011, em período de redação da dissertação, Herrig trata sobre “A dimensão social no romance *Selva trágica: dois sentidos*”⁶⁴ (2011a), demonstrando em sua comunicação o sentido “imamente”, e também o sentido “transcendente” no termo “social” presentes ao longo da narrativa. Neste mesmo ano defende, na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a dissertação intitulada *Literatura e História: Uma Perspectiva Interdisciplinar do Romance Selva Trágica, de Hernâni Donato*⁶⁵ (2011b), na qual, dentre outras análises da narrativa, reflete sobre o adjetivo “trágico”, afirmando que este “se faz presente

⁶³Cf. HERRIG, Fábio Luis de Arruda. *Selva Trágica: Problemas e Perspectivas*. In: I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária – MÖEBIUS, 1, 2010. *Resumos...* Dourados; MS: UFGD, 2010, p. 71.

⁶⁴Cf. HERRIG, Fábio Luis de Arruda. A dimensão social no romance *Selva trágica: dois sentidos*. In: I Encontro “Diálogos entre Letras”, 1, 2011a. *Resumos...* Dourados; MS: UFGD, 2011, p. 50.

⁶⁵Cf. HERRIG, Fábio Luis de Arruda, 2011b.

em todos os momentos” (p. 56), sendo indispensável noticiar o livro⁶⁶ de título homônimo ao de sua dissertação, publicado no ano de 2013.

Ainda sobre a temática do “trágico”, Herrig publicou recentemente o artigo “A tragicidade de *Selva Trágica*”⁶⁷ (2014) reforçando a presença deste elemento na narrativa de Donato, com exemplos extraídos da própria obra e afirmando também que, na narrativa, “o trágico está em constante vigília, esperando a mínima oportunidade para agir” (p. 9). Herrig tem demonstrado ser grande estudioso de *Selva Trágica*, pois, atualmente desenvolve a tese de Doutorado em História, intitulada *As representações da Erva Mate na fronteira Brasil-Paraguai*, sobre a qual desenvolve expressivos trabalhos, de sua autoria, como “*Selva Trágica*, cinema e história regional”, que é título de um projeto de extensão desenvolvido entre os anos de 2008 e 2009, ensinando literatura regional através do cinema nas escolas públicas do município de Amambaí/MS, e com demais trabalhos⁶⁸ que divulgam com êxito a obra de Donato.

Importante também citar a dissertação *Chão bruto: tensão, ritmo e imagem* (2000), de Nilza Lemos de Almeida Cabrita, que estuda outra importante obra de Hernâni Donato, *Chão Bruto*, e também relaciona história e literatura, sobre a qual queremos chamar atenção apenas para a entrevista feita pela autora com Donato, em São Paulo, no ano de 1999, registrando às páginas 120-135 de sua dissertação, na qual através da transcrição das palavras do autor, lemos:

Eu conheci o drama dos ervais. E fiquei uns tempos num erval, me tornei até sócio de um erval na vacaria matogrossense, no sul, na direção do rio Paraná. E neste erval, então, eu retirei material para o *Selva Trágica*, desta vivência [...]. (DONATO *apud* CABRITA, 2000, p. 124)

⁶⁶HERRIG, F. L. A. *Literatura e história: uma perspectiva interdisciplinar do romance Selva Trágica*, de Hernâni Donato. Novas Edições Acadêmicas, 2013.

⁶⁷Cf. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 32, n. 62, p. 141-154, jun. 2014.

⁶⁸Cf. Um olhar dialético da teoria da literatura através da literatura de Mato Grosso e do Antigo Sul de Mato Grosso. *Revista Raído*, Dourados, v. 5, n. 10, p. 387-404, Jul./Dez. 2011.

Ver também os capítulos: HERRIG, F. L. A. Hernâni Donato e o caráter social da literatura brasileira. In: Diogo Roiz. (org.). *História intelectual, instituições e letrados na historiografia brasileira*. Jundiaí, SP: Paco editorial, 2014. ; HERRIG, F. L. A. *Selva trágica: a orientação ética a partir do sagrado*. In: Suzi Frankl Sperber. (org.). *Presença do sagrado na literatura: questões teóricas e de hermenêutica*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, 2011.

Somando-se à fortuna crítica do escritor, temos ainda nossos próprios trabalhos, como o artigo “Estudo teórico-crítico dos conceitos de região, regiões culturais e regionalismos”, este resultante da pesquisa de iniciação científica, o qual mesmo não citando diretamente a obra de Donato, discute a fronteira Brasil-Paraguai e como se dá a construção de sua identidade cultural, indo ao encontro de *Selva Trágica* através deste *locus* fronteiriço abordado na narrativa.

Também na graduação, como co-autor do artigo “A literatura sul-mato-grossense: orilhas entre o local e o global”⁶⁹, já citado anteriormente, passamos a pesquisar a obra de Donato, e a refletir sobre a elaboração de um projeto que contemplasse a pesquisa que vínhamos fazendo na iniciação científica; neste momento, com vistas à um anteprojeto de pesquisa para a seleção do Mestrado em Letras. Deste modo, ainda no ano de 2013, publicamos um relevante artigo na *Revista Cerrados* da UNB, intitulado “Vozes nas Orilhas, ou o Regional na Representação da Cultura”, no qual, ao discorrermos acerca da valiosa contribuição de Donato para nossa literatura, ressaltamos que:

A história de vida do escritor, sua perceptível formação de homem devotado à cultura de modo geral e à convivência no mundo da erva-mate, compartilhando as experiências do peão do erval, correspondem à vigorosa estatura de suas narrativas e ao sucesso que elas angariaram. (OLIVEIRA Jr.; SOARES Jr.; SANTOS, 2013, p. 10)

Já no ano de 2014, como aluno do Mestrado em Letras, apresentamos o trabalho “A Interculturalidade Fronteiriça em *Selva Trágica* de Hernâni Donato” (2014a), nas XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana de Estudiantes, ocorrido na cidade de Santiago, no Chile, no qual destacamos que vários foram os estudiosos e escritores que reconheceram o papel da obra de Donato, tanto para a história regional sul-mato-grossense, quanto para os estudos de interculturalidade, de fronteira, e para o sentido de sua contemporaneidade como relato e denúncia das narrativas e das histórias locais, que redimensionam o lugar da historiografia literária no subcontinente.

⁶⁹Cf. OLIVEIRA Jr., J. F. de; SANTOS, P. S. N. dos; SOARES Jr., A. R. 2013.

Ainda no ano de 2014, com o trabalho “O Drama dos Ervais em *Selva Trágica* de Hernâni Donato”⁷⁰ (2014b), de título homônimo ao deste trabalho de Mestrado, enfatizamos que, *Selva Trágica* tem por

temática fundamental a vida na selva e as tragédias daí decorrentes, envolvendo homens inominados, seres sem identidades, enterrados na selva verde dos ervais no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul, associado ao caráter documental que revela o olhar preocupado do escritor/romancista com as questões sociais de um tempo obscuro que propomos trazer à luz, sobretudo quando consideramos a antiga edição desta obra. (SOARES Jr., 2014b, p. 4-5)

Publicamos, também, no 8º ENEPEX / Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFGD, o trabalho “Leitura inicial ou paratextualidade em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato” (2014c). Neste, com o suporte da teoria do paratexto de Gerard Genette, buscamos analisar a produção de sentidos suscitada pelos paratextos que compõem a narrativa de Donato. Deste modo, tendo em mãos as edições subsequentes ao lançamento da obra, bem como sua mais recente, no ano de 2011, propomo-nos a analisar os elementos paratextuais de *Selva Trágica*, no próximo subitem deste capítulo. A paratextualidade constitui um dos aspectos de originalidade deste trabalho, considerando-se, sobretudo, o fato de nenhum outro trabalho ter se debruçado sobre esta perspectiva de análise que ora formulamos acerca da obra do escritor Hernâni Donato.

De resto, reservamos, como lista de referências consultadas, algumas representativas fontes *online* de *homepages* com artigos, notas e homenagens a Hernâni Donato, tanto pela ocasião do relançamento de *Selva Trágica*, em 2011, quanto pela ocasião do falecimento do escritor em 2012 (Cf. lista ao final das referências).

⁷⁰Cf. SANTOS; SOARES Jr. 2014b.

2.2 – O paratexto como produção de sentido

Foi o teórico francês Gérard Genette quem formulou as bases teóricas para os estudos da semiótica do paratexto. Já em sua obra seminal, *Palimpsestes* (1981)⁷¹, Genette deu forma à expressão *paratexto* com o propósito de se referir ao acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, que impedem que o texto se apresente em “estado nu” ao grande público. É, contudo, em *Seuils* (1987), obra particularmente devotada à teorização sobre o assunto, que Genette se volta objetivamente para a prática da paratextualidade, cuja obra, em recente tradução para o público brasileiro, intitulou-se *Paratextos editoriais* (2009), da qual extraímos sua noção de paratexto como sendo “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”; ou seja, segundo Genette, todo o aparato editorial de uma publicação, a arte da capa, a disposição do nome do autor e do título do livro nesta capa, o prefácio e as dedicatórias, as ilustrações e a epígrafe da obra, acabam compondo o objeto resultante de uma produção textual enquanto paratexto (Cf. GENETTE, 2009, p. 9).

Também o teórico Antoine Compagnon (1996), por sua vez, denomina como *perigrafia* toda a composição periférica de um livro, esclarecendo que:

Sua [do livro] periferia, o que não está nem dentro nem fora, compreende toda uma série de elementos que o envolvem, como a moldura fecha o quadro com um título, com uma assinatura, com uma dedicatória. São outras tantas entradas no corpo do livro: elas desenham uma *perigrafia*, que o autor deve vigiar e onde ele deve se observar, porque é primeiramente nos arredores do texto que se trama sua receptibilidade. (COMPAGNON, 1996, p. 70)⁷²

Por conseguinte, essas noções acerca dos estudos do paratexto ganham expressividade em nosso trabalho, sobretudo quando, no próximo subitem, nos deteremos na análise e reflexão de alguns dos elementos

⁷¹GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982. In: MELLO, Ana Maria Lisboa. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. In: BITTENCOURT, Gilda N. da Silva. (org.). *Literatura comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1996, p. 13-28. ; GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuils, 1987.

⁷²Cf. COMPAGNON, Antoine. *La second man: ou le travail de la citation*. Paris: Editions du Seuil, 1979.; COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

editoriais que nos prendem a atenção durante a leitura e a manipulação da(s) edição/edições de *Selva Trágica*, especialmente nos aspectos mais visíveis para a leitura e com efeitos numa provável produção de sentido destas edições. Referimo-nos à materialidade dos paratextos editoriais enquanto elementos de produção de sentido e de anterioridade à narração literária propriamente dita.

Ainda neste sentido, é oportuno lembrar que no período histórico conhecido como “Restauração”, de grande impacto sobre as artes e a história da cultura de um modo geral, o poder político e de estado, desenvolvendo uma atitude de aberta censura às produções culturais, impunha o controle das conhecidas cabines de leitura, bem como muitas das obras de arte foram “maquiadas/manipuladas”, cobertas com folhas de parreira na tentativa de encobrir o nu artístico; da mesma forma os títulos das obras sofreram os influxos oriundos desse período (Restauração), daí decorrendo a censura às leituras e à referida maquiagem das capas e títulos de livros para fazer passar o que era proibido, muitas vezes fazendo passar conteúdos diferenciados do texto primeiro.

Tudo isto sugere uma política e bom uso do *corpus*, conduzindo à ampla prática da intertextualidade hoje muito conhecida, a qual Genette estudou como *Palimpsestes*; demandando uma larga política de citação, muitas vezes acarretando dificuldades em conduzir um conjunto de enunciados, cuja estrutura e leitura semântica tornaram-se reduções, leitura redutora. Assim, deve-se notar que com referência às obras de Honoré de Balzac, principalmente as que compreendem a fase da juventude, possuem muitas epígrafes, até várias por capítulo – por vezes anônimas ou de atribuição fantasiosa. Dentre os seus grandes romances de costume, *Pai Goriot* traz acentuada sua fórmula realista de narrativa anotando no frontispício a epígrafe “All is true”, originariamente atribuída a William Shakespeare: esta epígrafe torna-se representativa não só por remeter aos processos do realismo em literatura, à sua atribuição ao bardo inglês, mas, pior, pela inveracidade e inautenticidade da sua originalidade.

No que se refere especialmente ao emprego de epígrafes, ela usualmente aparece ao pé do texto, geralmente sob a primeira página de rosto, e é frequentemente original e adotada definitivamente na primeira edição de uma obra. Como se sabe, há casos de epígrafes tardias, ou suprimidas por decisão do autor, ou negligência editorial. Tudo se recobre de intenção, na medida em que a epígrafe é uma citação, e consiste em texto. Sendo uma citação, duas questões se colocariam, segundo Genette: quem é o autor real, ou putativo do texto?, daí o destaque que Compagnon também atribui à epígrafe como sendo uma citação por excelência. Nota-se que os usos da epígrafe são muitos e variáveis, o mais frequente consiste em nomear o autor sem precisar a referência (a identidade da epígrafe vale por si como no frontispício de um estudo crítico ou bibliográfico, onde a epígrafe anônima não pode ser atribuída ao autor-objeto). Com efeito, Gerard Genette, em *Seuils*, ao refletir acerca da semiótica do paratexto, enfatiza que a epígrafe como uma citação em exergo – isto é, aquilo que está fora da obra, *ex ergon*, datando-a, situando-a no tempo, como a inscrição do ano numa moeda ou numa medalha – joga com a economia geral dos sentidos e participa da rede de relações que é toda narração⁷³.

Portanto, ao ocupar um lugar fora do texto, a epígrafe pode significar apenas um revestimento de erudição e/ou um testemunho de afinidades, no que sua função de referência marginal pode ser prescindível para a produção de sentido. Contudo, para a semiótica do paratexto, como enfatiza Genette, a epígrafe acaba se constituindo em outro elemento que participa da rede de relações que é toda narração. A epígrafe ao acompanhar o discurso recolhe a perspectiva do autor implícito, e assim se auto-remete enquanto texto complementar a revelar um nível superior de compreensão.

Gérard Genette, ao definir a epígrafe como uma citação⁷⁴, mostra que as suas utilizações são muito variáveis. Em prolongamento a esta abordagem, estudando o grau de semioticidade da epígrafe no conto “Anel de Moebius” de

⁷³GENETTE, Gérard. “Les épigraphes”, In: *Seuils*. Paris: Seuils, 1987, p. 134-149.

⁷⁴Du fait que l'épigraphie est une citation, il s'ensuit presque nécessairement qu'elle consiste en un text. (GENETTE, 1987, p. 140)

Julio Cortázar, o professor Paulo Nolasco dos Santos publicou relevante capítulo sobre o assunto⁷⁵.

O próximo subitem deste capítulo visa a uma leitura da paratextualidade das edições de *Selva Trágica*, em função dos nossos interesses de estudo.

⁷⁵SANTOS, Paulo Nolasco. A epígrafe-metáfora do conto “Anel de Moebius” de Julio Cortázar. In: SANTOS, 2006, p. 121-141.

2.2.1 – A paratextualidade: contexto e sentido na obra *Selva Trágica*

“A SELVA DE QUE TRATAMOS NESTE LIVRO ERA DE FATO TRÁGICA:

‘... éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facção, sal, fósforos, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erveira, podá-la e fazer erva.’ (“o *Drama do Mate*”, Antônio Bacilla, pág. 34.) ”. [sic]⁷⁶

O escritor Hernâni Donato inicia, assim, com essa epígrafe, o “prólogo” das páginas 7 e 8, que antecede o Capítulo 1, da narrativa de *Selva Trágica*.

Vê-se, na moldura dessa epígrafe, a intenção de um cabeçalho ou tópico frasal em letras maiúsculas, abrindo-se dentro do mesmo corpo para uma concreta citação em epígrafe de uma outra narrativa, prototexto da que se lê, aqui evocada como caução ou fiduciária da história de *Selva Trágica*.

A epígrafe, assim caracterizada, abrindo este texto é seminal para nosso trabalho, seja pela sua natureza de paratexto editorial, seja pelo conteúdo ou produção de sentidos que, em torno dela, procuraremos desenvolver uma reflexão acerca da paratextualidade, ou perigrafia, que, *grosso modo*, constituem os estudos de semiótica do paratexto.

Antes de tudo, nossa atenção se volta para a apresentação e contextualização da narrativa de *Selva Trágica* e de seu autor, Hernâni Donato, emblemáticos signos da literatura da fronteira Brasil–Paraguai, e do reconhecido período histórico denominado Ciclo da Erva-Mate. Deste ponto de vista, justificamos a seleção do *corpus*, que contempla nosso trabalho, intitulado “O drama dos ervais em *Selva Trágica* de Hernâni Donato”, pontuando aspectos relevantes acerca do tema, do objeto de pesquisa que nos ocupa há algum tempo, destacando, inclusive, algumas reflexões já realizadas.⁷⁷

A articulação que ora imprimimos a este texto visa à proposta de leitura dos elementos paratextuais que adornam a narrativa de *Selva Trágica*

⁷⁶Cf. edição de 1957.

⁷⁷Cf. SOARES Jr. (2013, 2014).

propriamente dita, constituindo um riquíssimo pano de fundo, mediante o qual brotam imagens plásticas-visuais de grande poder sugestivo, mobilizador da persuasão e da capacidade de manipulação do sujeito leitor – de todo aquele que manuseia o volume de *Selva Trágica*, procurando contrastar as diferentes edições da obra.

Retomando a reflexão inicial deste subitem, passamos à leitura e análise dos elementos paratextuais de *Selva Trágica*: um desses elementos, dos mais representativos dentre eles, constitui-se pela “epígrafe”, que também funcionaria como “pórtico”, abrindo a narrativa de *Selva Trágica*, na edição de 1957, na página cinco, porém não numerada, e que chama a atenção do leitor não só por sua natureza de paratexto editorial, mas, mais representativamente, pela orientação de leitura e produção de sentidos que dela decorrem, uma vez que sintetiza emblematicamente o universo de discurso que deve se tornar a perspectiva de leitura, que abordaremos a partir daí.

Leiamos a referida epígrafe:

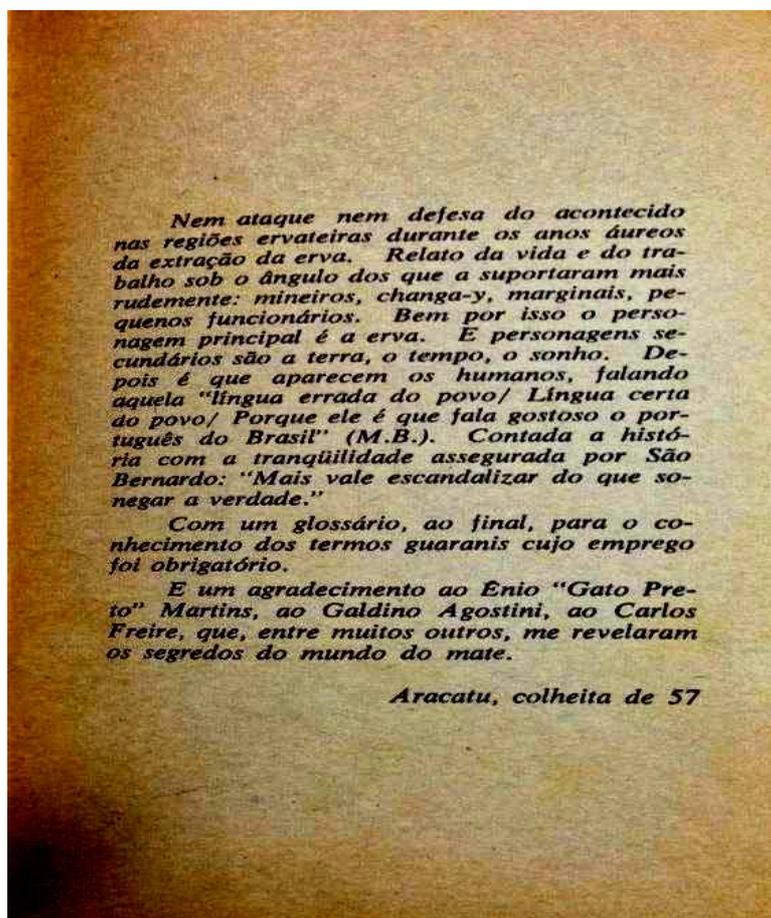


Fig. 3: Epígrafe à entrada da obra *Selva Trágica*. (Edição de 1957)

Como se lê na “epígrafe” do livro (**Fig. 3**), que finaliza com a indicação do local em que a obra foi entregue à sua primeira edição, ou seja, a localidade de “Aracatu, colheita de 57”, em página particularmente reservada para sua escritura, o escritor enuncia descrevendo o tema fundamental ou *leitmotiv* de seu livro, que não é outra personagem senão o relato e drama da extração da erva-mate, como grande fronteira que constituiu a exploração tanto das ervaíras quanto dos indivíduos humanos que atravessam a narração deste relato, tão pungente como refletido já na epígrafe inicial deste trabalho.

Também daí se depreendem sentidos explícitos ou implícitos que emaranham a vida das personagens e seus destinos na terra, no tempo, no sonho, bem assim como acontece em outra narrativa muito conhecida da literatura brasileira, o romance *São Bernardo*, do escritor Graciliano Ramos, cuja citação, ao meio do texto da epígrafe diz o seguinte: “Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade.” Dentre outras informações, este texto da “epígrafe” tem ainda a função de indicar que, ao final da narrativa, o leitor pode encontrar um glossário, “para conhecimento dos termos guaranis cujo emprego foi obrigatório”.

Desta perspectiva, os sentidos promovidos pela “epígrafe” assumem a condição e lugar de uma epígrafe maior, que, pelo lugar que ocupa no frontispício da obra, abrem sendas e veredas de significação; pois, segundo sugere seu uso e espaço, dentro dos limites aqui dimensionados, ela “emblemática” simbolicamente um “pórtico” de entrada ao universo da narrativa ou história da obra, bem como da narração segundo o pano de fundo que constitui o entrecho da saga dos ervaíreiros como um todo. Deste ângulo, vale destacar a função de pórtico atribuída à epígrafe em análise, a partir do que registra o *Dicionário Eletrônico Houaiss* a respeito das ressignificações do termo:

- (i) local coberto à entrada de um edifício, de um templo, de um palácio etc.
- (ii) galeria cujo teto ou abóboda são sustentados por colunas ou por arcadas, ger. à entrada de um edifício; (iii) *porta principal; portal, portada;*
- (iv) *entrada, ingresso, acesso à algo difícil e grandioso;* (v) trave horizontal, sustentada por outras verticais, na qual ficam suspensos aparelhos de ginástica e (vi) doutrina dos estóicos, chefiados por Zenão, que ensinava sob um pórtico em Atenas. (HOUAISS, 2007, s/p) (grifos nossos)⁷⁸

⁷⁸A propósito, tais definições lembram, também, as entradas dos grandes condomínios fechados contemporâneos.

Quer-se explorar aqui, para a devida apresentação da obra, os sentidos que apontam para a ideia de acesso, daquilo que se localiza à entrada (pórtico), ou daquilo que se constitui como a própria entrada, como meio de acesso ao espaço interior de uma casa, de um edifício, de um templo e/ou da selva, soberba e enigmática: sentidos esses que podem ser observados em (iii) “porta principal; portal, portada”; e, (iv) “entrada, ingresso, acesso à algo difícil e grandioso”. Ao ler a epígrafe de *Selva Trágica* em comunhão com o sentido de “pórtico”, procuramos realçar o grande alcance histórico-social desse sintagma que, particularmente nos espaços públicos aglutinadores das cidades e vida urbanas, guardavam grande função de delimitação entre o espaço externo e interno de um lugar, neste caso, o pórtico representava a própria entrada para o espaço da cidade, ou, das práticas culturais que ali dentro se desenrolavam; ora, assim como no espaço das cidades, o espaço da narração de *Selva Trágica* também é precedido por um pórtico, o que equivale a dizer, neste caso, por uma epígrafe – lugar de passagem, pedágio, que não se pode burlar a ultrapassagem sob pena de não aceder ao universo de discurso (a cidade, a narração), ficando obliterado seu entendimento, conhecimento e compreensão. Neste sentido, é oportuna a referência que faz o professor Renato Janine Ribeiro, em reflexões que fazem referência aos pórticos presentes nas cidades contemporâneas do Rei-Sol:

Essa sociedade que assim aprende a se comportar, por que não a ver como sugere La Bruyère, contemporâneo do Rei-Sol: ‘Nós, que somos hoje tão modernos, seremos antigos dentro de poucos séculos. Então se ouvirá falar da capital de um grande reino na qual não havia nem praças públicas, nem banhos, nem fontes, nem anfiteatros, nem galerias, nem pórticos, nem passeios e que, no entanto, era uma cidade maravilhosa.’ (RIBEIRO, 1987, p. 111). (grifo nosso)

Conseqüentemente, a “epígrafe” que ora lemos, anteposta em folha não numerada, abre para a leitura do prólogo da narrativa, e que é constituído por várias epígrafes, ocupando o espaço das páginas 7 (sete) e 8 (oito), iniciando este prólogo pela epígrafe que abre este subitem. Porém, retomando ainda a leitura da epígrafe, há que se destacar seu poder de sugestão e leitura de grande persuasão, quando se refere à presença da erva-mate, da terra, do tempo, do sonho como elementos de transposição textual, produtivo paratexto de toda obra, como se lê em trecho do texto da epígrafe:

Bem por isso o personagem principal é a erva. E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. Depois é que aparecem os humanos [...]. (epígrafe) (itálico nosso)

Como se lê, ou, como se diz no proverbial adágio, “um pingo é uma letra”, ou seja, o que mais se precisa dizer após esse trecho da epígrafe? Quase nada mais podia ser dito depois da imensa produtividade de sentidos da passagem acima, que lemos na epígrafe: ela anuncia, por assim dizer, todo o imenso contexto e o universo de discurso que se dá a ler no transcurso de uma narrativa que se mostra como “trágica”, resultante de uma fatalidade, fruto de um mundo abandonado, onde os humanos são entregues à sua própria sorte e destino. Ou, ainda: a epígrafe tem o condão de, dentre outros aspectos, situar por ordem de precedência a (i) erva-mate, (ii) a terra, (iii) o tempo, (iv) o sonho... e por último (v) os humanos. Nesta ordem de precedência inclui-se o drama dos humanos, também bem representados pelo poeta paraguaio marginal Rafael Barrett que aparece, a seguir, às folhas do prólogo. A mesma epígrafe alardeia, como em palavras do oráculo, o vaticínio do drama que se anuncia: “Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade”.

De toda a sua riqueza em produtividade de sentidos, a epígrafe em análise alude a uma certa personagem denominada Ênio “Gato Preto” Martins: trata-se, segundo a epígrafe, de um dos “informantes” que revelaram os segredos do mundo do mate ao autor-narrador, e que, como sabemos, tendo o conhecimento da narrativa, trata-se de uma personagem que aparece à página 114 (cento e catorze) da narrativa, caracterizada como “Quem manda lá é um certo Ênio Gato Preto, vindo do rio Brilhante.” (DONATO, 2011, p. 114). É de se observar, contudo, que, apesar da citação da personagem e da sua localização geográfica, resta a inquietação do leitor sobre a existência de Ênio Gato Preto, e de sua real representação no contexto da fábula: teria realmente existido tal personagem com esta função de protagonista, ou, a decorrer dos princípios da epígrafe, ela teria sido evocada com o propósito de garantir verossimilhança à narrativa do Autor?

Em consequência, passamos à leitura das páginas 7 (sete) e 8 (oito) indicadas, trágica e pungente, da epígrafe extraída de (i) *O Drama do Mate*, de Antônio Bacilla, seguida por outros fragmentos da (ii) “Carta de Hernandarias ao rei da Espanha”, de mais (iii) dois depoimentos orais de trabalhadores dos

ervais, coletados pelo próprio Hernâni Donato, além de um ilustrativo e emblemático trecho de (iv) “Depoimento de Rafael Barrett”, representativo nome da poesia paraguaia, envolvido em triste e trágica história de vida e luta pela causa daquele povo espoliado e sofrido.⁷⁹

⁷⁹Rafael Barrett se constitui como um dos mais importantes nomes das letras paraguaias nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Miguel Ángel Fernández, a obra de Rafael Barrett: “[...] se encuentra en la raíz de algunos de los mayores escritores hispanoamericanos – y paraguayos desde luego – [...]” (FERNÁNDEZ, 2011, p. 48) Barrett nasceu na província de Santander, na Espanha, no dia 7 de Janeiro de 1876, em 1903 veio para Buenos Aires, onde colabora como membro da redação do jornal *Correo Español*, e depois no *El Tiempo*, jornal esse em cujas páginas aparecem, pela primeira vez, textos sob sua assinatura. Em 1904, muda-se para o Paraguai como correspondente do *El Tiempo*, a fim de cobrir a revolução iniciada naquele ano, mas recém chegado em Asunción tornou-se simpatizante da causa revolucionária, passando a lutar e a denunciar, em seus textos, as mazelas sociais da nação paraguaia, ao lado dos revolucionários. Segundo Hérib Campos: “Al concluir la Guerra Civil de 1904 se afincó en el país, se casa en él y comienza a militar en el movimiento anarcosindicalista, erigiéndose en su más destacado exponente intelectual en nuestro país”. (CAMPOS, 2011, p. 9) Colaborou em diversos jornais paraguaios, fundou o *Germinal*, foi autor de artigos, ensaios, contos, poemas, crítica literária, textos que se destacam pelo conteúdo de profundo teor filosófico e existencialista, além de demonstrar o olhar atento de escritor e humanista, ao voltar-se, na vida e na escrita, para as questões sociais de seu tempo. Roa Bastos, outro grande nome da literatura Paraguaia, autor de *Hijo de Hombre*, afirmou, no prólogo a *El Dolor Paraguayo* (1978), que: “Barrett nos enseñó a escribir a los escritores paraguayos de hoy [...] nos introdujo vertiginosamente en la luz rasante y al mismo tiempo nebulosa, casi fantasmagórica, de la ‘realidad que delira’ de sus mitos y contramitos históricos, sociales y culturales”. (BASTOS, *apud* FERNÁNDEZ, 2011, p. 43) Vale dizer, ainda, que a produção literária de Barrett se deu, basicamente, no Paraguai, nação a qual adotara como sendo sua, na primeira década do século XX, uma vez que veio a falecer no dia 13 de Dezembro de 1910 na cidade de Paris, para onde havia ido meses antes em busca de tratamento contra a Tuberculose, que vinha já há muito lhe roubando as forças. Segundo Fernández: “Era Barrett, sin embargo, español (un español europeo, habría que agregar) por su formación y por ciertos rasgos de su carácter. Pero en un sentido más hondo era sobre todo un ‘español americano’, y, por razones entrañables, un ‘español paraguayo’, puesto que aquí avizoró la luz de un nuevo mundo y se encendió el fuego de su infinita esperanza de hombre entero”. (Ibidem. p. 15) Dentre as muitas denúncias de Barrett estão, também, aquelas que revelaram a realidade de exploração nos ervais, tratada, de maneira mais detida, numa série de artigos publicados em 1908 sob o título, “Lo que son los yerbales”. Segundo Fernández: “Esse trabajo, que publicó originariamente como una serie de artículos entre el 15 y el 27 de junio de 1908, le costó la ruptura con la gente ‘respectable’ y la opinión adversa de algunos periódicos”. (Ibidem. p. 25). Fernandez lembra, ainda, que os escritos de Barrett se tornaram bandeira do movimento sindicalista do Paraguai, era “[...] un referente de las organizaciones obreras y del pensamiento socialista, como testimonia, por ejemplo, la admiración que guardaban por su obra y su pensamiento fundadores del Partido Comunista en el Paraguay, como Obdulio Barte y Oscar Creydt. (Ibidem. p. 25). Pode-se dizer, nesse sentido, que Barrett se constitui como um intelectual dinâmico e comprometido com as causas sociais, sem eliminar de seus textos o valor estético, “[...] La escritura Barretriana, como la de todo gran creador, mantiene en vilo los valores incandescentes – éticos y estéticos – del hombre entero, del escritor auténtico. Barrett, finalmente, fue eso: un hombre entero, un escritor auténtico”. (Ibidem. p. 49)

Cf. Neste sentido, o precioso volume *Rafael Barrett – Escritor y pensador revolucionario* (2011), escrito pelo crítico e professor paraguaio Miguel Ángel Fernández, publicado pela coleção de sugestivo nome “protagonistas de la historia”.

Leiamos agora, em cotejo, o referido prólogo das páginas 7 (sete) e 8 (oito) de *Selva Trágica* (1957):

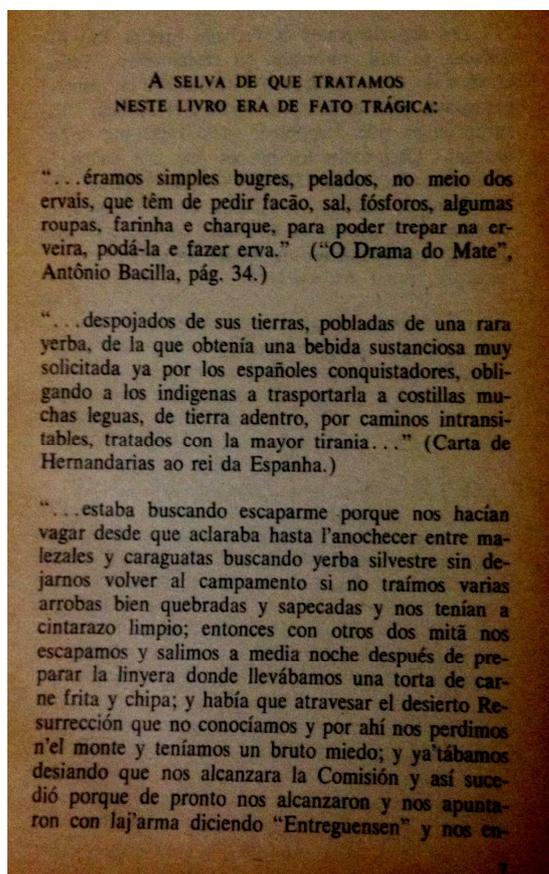


Fig. 4: Cópia da página 7 do Prólogo

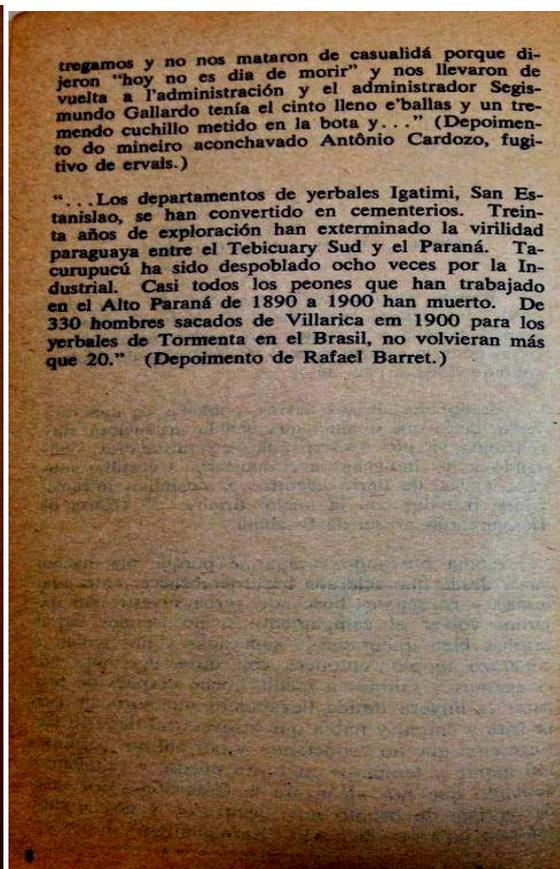


Fig. 5: Cópia da página 8 do Prólogo

Assim, como se vê, correlacionando o texto da epígrafe com os do prólogo (Fig. 4 e 5), podemos argumentar que a nossa leitura opera em confluência e entrecruzamento de ambos os textos, sobretudo do notável poder de persuasão e anunciação que eles detêm na “função” e no “lugar” de geradores de sentido, e na condição textual de “paratextualidade”, enquadrando e preparando o universo de discurso e a recepção do leitor para o início do relato, propriamente dito, bem como do enfrentamento com o grande drama que se desdobra nas páginas do romance anunciado. Dizendo de outra forma, estes textos produzem relações de sentido que reforçam o enredo que compõe a obra *Selva Trágica* de Donato.

Com efeito, tanto a epígrafe inicial, quanto a(s) epígrafe(s) do prólogo, no caso que nos ocupa, a leitura de *Selva Trágica*, são representativas também as capas e o(s) título(s) desta obra.

É significativo que Genette chame a atenção para a função, dentre outros aspectos, de o título de uma obra funcionar como um holofote, um lustre, que lança luminosidades, sentidos, clareza, ao conteúdo que ele recobre. Decerto que o título de uma obra guarda estrita significação com a confecção da própria capa desta obra, como, por exemplo, nos parece ser o caso das capas de *Selva Trágica*, que selecionamos para nossa leitura.

Retomando a obra de Compagnon (1996), o título de uma obra assume “a função primeira (...) de referência. Ele evoca todo um texto por um signo que o compreende, sem que este seja sobrecarregado de alguma outra prioridade.” (p. 71) e, a seguir, Compagnon informa que:

[...] o nome do autor e o título na capa do livro, procuram antes situar este último no espaço social da leitura, colocá-lo corretamente numa tipologia dos leitores, porque meu primeiro contato com um livro passa por esses dois signos. (COMPAGNON, 1996, p. 74)

O que se relaciona com o princípio geral de Genette de que a assinatura do autor na capa das edições atende ao “quanto mais o autor é conhecido, mais seu nome é exibido”. (GENETTE, 2009, p. 40)

Diante disso, verificamos que os títulos, por si sós, quando impressos às capas, carregam sentidos altamente significativos e persuasivos em relação à obra que o leitor tem em mãos, à leitura a ser empreendida e sua conseqüente produção de sentidos.

Pensemos, por exemplo, no título do conhecido poema “Navio negreiro”: não só para os leitores de Gonçalves Dias, nem para os aficionados pelo romantismo brasileiro, à adjetivação pelo epíteto “negreiro”, já remete e conclama todo um contexto do período da escravidão, como também emblematiza o sentido de exploração e expropriação de vidas humanas, aliás, não só ali tratadas, como também o foram no reconhecido soneto do “Príncipe dos poetas” – O Banzo. Assim, no título *Selva Trágica*, é produtiva a leitura de semas de adjetivação, de qualificação: trágica..., negreiro... Ora, se o navio é negreiro, a selva é trágica... assim como aquele navio só podia ser “negreiro”, pelo forte poder de persuasão e combinação dos eixos de seleção e combinação, a selva só poderia ser “trágica”, pelo forte poder de persuasão e do sentido sintagmático de trágico remetendo para o universo dos textos e dos

acontecimentos trágicos. De outro modo, a “selva” pode ser simplesmente selva, em sua natureza intrínseca, de natureza, de ser indomável e desconhecida do homem... por isso, selva. Aliás, uma narrativa clássica se intitula *A Selva*, na qual seu autor Ferreira de Castro descreve a exploração e a extração da borracha na selva amazônica... mas aqui ainda não se trata de uma selva trágica como, observe-se, ocorre no título da obra de Donato: *Selva Trágica*.

Assim como notamos para as epígrafes, o título, ou os títulos de *Selva Trágica*, do modo como aparecem nas diversas edições da obra, sinalizam para leituras de forte impacto sobre a narrativa que se abrirá diante do leitor, segundo os critérios e escolhas das “grafias” com que se subscrevem as capas de cada uma das edições – como veremos nas imagens das capas a seguir. Resumindo: os títulos têm a função de lançar luzes como se de um holofote sobre a obra que o leitor tem em mãos. Ainda que de outro modo se possa recorrer desta afirmação, pois, como se sabe, ao mesmo tempo em que fixam o olhar do leitor sobre o conteúdo da obra, às vezes, um título pode ser “simplesmente um título”, no sentido segundo o qual ele pode ser apenas ilustrativo, ocasional, e alheio ao universo de discurso e da narrativa propriamente dita.

Diante do exposto, leiamos/vejamos, antes de mais, as capas (e respectivos títulos) de diferentes edições de *Selva Trágica*, como digitalizadas a seguir:

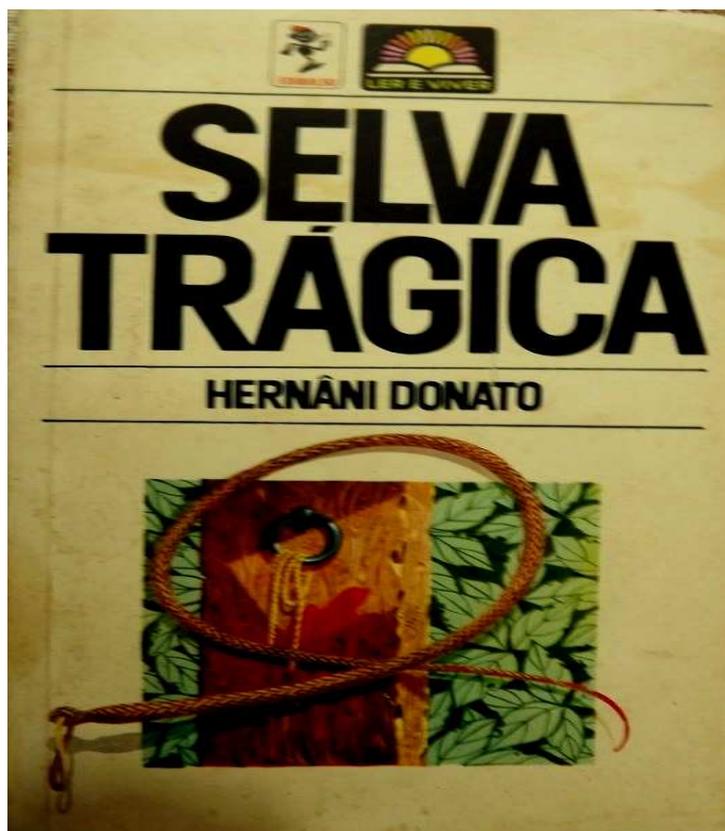


Fig. 6: Capa da edição de *Selva Trágica* (1957)

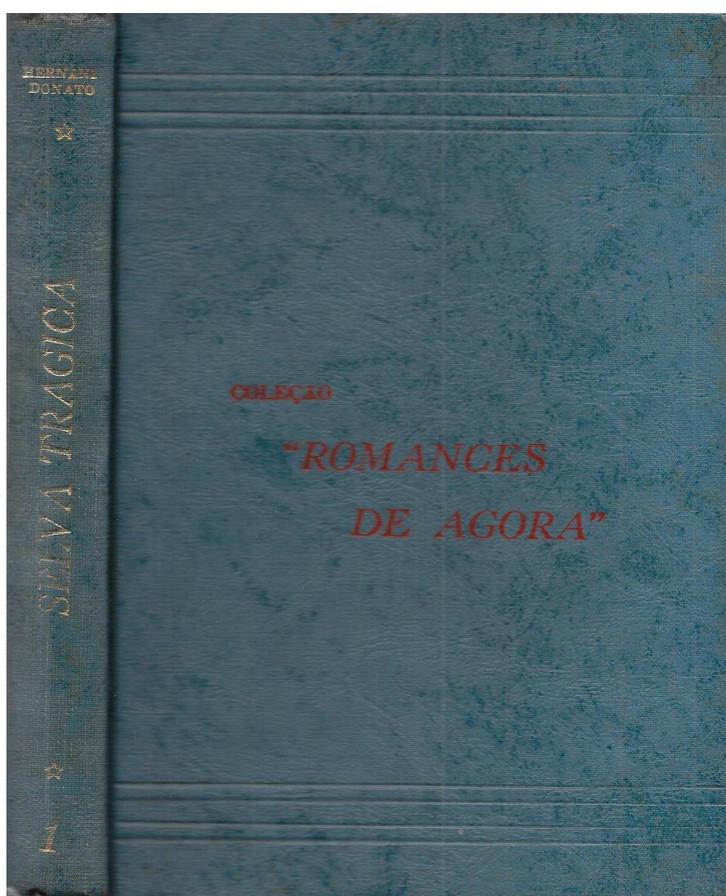


Fig. 7: Capa da edição de *Selva Trágica* (1959)

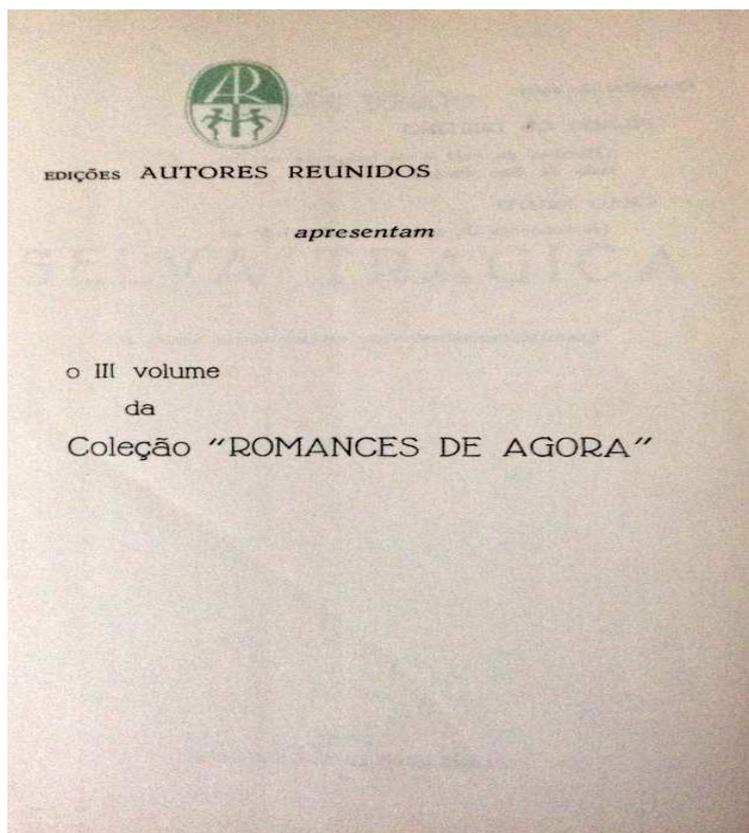


Fig. 8: Folha de rosto da edição de *Selva Trágica* (1959)



Fig. 9: Capa da edição de *Selva Trágica* (1959)

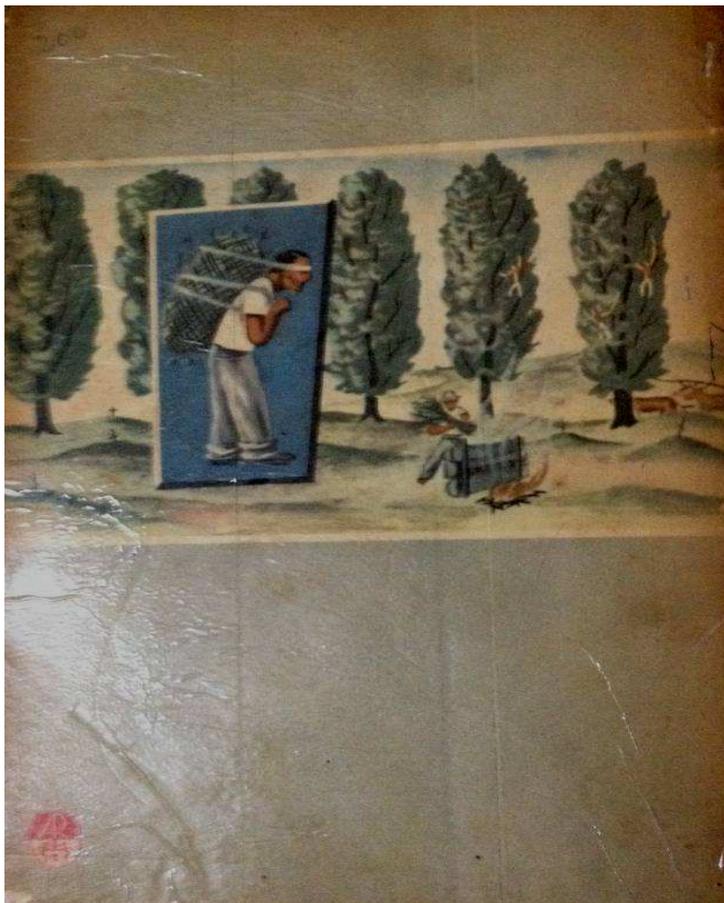


Fig. 10: Contracapa da edição de *Selva Trágica* (1959)

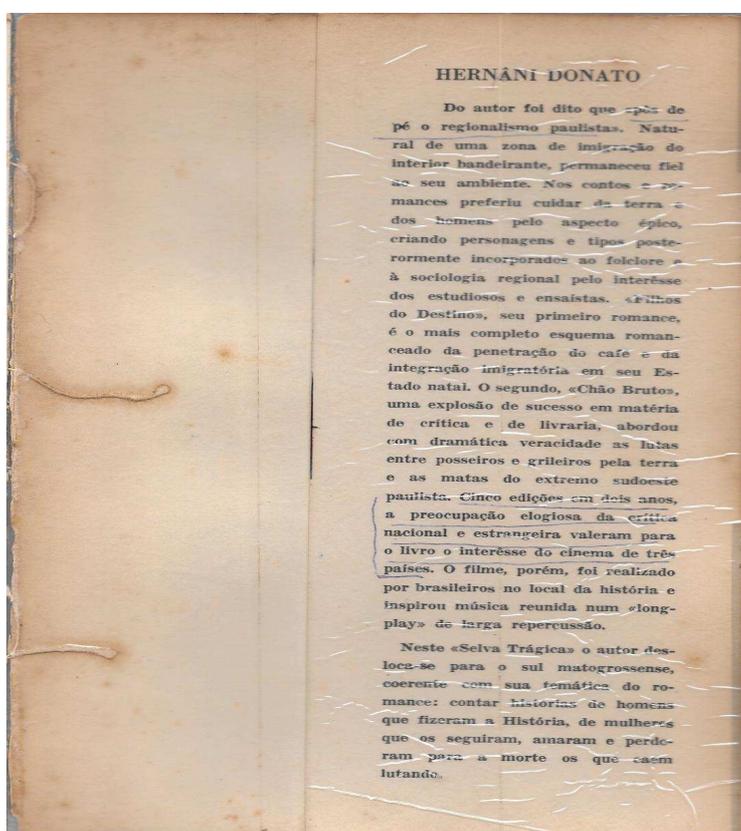


Fig. 11: Orelha da contracapa de *Selva Trágica* (1959)

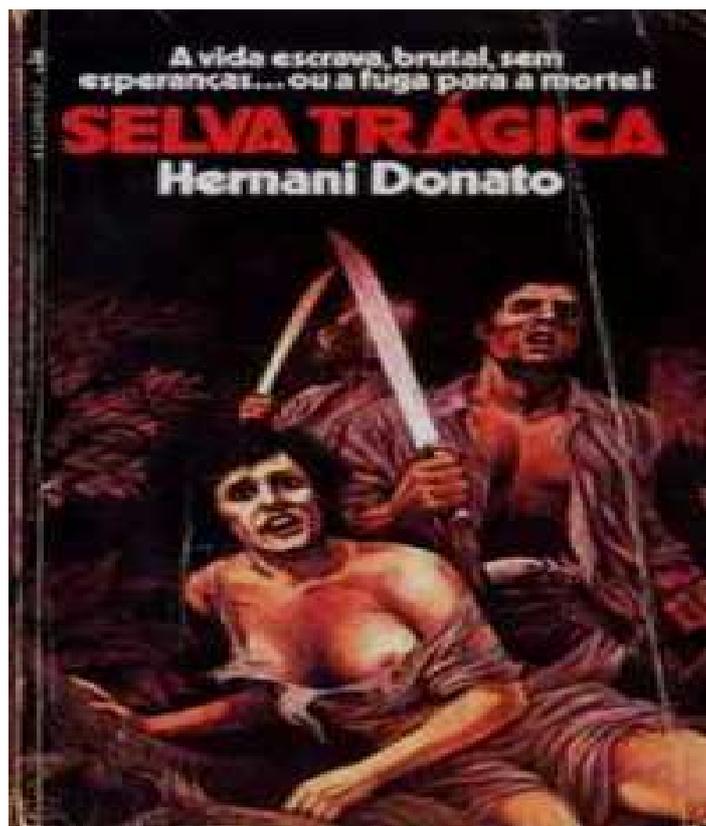


Fig. 12: Capa da edição de *Selva Trágica* (1976)

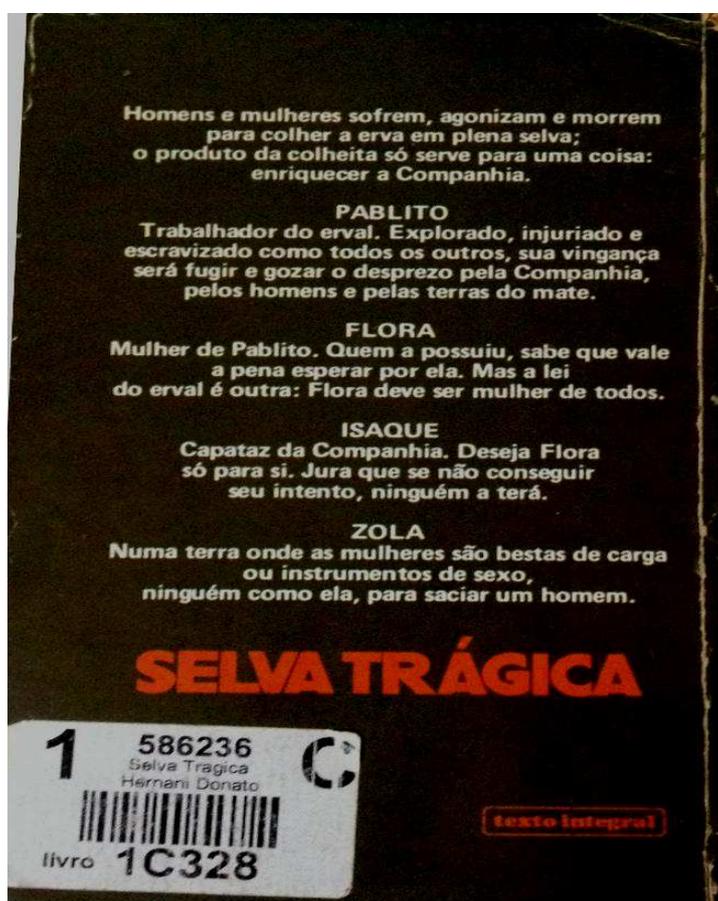


Fig. 13: Contracapa da edição de *Selva Trágica* de 1976

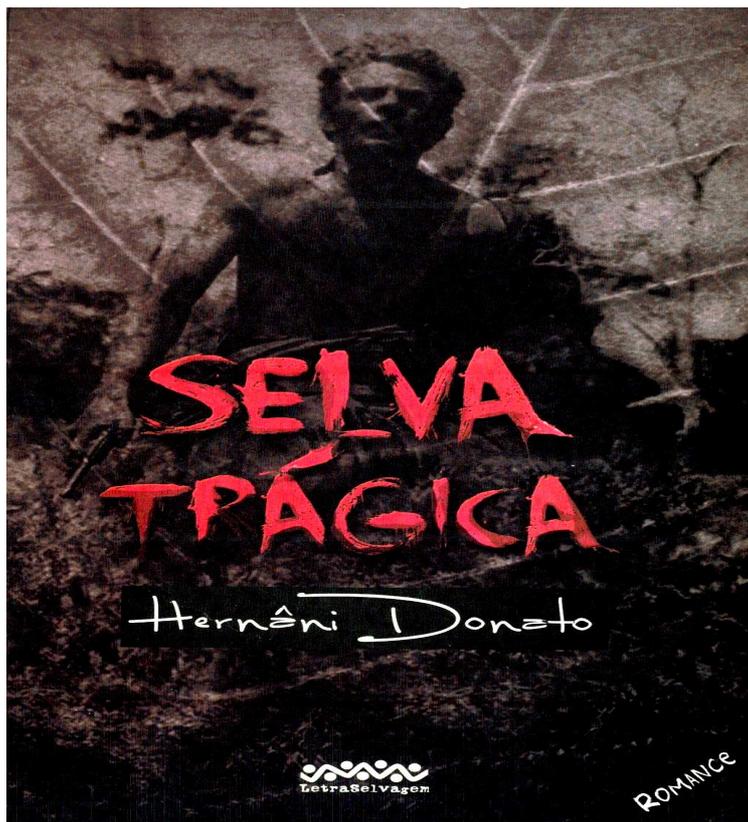


Fig. 14: Capa da edição de *Selva Trágica* (2011)

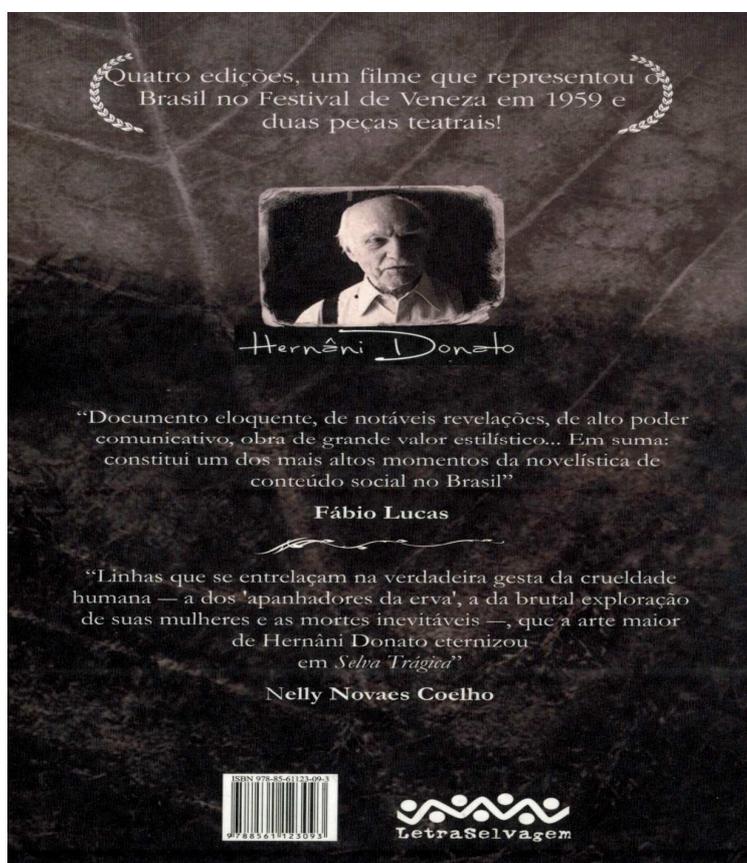


Fig. 15: Contracapa da edição de *Selva Trágica* (2011)

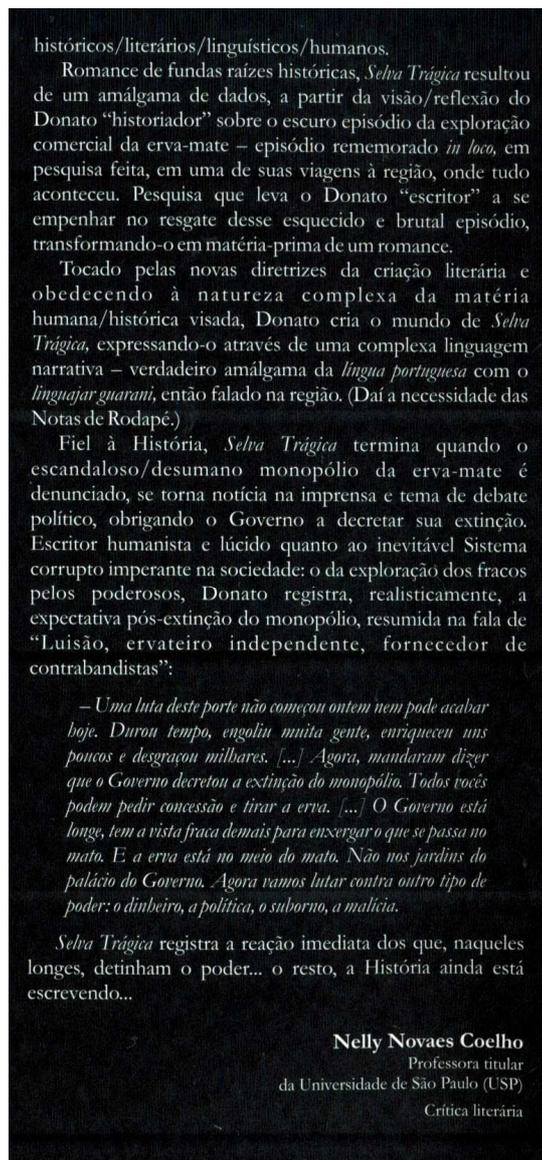
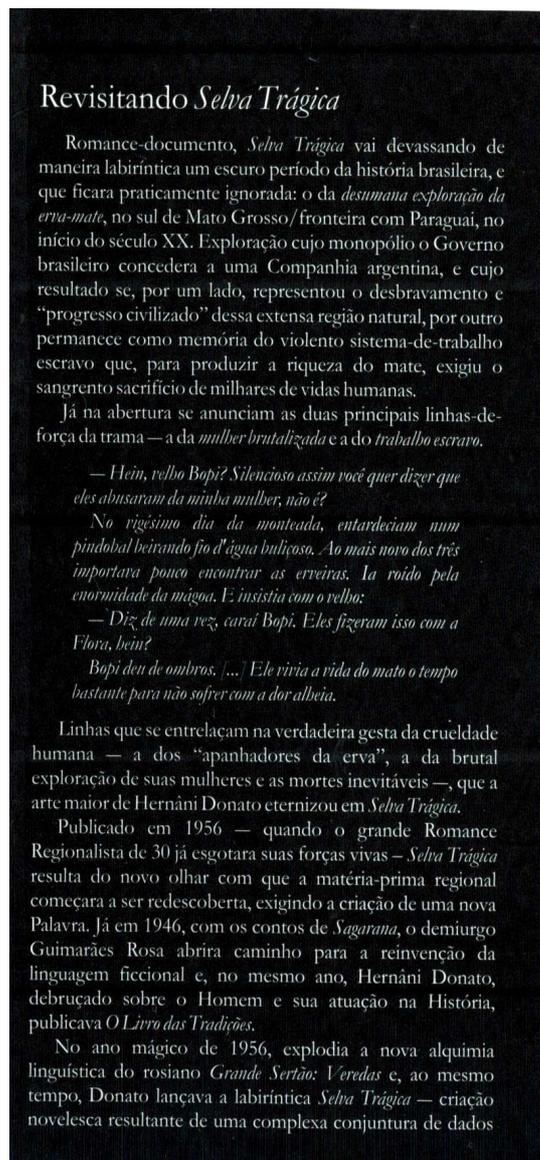


Fig. 16: Orelha da capa de *Selva Trágica* (2011) Fig. 17: Orelha da contracapa de *Selva Trágica* (2011)

Do ponto de vista plástico-visual, as cinco capas selecionadas para nossa leitura traduzem diferentemente o potencial semântico de cada uma delas, e bem assim, daquilo que o leitor encontrará nas páginas de *Selva Trágica*, em seu entrecho, chamando a atenção para particulares modos de significar e traduzir o universo de discurso e a forma da “narração”, ou como é relatada a narrativa de *Selva Trágica*.

Assim, a capa da edição de 1957 (Fig. 6) evoca ostensivamente os signos do tronco, da chibata, sobre um fundo matizado pelas folhas da ervateira. De uma forma ou de outra, de uma capa a outra, as correspondências de sentido se acentuam e se equivalem, apesar de

nuançarem sentidos diferenciados. Isto porque são reforçados pelo fundo comum da narrativa, que é um só: a vida na selva, em região distante, sob o impacto de forças desiguais, ou seja, o explorador *versus* o explorado. Ou seja, o que singulariza esta capa (**Fig. 6**), é a presença ostensiva da imagem de um tronco e de um chicote, mediante os quais o trabalho nas erveiras era comandado por um feitor responsável pelas ordens de comando e pelos castigos impostos como se, em clara evocação a um regime de trabalho de escravidão. É clara a impressão do regime de dominação calcado sobre um fundo verde que representa “o ouro verde” da produção da erva-mate na fronteira Brasil-Paraguai, que constitui tema da narrativa como um todo. Observa-se nesta capa o selo da edição Edibolso (Editora Edibolso S. A.), significando uma edição popular e de acessível aquisição pelo público-alvo e interessados. A edição não apresenta paratextos como orelhas, prefácios, mas traz um glossário de língua guarani originalmente adotada pelo autor.

Já em relação à capa da edição de 1959 (**Fig. 7**), observa-se tratar de uma edição de apurada qualidade editorial, que integra uma coleção denominada “Romances de agora”, aliás único registro visível na capa, compondo o terceiro volume da coleção, onde o título aparece como se em segundo plano, na lombada do livro. Aliás, é significativo que tanto o nome do Autor quanto o título *Selva Trágica* não apareçam na capa da edição... Como também é sintomático, além do aspecto “clean” desta capa, o fato de a folha de rosto (**Fig. 8**) expor o *status* desta edição, denominada “Romances de agora”. O que sugere, para além do projeto editorial, o fato de tratar-se de uma narrativa voltada aos interesses do público-alvo da época, pois, “Romances de agora” só pode ser uma chamada ou uma diretriz para os leitores do ano de 1959, ou seja, leitores dos projetos neorrealistas e da estética literária da época desta edição.

Em seguida, pelo que se observa, uma nova edição de 1959 (**Fig. 9**), *Selva Trágica* foi contemplada ainda mais singularmente, pois que retrata as figuras da erveira e um barbaquá, estendendo-se através da capa e contracapa (**Fig. 10**), vislumbrando-se nesta, inclusive, um ervateiro carregando o raído. Sublinha-se que esta edição também traz o selo da coleção “Romances de agora”, com destaque para as “orelhas” do livro (**Fig. 11**), onde se lêem os

prestigiosos elogios: “Do autor foi dito que ‘pôs de pé o regionalismo paulista’. (...) Cinco edições em dois anos, a preocupação elogiosa da crítica nacional e estrangeira valeram para o livro o interesse do cinema de três países.” (Orelha do Livro).

Com relação à capa da edição de 1976 (**Fig. 12**), salienta-se um ponto alto da criatividade do ilustrador, na medida em que matiza signos da violência e crueldade de corpos viris na exploração de corpos femininos, ou seja, explorando um dos aspectos da narrativa, que diz respeito à escravidão das mulheres em condição de prostitutas e escravas sexuais dos trabalhadores nas erveiras. A exploração forçada da presença da mulher, como objeto de satisfação, prazer, e exploração erótica, relacionando-a à necessidade física e de instinto dos trabalhadores dos ervais, que naquelas lonjuras eram condenados a viver em regime de semi-escravidão, sem família, sem laços sentimentais. A figura da mulher, portanto, emblematiza o objeto do desejo e da satisfação como suporte e suplemento de uma vida, e de uma empreita árida e hostil. Mais do que isso, a imagem da capa, colorida, é de forte impacto visual, apelando para os sentidos e para a explícita situação de prisioneiras do mundo bruto da erva-mate, cujo subtítulo da capa, “A vida escrava, brutal, sem esperanças... ou a fuga para a morte!”, se sobrepõe antes de tudo a toda a narração do relato de *Selva Trágica*. Com efeito, a contracapa desta edição (**Fig. 13**), explora caracterizações diversas das personagens que habitam o universo da narrativa: Pablito, Flora, Isaque, Zola. Enfim, a capa desta edição em seu forte impacto e estímulo plástico-visual sugere situações de curra, evocando em um de seus sentidos máximos, a relação explorado *versus* explorador, dominador *versus* dominado.

A edição de *Selva Trágica*, no ano de 2011, (**Fig. 14**), transcorridos 35 (trinta e cinco) anos de sua última edição, recupera cena do filme veiculado sob o mesmo título, baseado na obra homônima. A imagem da capa, acompanhando a narrativa fílmica, praticamente fala por si própria: em letras vermelhas, o título assenta-se sob um fundo negro, onde um vulto “presumivelmente” humano parece correr, como em fuga daquele lugar, inferno, no qual são situadas as personagens da narrativa. Corroborando este sentido, vê-se ao fundo a folha de uma erveira, da erva-mate, sob a imagem de

um vulto humano em cores escuras sob tintas vermelhas que traduzem o título da obra *Selva Trágica* com sugestiva conotação de que se tivesse escrito com dedo humano... quer dizer, como em outras capas, retorna aqui todo o poder de sugestão imagético-visual e de clamor, sugerindo a tragicidade da história, como se num forte ícone gritante que se podia associar semioticamente ao quadro “O grito” de Munch. Estendo-se pela contracapa desta edição (**Fig. 15**), lêem-se as prestigiosas informações que hoje se inscrevem como se na lápide do autor recém-sepultado: “Quatro edições, um filme que representou o Brasil no Festival de Veneza em 1959 e duas peças teatrais!”, além das notáveis apreciações críticas de um Fábio Lucas e de uma Nelly Novaes Coelho, em contracapa. (Cf. **Fig. 15**).

Esta última edição, em 2011, contou com formidável texto de “orelhas” do livro: “Revisitando *Selva Trágica*” (Cf. **Fig. 16 e 17**), assinado pela conhecida crítica de literatura Nelly Novaes Coelho, que sintetiza o projeto e a representatividade de *Selva Trágica* para a literatura brasileira; a mesma edição retoma em folha de rosto a epígrafe da primeira edição, sem autoria, às vezes ausente noutras edições, que assim anuncia, em letras maiúsculas, como se em folha de rosto, a obra que o leitor tem em mãos:

A TERRA, O TEMPO, O SONHO...
E SERES HUMANOS MERGULHADOS
NA TRAGÉDIA DE UMA
SOBREVIVÊNCIA ABSURDA... [sic]⁸⁰

Afora isso, esta edição recuperou o conhecido texto do crítico Fábio Lucas, da Academia Paulista de Letras, intitulado “NA SELVA SELVAGGIA DA CRIAÇÃO” (p. 7-10), que, emblematicamente, passou a ocupar o lugar de “prefácio” à esta edição.

À guisa de conclusão deste subitem, resulta evidente que, a partir da epígrafe que abre este texto, seguida do prólogo da obra, mais as capas e os títulos delas mesmas, tudo isso corrobora para a anunciação da narrativa e conseqüente preparação da recepção do leitor para a leitura e valoração do real sentido de denúncia que o relato de *Selva Trágica* registra e põe em demanda.

⁸⁰Destacada assim, em especial folha de rosto, na edição de 2011, esta epígrafe rearticulada de outras passagens, recupera ressignificações e especial poder de “efeito de real, de leitura”, que tinha já se obliterado em reedições anteriores.

CAPÍTULO III

SELVA TRÁGICA: CONSTITUIÇÃO NARRATIVA E RELAÇÕES DE PODER

[...] E por estas bandas quem manda é ela [A Companhia]. Ela engraxa as rodas do carro do Governo, manda na polícia, decide onde há de passar uma estrada ou ser enterrado um peão. Tenha isto como certo – ela só não manda nas coisas de Deus e isso mesmo, com o devido respeito – eu acho que por enquanto.

Selva Trágica

Hernâni DONATO (2011, p. 56)

CAPÍTULO III - SELVA TRÁGICA: CONSTITUIÇÃO NARRATIVA E RELAÇÕES DE PODER

Após contextualizarmos o *locus* no qual Hernâni Donato extrai a “seiva” para escrever *Selva Trágica*, bem como analisar os elementos paratextuais que compõem todas as edições da obra, procuraremos desenvolver neste capítulo uma leitura analítica da narrativa de *Selva Trágica* propriamente dita. Ou seja: a análise procurará descrever a obra através de seu enredo, e de suas implicações com o relato histórico. Para tanto, teceremos considerações pontuais acerca de Literatura e História, compreendendo a relação da obra com o chamado Ciclo da Erva-Mate, no que o papel do enredo e do processo narrativo servem como elementos desencadeadores da abordagem.

3.1 – Enredo e processo narrativo em *Selva Trágica*

Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, [...] se espalha e flui pelos *tapê-hacienda* e destes aos *tapê-poi*, trilhas furadas no mato até a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva.

Selva Trágica
Hernâni DONATO (2011, p. 27-28)

A citação acima, tomada como epígrafe deste subcapítulo, decorre da voz do narrador onisciente através de quem o leitor toma conhecimento do enredo de *Selva Trágica*: nota-se, desde então, que, a estrutura estilística da citação é tão densa quanto a selva descrita na obra de Donato. Obra que está dividida em capítulos e partes não intitulados, num total de 7 (sete) capítulos, com um número de partes não uniformes, e, também, apenas numeradas. De certo modo, o leitor finda com a impressão labiríntica, pois, ao aprofundar-se na leitura da obra, e refazendo a teia de seu enredo, parece perseguir ou repetir os passos dos próprios trabalhadores dos ervais, em confronto com uma selva, na qual pode facilmente se “perder”, restando-lhe apenas o andar e olhar atentos, argutos, na difícil tarefa de destrinçar seu enredo.

Isso se deixa perceber no trecho da narrativa, cujos inúmeros planos se intercalam, unicamente marcados através dos números arábicos que subdividem a obra, que vão configurando cada um dos 7 (sete) capítulos da mesma. Ou seja, constitui-se orientação de leitura, norte para o leitor, as numerações que separam os capítulos e suas partes, que podem essas ser assemelhadas às personagens, mineiros trabalhadores dos ervais. O que representa na prática as atividades dos *tapê-hacienda*⁸¹, como eram chamados os caminhos maiores por onde se guiavam os trabalhadores dos ervais, aqui representando os capítulos da narrativa, como caminhos maiores por onde se encontram todos os envolvidos na lida com a erva-mate; Já os *tapê-poi*⁸², que são as subdivisões do caminho maior, por onde os trabalhadores acessavam a

⁸¹Caminho de casa; caminho mestre.

⁸²Trilhos que cortam o *tapê-hacienda* em todas as direções.

via de transporte da erva, podem se assemelhar às pequenas partes dos capítulos, uma vez que são neles que as histórias acontecem, umas paralelas às outras.

Em nossa análise, que, inclusive, foi elaborada a partir dos textos das cinco edições de *Selva Trágica*, verificamos que o autor optou por não nomear as partes da narrativa, propositadamente, deixando-a literalmente como uma “selva”, ou seja, um lugar onde não há placas indicando os caminhos, e as referências ficam ao encargo dos elementos da natureza, como o sol, a lua, as estrelas e principalmente a flora – elementos emblemáticos do enredo desta narrativa.

Deste ponto de vista, cresce em importância a temática sob a qual se desenvolve o enredo, que de outro modo já exploramos no capítulo anterior, em especial na abordagem das epígrafes e das capas das diversas edições da obra. No entanto, cotejando agora o *corpus* da narrativa literária, constatamos que o enredo se volta para as palavras emblemáticas e sugestivas que desdobram o título da obra [*Selva Trágica*] ao subtintular-se “A gesta ervateira no sulestematogrossense”. Não é demais observar que, sob a espinha dorsal deste subtítulo, as demais obras de Donato entretecem fios de sentidos de um ciclo de exploração enfrentando as diversas temáticas de suas obras. Foi desta perspectiva que o estudioso da literatura e da obra de Hernâni Donato, em capítulo intitulado “O trágico relato dos ervais” (SANTOS, 2008, p. 97-103), sublinhou com relevância a passagem em que brota a seiva da narrativa e do rico enredo que a constitui. A seguir, a transcrição, que corrobora, segundo a abordagem de Santos (2008), de algumas passagens de *Selva trágica*:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremece. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pé e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim.

Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, remansa no largo central da vaqueria e de novo se espalha e flui pelos tape-hacienda e destes aos tape-poí, trilhas furadas no mato ate a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva. [...]

Era o instante cinza-pálido em que amanhã desmanchava o escuro. Calçando as plantillas, tendo as pernas e as coxas endurecidas pelas

botas de couro, carregando a um lado o porongo de água e de outro o machete, haviam caminhado quilômetro. Quatrocentos mil quilos de erva já haviam saído daquela bolsa verde, deixando clareiras de árvores abatidas. Era crime derrubar as árvores da erva. Sabiam. Mas derrubavam. Nos começos, trabalhavam de tiru – subiam nas erveiras até o máximo de seis metros, e agarrados aos alhos cortavam os ramos. Depois, parece que o mundo endoideceu e começou a exigir mate a mais não haver. Abandonaram o tiru e começaram a bater machado, derrubando as árvores para desgalar no chão. Rendia mais assim! A ordem de todos os dias e produzir mais e mais. Isso mandam dizer, repetidamente, de Ponta Porã e de Buenos Aires – onde vivem os que mandam na erva e nos mineiros. Quando já não há o que derrubar, fazem os monteadores afundar no caatim buscando outra mina de erva. [...]

Quando corou o que parece suficiente arrasta os galhos para o sapeco. É uma operação delicada e necessariamente rápida. Se se demora, as folhas perdem o alegre verde para um escuro funéreo. A seiva fermentada nas veias das folhas azeda, arruinando a colheita.

O capataz encoraja:

– Pro sapeco! Vamos, gente, e esse sapeco!?

Quase dia, hora em que a mata refresca, as flores trescalam e descansam os insetos bebedores de sangue. Mas os mineiros não têm nada com isso! Estão acendendo as tataguás – fogueiras espertas, de metro quadrado de folhas, gravetos e palhas, entre paredes e pranchas de pindó. Protegidos por essa paliçada, abraçam ramos de erva que passam e repassam no banho de fogo e calor. O mate, verde, resinoso, estraleja, crepita. As veias das folhas se rompem, queimam a seiva, impedindo que fiquem ardidas e embolando-se para facilitar o transporte. O fogo, a fumaça, o cheiro forte da resina crestada tornam difícil respirar. Entre o sapeco de um e outro feixe, os homens engolem o ar, limpam-se do suor.[...]

Ao fim do sapeco o sol esta de fora. A manha cresce com um calor de trinta e nove graus, juntando pernilongos e biriguis no suor dos homens já entregues às manobras do depinico. Arrancam aos punhados as folhas ainda quentes, depositando-as no raído: um trançado de correias comondo o fardo que o homem levará às costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaias. O máximo é o limite de forças do mineiro. Uma vez debaixo dele, o homem tem que levá-lo a destino ou cair ao chão – geralmente com a espinha partida. Muitos morreram assim, ensinando que o cuidado com o raído é coisa importante. Daí o Pytã, que não quer morrer pois está próximo o dia da partida, desvelar-se no preparo do seu raído. Coloca a estaquilha a jeito e modo de não lhe ferir a cabeça; distende caprichosamente a ponchada para que durante o trajeto ao escapem e se percam ramos de folhas. [...]

Meio-dia. Avançam pelo tape, pernas duras, passadas curtas. Cada passo debaixo do raído de quase duzentos quilos exige grande esforço.

(DONATO, 1956, p. 16-21 *passim*)

Como se vê, trata-se de passagem-síntese do enredo de *Selva Trágica*, que fala por si só: a história de vida do escritor, sua perceptível formação de homem devotado à cultura de modo geral e à convivência no mundo da erva-mate, compartilhando as experiências do peão do erval, correspondem à

vigorosa estatura de suas narrativas e ao sucesso que elas angariaram. Três obras suas foram adaptadas para o cinema: *Selva Trágica*, *Caçador de esmeraldas* e *Chão bruto*, esta por duas vezes. (Cf. SANTOS, 2008, p. 98) Também são significativas as palavras de outro grande escritor sul-mato-grossense que não se furtou a destacar homenageando o épico de Hernâni Donato, segundo as palavras:

Outro grande tema regional é o drama dos ervais. O gaúcho Tomás Laranjeiras, auxiliar da comissão de limites do governo imperial, logo após a Guerra do Paraguai, palmilhando a mataria da Serra de Maracaju, observou as árvores de erva-mate, que apareciam até o Apa. Trouxe gente do Rio Grande do Sul e iniciou a exploração da erva-mate, fundando com os irmãos Murtinho a Companhia Mate Laranjeira. Hernâni Donato, em seu livro **Selva trágica**, descreveu os conflitos na região ervateira, os homens escravizados no “inferno verde”. Hélio Serejo, nosso folclorista, também registrou várias passagens pungentes e, em homenagem a eles, escrevi este poema: “Os Ervais” (a Hélio Serejo e Hernâni Donato)⁸³.

Em aprofundada exploração do enredo de *Selva Trágica*, o leitor pode deparar com significativa passagem do relato, no qual a personagem Luisão dialoga com um pseudo jornalista, este travestido na figura do próprio Hernâni Donato, jornalista e pesquisador, sendo inquirido por esta narrativa denúncia, cujo processo narrativo é comparado ao da exploração do Ciclo da Borracha – como observamos noutra narrativa literária regional⁸⁴:

⁸³Depoimento da escritora Raquel Naveira. “Aspectos de Mato Grosso do Sul: Uma visão poética”. Palestra proferida na Academia Paulista de Letras no dia 16/03/2007. 11f. Mimeografado (*apud* SANTOS, 2008, p. 101).

⁸⁴A esse propósito, há que se registrar remetendo para a temática de *A Selva*, do escritor luso-brasileiro Ferreira de Castro, que também retratou com forte colorido o processo de extração da borracha, conhecido como o Ciclo da Borracha, cuja obra e temática foi amplamente estudada em pesquisa comparativa com *Selva Trágica*, do nosso escritor, explorando e trazendo outras luzes para a nossa análise. Como se observa em: OLIVEIRA Jr. *No cipoal da selva: Relatos dos ervais e dos seringais em Selva trágica e A selva*. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2015. Ver também, deste ponto de vista, o singular trabalho de especialista no assunto, Dr. Rildo Cosson, em: *A selva e o regionalismo amazônico*. In: Congresso Internazionale *IL PORTOGALLO E I MARI: UM INCONTRO TRA CULTURE*. Istituto Universitario Orientale: Napoli: Liguori Editore, dicembre 1994, p. 359-369.

Mandaram que viesse espiar e depois contar o lado humano da sua gente. É como se mandassem ver a pesca da baleia ou o trabalho da borracha. O que eu sei é ver e escrever para os leitores do meu jornal. (DONATO, 2011, p. 55)

Com efeito, é através da perspectiva de Luisão, que Donato registra passagem pungente, em cuja fala do ervateiro independente (Luisão), fornecedor de contrabandistas, focaliza a exploração dos fracos pelos poderosos:

- Uma luta deste porte não começou ontem nem pode acabar hoje. Durou tempo, engoliu muita gente, enriqueceu uns poucos e desgraçou milhares [...] Agora mandaram dizer que o Governo decretou a extinção do monopólio. Todos vocês podem pedir concessão e tirar a erva. [...] O governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 2011, p. 249-250)

Em seguida, o narrador donatiano evoca a figura da personagem Ênio “Gato Preto”, emblemático para o enredo, uma vez que suas atividades ligadas aos ervais ganham notoriedade desde a epígrafe da obra⁸⁵ até a citação que o caracteriza como personagem, expressiva no contexto da narrativa, e agenciador no mercado clandestino da erva-mate. A certa altura do relato, “Gato Preto” é indicado como figura que vivera no município de Rio Brillhante:

- Vem pra ver. É o que disseram. Quem manda lá é um certo Ênio Gato Preto, vindo do Rio Brillhante. Manhãzinha manda a carreta esperar no potrero em frente. Mais para cá a carreta não pode vir. Diz que é perigoso! (DONATO, 2011, p. 114)

Compondo um outro aspecto do enredo, o narrador relata como pano de fundo o elemento histórico que propulsionou sua narrativa, registrando de modo altissonante a influência do empreendedorismo da Companhia Matte Laranjeira, e seu proprietário Tomás Laranjeira, em clara evocação de um discurso matizado pelo elemento literário e o histórico — corroborando a saga que já vimos sublinhando ao longo da fortuna crítica comentada no capítulo anterior deste trabalho:

⁸⁵Cf. Epígrafe de *Selva Trágica*, à página 79 deste trabalho.

- Até agora lutamos sozinhos e a nosso modo. Mas a influência da Companhia não deixa a nossa voz engrossar. Porque ela tem quem leve os seus recados até onde eles devem ser dados. Até agora ela falou trepada em razão porque a verdade é que ela abriu este país que é o sul do Mato Grosso. *Antes da erva, até a guerra grande, só havia por aqui umas quantas fazendas e alguns povoados.* Quem de vocês não ouviu falar deste tempo?

Fazia a pergunta para manter a atenção deles. Alguns fizeram sinal de que se lembravam. Outros sussurravam aos vizinhos o que haviam escutado a respeito. O Luisão prosseguiu:

- *No oitocentos e oitenta e dois, começaram a fazer erva e um certo Dom Tomás, da comissão de limites, arranjou companheiros e armou a Companhia. Tudo que era erva foi dado à Companhia. Para o Estado reservaram quatro centavos por arroba de erva saída. Disseram ao Governo que o grande lucro do Estado e do povo apareceria em estradas, povoados, portos, escolas, vinda de muita gente para este oco de mundo. Bom, não se vai negar que tudo isso aconteceu mesmo. Se eu disser que quase tudo o que há de progresso neste Sul foi feito pela tudo o que há de progresso neste Sul foi feito pela Companhia, vocês não vão de berrar que é mentira, hein?*

Perguntou e esperou. Ninguém disse que não era mesmo assim. Seguiu:

- *Mas se eu disser que quase todo o mal que campeia por aqui também veio do mesmo rumo, vocês concordam comigo, não concordam? (DONATO, 2011, p. 137: *grifos nossos*)⁸⁶*

De resto, há que se sublinhar que o enredo de *Selva Trágica* entranha-se num processo narrativo que, diga-se de passagem, está intrinsecamente ligado à análise que desenvolvemos em relação ao “poder” de persuasão e de convencimento de toda a paratextualidade da obra, desenvolvida no capítulo anterior, ao qual fazemos remissão, além de evocar em linhas gerais, o capítulo definitivo, já mencionado neste trabalho, e pouco lembrado, do importante livro do historiador José Couto Vieira Pontes (1981, p. 149-155), ao qual temos a grata satisfação de evocar seu registro. Assim, Pontes, em capítulo intitulado “O regionalismo moderno: Hernâni Donato, o drama dos ervais”, discorre sobre a relevância da obra de Donato, relatando, inclusive, o expressivo número de tiragens (cerca de cinquenta mil exemplares) da edição de 1976, que, segundo o autor, é bastante expressivo para um país onde livros

⁸⁶Os grifos nossos visam ressaltar o quadro histórico da região, mais o fato de o autor referir-se ao ano de 1882, como o ano de início da exploração da empresa de Tomás Laranjeira, e que a guerra referida, a Guerra do Paraguai, de fato ocorreu no período de 1864 a 1870.

semelhantes “raramente ultrapassam a casa dos doze mil”. O historiador cita ainda algumas significativas críticas, dentre outras, a de Arthur Neves na Revista Anhembi, onde se lê:

Digo que *Selva Trágica* é uma estória como nunca foi escrita em nossa terra. Foi com a garganta apertada de emoção que cheguei às últimas páginas do romance. Há muito tempo eu não recebia através da literatura um impacto emocional tão profundo. Fechei o livro mas não consegui desligar-me depressa do seu poder de sugestão e nem impedir que ele permaneça em mim como o sangue que circula em minhas veias. Quanta beleza neste livro. Quanta coisa nova. (*apud* PONTES, 1981, p. 149)

Paralelamente, há que se destacar o registro de Pontes, referindo-se a Donato como escritor regionalista de ficção que publicara inúmeros “contos campeiros” em vários órgãos literários do país, inclusive no “Suplemento Literário de O Estado de São Paulo”. Destaca ainda, o relato do conto “São Pedro Sapeando Jogo” como uma afirmação popular corrente na Vacaria, portanto um produto sul-mato-grossense, que fora adaptado na televisão por Walter Avancini, e destaca a filiação regionalista de nosso escritor:

A contribuição regionalista à literatura sul-mato-grossense, ao explorar a vida e os conflitos na região ervateira de nosso Estado, por parte de um ficcionista nascido em São Paulo, exibe uma feição relevante, máxime porque são escassas em nossas letras obras dessa natureza, não obstante o rico filão de temas e sugestões oferecidos pela exuberância da terra. (PONTES, 1981, p. 150)

Tecendo amplas relações com o contexto da literatura regionalista de todo o Brasil, Pontes realça ainda mais a notoriedade da saga descrita em *Selva Trágica*, salientando que “a selva sul-mato-grossense deixou de ser apenas uma paisagem geográfica, para tornar-se um quadro vivo, dotado de alma e sangue, palco do velho drama do homem em luta contra as violências do meio” (p. 154), enfatizando, ao final de seu capítulo a fulgurância deste enredo, seja para a literatura regional sul-mato-grossense, seja para a literatura-mundo:

Pouco importa não seja Hernâni Donato sul-mato-grossense. Embora paulista de Botucatu, soube compreender e interpretar um grande drama social e urbano de nossa região, do mesmo modo que Ferreira de Castro, nascido em Portugal, soube fixar em “A Selva” o mais vivo e majestoso romance da Amazônia, passando à história da Literatura brasileira. (PONTES, 1981, p.154-155)

Com efeito, o representativo capítulo de Pontes, sintetizado nesta última citação, põe em relume o caráter exponencial do enredo de *Selva Trágica*, na medida em que evoca a célebre narrativa de *A Selva*, expandindo esta temática para um amplo espaço, também espectro da literatura-mundo, confirmando uma reflexão comparatista que amplia os elos da literatura regionalista brasileira.

3.2 – Literatura e História em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato

[...] Logo de você é que a Companhia teve mais medo!
Pensaram que os seus escritos seriam pior do que os
nossos tiros.

Selva Trágica
Hernâni DONATO (2011, p. 57)

A epígrafe tem o condão de evocar, à guisa de prolongamento do que vimos abordando, explícita ou implicitamente, e que diz respeito aos elos entretecidos da narrativa histórica e da narrativa literária. A abordagem destas relações tomam facetas e aspectos diversos redundantes no campo da literatura comparada, cuja discussão, muitas vezes polêmica, e de complicado deslindamento, não se propõe como nosso objetivo particular. Antes, ao indicar o espaço entre fato e ficção, sublinhamos que a nossa própria prática de leitura, o argumento até aqui carregado a propósito de *Selva Trágica*, já constitui matéria e seiva do entrecruzamento de saberes. Quer dizer, desde a análise da paratextualidade, e da abordagem do enredo e do processo narrativo de *Selva Trágica*, não ignoramos a presença dos fatos, das histórias locais, e em especial do Ciclo da Erva-Mate como componente de base para a matéria ficcional da obra de Donato. Logo, a epígrafe acima é reprodução do enunciado da personagem Luisão, que aparece como líder da luta para a quebra do monopólio da Companhia sobre a erva-mate. Isso ocorre no momento em que um repórter que investigava a Companhia é assassinado. Assim, Hernâni Donato, através da narrativa, expõe a força do relato escrito e quão ameaçador este pode ser para aqueles que detêm o poder, passando por cima das leis ao explorar seres humanos.

Desse ângulo, o leitor de *Selva Trágica*, e em particular desta obra, pela temática que a sustenta e fornece sua base composicional, não ignora as relações de implicação entre fato e ficção. Mais ainda, o estudioso de literatura não desconhece hoje todo um universo de estudos focado na literatura comparada, problematizando o entrecruzamento de narrativas, de fronteiras discursivas, que, neste caso, ganha expressão pela aproximação quase osmótica, criando elos de intermediação entre quaisquer discursos. Um enorme

esforço e tinta têm sido despendidos na direção de delinear fronteiras de todos os tipos, entre outras, as da narrativa ficcional e narrativa factual⁸⁷. Para Rildo Cosson, comparatista que tem se dedicado ao estudo desses aspectos, a análise entre narrativa ficcional e factual torna-se produtiva na medida em que a suposta oposição entre fato e ficção vai perdendo sua pregnância frente à recusa ou aceitação da existência de uma fronteira entre a literatura e os outros discursos da realidade. Tratar-se-ia, enfim, de um campo minado onde os estudiosos por vezes se debatem em torno do que une ou separa narrativas ficcionais de narrativas factuais. Daí que, cresce o interesse na análise voltada à “inexistência da fronteira”, pois, “não há [...] como escapar da linguagem que nos mantém prisioneiros dos discursos e da textualidade com que emprestamos sentidos ao que somos e ao que experimentamos” (p. 23). Ainda que reconhecendo propriedades discursivas, que manteriam o modelo de gêneros e sua concretização através do estatuto e do gênero de um texto, resulta deslizando senão falacioso afirmar ou recusar a fronteira entre saberes e fazeres. Como finaliza a análise sensível da reflexão de Cosson:

As provas textuais usadas por eles apenas demonstram que estamos frente a um contínuo e que as fronteiras entre os discursos não podem ser comprovadas empiricamente porque é nelas que as convenções assumidas como naturais a cada discurso se revelam como tais. (COSSON, 2001, p. 27)

Nota-se um esforço prolongado por parte do estudioso do romance histórico, quando discute as interfaces entre literatura e história. Reconhece ele que todo romance é histórico, e que alguns romances se aproximam mais da história, tratam mais diretamente da matéria histórica:

Nesse contexto, pode-se constatar a existência de uma longa série de narrativas híbridas, misturando em maior ou menor grau história e ficção. São os romances históricos, histórias romanceadas, crônicas, biografias, autobiografias, memórias, romances de testemunho, entre outros. (ESTEVEVES, 2013, p. 11)

Nosso objeto de análise reveste-se de uma condição de texto atravessado pela questão das zonas e literaturas de fronteiras, espaços de transculturalidade, onde se evidenciam diversos entrecruzamentos e

⁸⁷Cf. O capítulo seminal do professor Rildo Cosson: Narrativa ficcional/narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. (2001, p. 21-28).

“passagens”. Com efeito, corroboram de modo especial as contribuições de estudiosos e críticos das relações entre literatura e história, como Remedi (2000) e Cosson (2001), que, ao ampliarem a discussão acerca dessas relações ou, extensivamente, entre fato e ficção, respectivamente, reconhecem o aspecto central da transversalidade dos saberes e “disciplinas”, de acordo com a perspectiva das ciências humanas, sem deixar de sublinhar que: “Contudo, é claro que não se deseja provocar uma equalização homogeneizadora entre história e literatura” (REMEDI, 2000, p. 137). Entretanto, ao refletir sobre a relação entre história e outras disciplinas, Remedi observa que o lugar desses saberes foi abalado “pela percepção de que qualquer tipo de relato sempre e esteve ligado à pluralidade das formas de ver o mundo” (p. 135), e principalmente, salienta que:

O campo da história e da literatura acabaram por levar a uma profunda tomada de consciência do papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica. Por vários caminhos – teóricos e metodológicos – a fronteira entre história e literatura vem sendo paulatinamente estreitada por historiadores assumidamente contaminados pelos recursos literários. Isso se dá pela conclusão, aparentemente óbvia, apesar de polêmica, de que todo texto historiográfico e narrativo apresenta, integrado à sua tessitura, diversos elementos imaginários e estilísticos (REMEDI, 2000, p. 135-136).

Logo, é de notar o alto teor significativo do próprio título do capítulo de Remedi: “Literatura e história: almas (quase) gêmeas”.

Ainda, Rildo Cosson (2001) não só põe em xeque a distinção de natureza binária, demonstrando a falácia existente na rotulação dos textos quanto à sua natureza, pois que nenhum deles traz inscrito em frontispício sua “identidade”, a não ser a percepção cultural e o modo como os tais textos são lidos e apreciados. Após rever as posições de teóricos como Gérard Genette, Searle, Earl Miner, Barthes, Foucault e Derrida, dentre outros, acerca da “inexistência da fronteira”, Cosson cuidadosamente reelabora a constatação, segundo a qual:

Frente aos resultados nada animadores das diferenças formais entre narrativas ficcionais e narrativas factuais, os estudiosos da literatura terminam por reconhecer que a distinção entre os dois tipos de narrativa não é segura. Gérard Genette, por exemplo, após analisar as proposições de John Searle e Kate Hamburger, chega à conclusão de que se os índices textuais

existem de fato, eles não são suficientes ou únicos na determinação do estatuto de uma narrativa. Até porque se idealmente é possível separar os dois tipos de narrativas, na prática “os dois domínios não são tão distintos nem tão homogêneos quanto podem parecer”. Do mesmo modo, procurando estabelecer as bases para uma distinção entre fato e ficção na literatura, Earl Miner postula que é possível distinguir fato e ficção, mas é difícil encontrar uma obra literária que seja puramente factual ou ficcional (COSSON, 2001, p. 23).

A partir desta perspectiva, nossa proposta de leitura de *Selva Trágica* reconhece a existência de um enredo e de uma fabulação fruto da criatividade do escritor e homem de letras que foi Hernâni Donato, mas simultaneamente reconhecemos também que o mesmo registro e verve do escritor entranha-se num relato denúncia, intricadamente objetivado pela narrativa factual.

Assim é que se lê uma das tantas passagens de *Selva Trágica*, como, por exemplo:

Então começa a respirar fumo e resina, a ser defumado em suor e fumaça. Primeiro a gordura, depois as carnes, a saúde, escorrem pelo corpo, dia e noite, feito suor. Nenhum pelo lhe fica grudado no corpo, nem saliva na boca, nem dentes nas gengivas, nem lágrimas nos olhos. Vai sendo cozido dia a dia; os intestinos acabam secos e mortos, envenenando o corpo; o estômago ácido, os pulmões cavernados, as veias saltadas, os olhos afundados. E dia e noite, com a forquilha nas mãos, remexendo a erva. No fim da primeira safra desce um fantasma do piso onde subiu um homem.
(DONATO 2011, p. 49)

Como se pode notar, o tema da exploração é muito recorrente em *Selva Trágica*. O trabalho do Uru, ou seja, o mineiro responsável pela queima da erva-mate no barbaquá⁸⁸, é totalmente desumano, pois trabalha por horas seguidas revirando a erva no fogo e “recebendo no peito o calor do fogo e nas costas a friagem da noite”, tendo um trágico fim no qual literalmente dá a vida à Companhia, como ainda observa Donato em outra passagem, ao escrever que “Um uru jamais chega à idade madura. Vive oito ou dez anos que são oito, dez safras, ao redor do barbaquá [...]” (DONATO, 2011, p. 49).

⁸⁸Jirau de forma circular, emborcado sobre um buraco. De “boberaquá” – buraco que reluz. Sob uma coberta de palha, a dois metros do solo, um arcabouço de varas curvas firmadas em esteios.

De fato, não é demais sublinhar que, na obra de Donato cresce o pendor de um caudal cultural e híbrido que estruturam suas narrativas, ora pelo caráter de complementaridade confirmado pelos estudos contemporâneos, fazendo crescer o interesse de estudiosos mais atentos às manifestações da região de fronteira sul-mato-grossense: como é o caso do professor e historiador Jerry Marin (2004), em especial pela discussão do “Hibridismo cultural na fronteira com o Paraguai e a Bolívia”, e do professor e geógrafo Robinson Pinheiro (2009; 2011) num trabalho que confirma a essa literatura um *constructo* literário e espacial-regional. Disso decorrem apontamentos literogeográficos que não só exploram a relação entre o homem e a natureza, mas também da situação histórica dessa interface. Ou seja, com a chegada dos colonizadores, cuja fronteira foi aberta pela Companhia Mate Laranjeira, o sul do Mato Grosso do Sul, segundo o subtítulo de *Selva Trágica*, “a gesta ervateira no suestematogrossense”, a região histórica foi se transformando na mesma proporção em que sua paisagem foi sendo explorada, habitada, e neste caso, servindo aos propósitos da extração da erva-mate. Como se lê na eloquente passagem da narrativa:

Outras vozes afirmavam, citando números e nomes de cidades, de rios e de estradas, que de outra forma o sul do Mato Grosso seria um deserto, belo mas improdutivo, extenso mas inútil. Estas vozes contavam como as cidades haviam nascido, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, a terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecidos os fazendeiros de erva (DONATO, 1976, p. 189).

Tem razão o geógrafo Robinson Pinheiro, quando sustenta sua leitura acerca da natureza e da geografia regional, também das práticas culturais como componentes formadores do universo discursivo de *Selva Trágica*. Reconhece o pesquisador:

Para além da incompatibilidade da relação homem *versus* natureza, o ponto central do livro de Donato é a relação societal que estava se organizando no início da década de 1920. Ele evidencia as formas de trabalho e as relações interpessoais, os valores que permeavam a vida dos mineiros e a própria vida amorosa, em que as mulheres acabavam se entregando ao mineiro que melhor podia trazer rendimentos para casa. (PINHEIRO, 2011, p. 97)

Desde essa perspectiva, abre-se para nossa reflexão o aspecto central de *Selva Trágica* que diz respeito à narração constitutiva do relato do tema e do assunto que lemos. A esse referido aspecto dedicaremos atenção especial no subcapítulo seguinte.

3.3 – Relato de *Selva Trágica* e a narração do Ciclo da Erva-Mate

Era crime derrubar as árvores da erva. Sabiam. Mas derrubavam. Nos começos, trabalhavam de tiru – subiam nas erveiras, até o máximo de seis metros, e agarrados aos galhos cortavam os ramos. Depois, parece que o mundo endoideceu e começou a exigir mate a mais não haver. Abandonaram o tiru e começaram a bater machado, derrubando árvores para desgalar no chão. Rendia mais assim! A ordem de todos os dias é produzir mais e mais. Isso mandam dizer, repetidamente, de Ponta Porã e Buenos Aires – onde vivem os que mandam na erva e nos mineiros. Quando já não há o que derrubar, fazem os monteadores afundar no caatim buscando outra mina de erva.

Selva Trágica

Hernâni DONATO (2011, p. 29-30)

Consideradas as interseções entre literatura e história, com fortes vínculos no universo de discurso e no nível da narração propriamente dita, de *Selva Trágica*, impõe-se desde a epígrafe acima a caracterização de um relato atravessado pela narração épica – constitutiva do Ciclo da Erva-Mate.

Assim, cotejando a epígrafe deste subitem (3.3) com o tema fundamental do drama dos ervais, ou “a gesta ervateira no sulestematogrossense” (que subintitula o título de *Selva Trágica*), pode-se afirmar que esses conteúdos se prolongam como *leitmotiv* da narração de *Selva Trágica*. Dizendo de outro modo: depois da leitura dos elementos de paratextualidade, do entrecruzamento e interfaces de literatura e história, resulta como que um quadro que se desenha mostrando a materialidade da narrativa literária de *Selva Trágica*. Ou, mais precisamente, das imagens pungentes que formam a narração da obra de Donato, a figuração dantesca do relato dos ervais tantas vezes aludido neste trabalho, direta ou indiretamente.

Com efeito, após a leitura das várias capas das diferentes edições de *Selva Trágica*, imprime-se o sentido maior da leitura deste relato, quando, ao ler o título, às vezes grafado na forma de um desenho (Cf. a edição de 2011), composto pelos sintagmas [selva] e [trágica], como que condensando, através da fotografia e/ou imagem, toda a narração da “história” da obra e mais

especialmente de sua narração⁸⁹: o empreendedorismo da exploração da erva-mate, o Ciclo da Erva-Mate.

A partir disso, torna-se oportuno justificar este trabalho pelo seu aspecto nuclear para as reflexões que vimos desenvolvendo. E, já à guisa de considerações finais, queremos chamar a atenção para a exposição de documentário, inédito, sobre a Companhia Matte Larangeira, que, como noticiou o *Jornal Diário MS*, em matéria intitulada “Exposição de fotos mobiliza fronteira”, de 22/08/2012, “[...] reúne fotografias e documentos históricos que revelam o que a Companhia representou neste ciclo histórico da erva-mate do Estado”.⁹⁰



Fig. 18: Peão carregando o Raído

⁸⁹Observa-se aqui a diferença conceitual, provinda da teoria da narrativa, entre narrativa e narração: esta é resultado daquela, na medida em que uma narrativa pressupõe toda uma arquitetura de sua organização no espaço e tempo da elocução. De certa forma, nosso subcapítulo “Enredo e processo narrativo em *Selva Trágica*” procurou abordar a narração “dentro da narrativa de *Selva Trágica*”.

⁹⁰Ver: Figuras em imagens de câmera digital, realizadas pelo professor Paulo Nolasco. Trata-se da exposição “Cia. Matte Larangeira – fragmentos da história de MS”, exibida no salão da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, com o objetivo principal de recuperar parte do momento histórico da instalação da Companhia que teve início por volta de 1890. (*Jornal Diário MS*, 22/08/2012).



Fig. 19: Peões no erval.

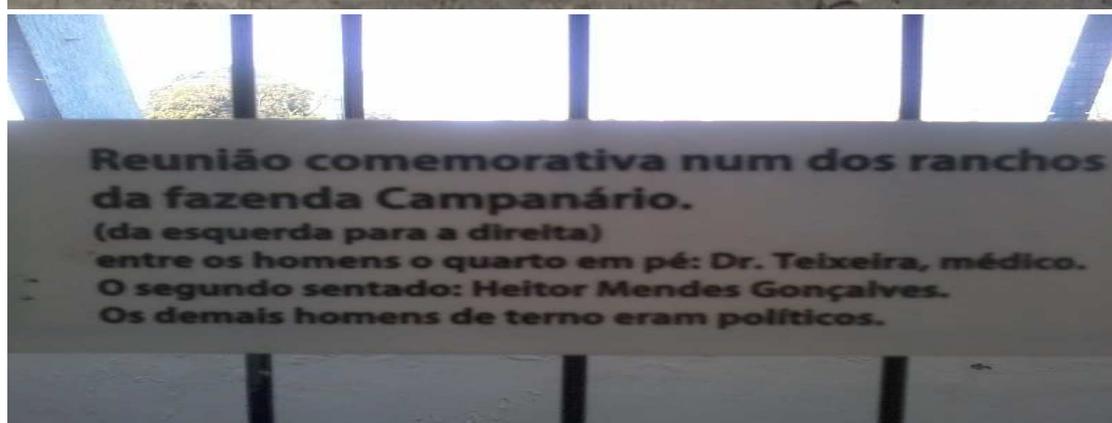


Fig. 20: Reunião comemorativa num dos ranchos da fazenda Campanário.



Fig. 21: Sede da Cia Matte Larangeira em Buenos Aires, Argentina.



Fordinho carregando mudas de erva mate do viveiro da Fazenda Campanário.

Fig. 22: Fordinho carregando mudas de erva-mate do viveiro da Fazenda Campanário

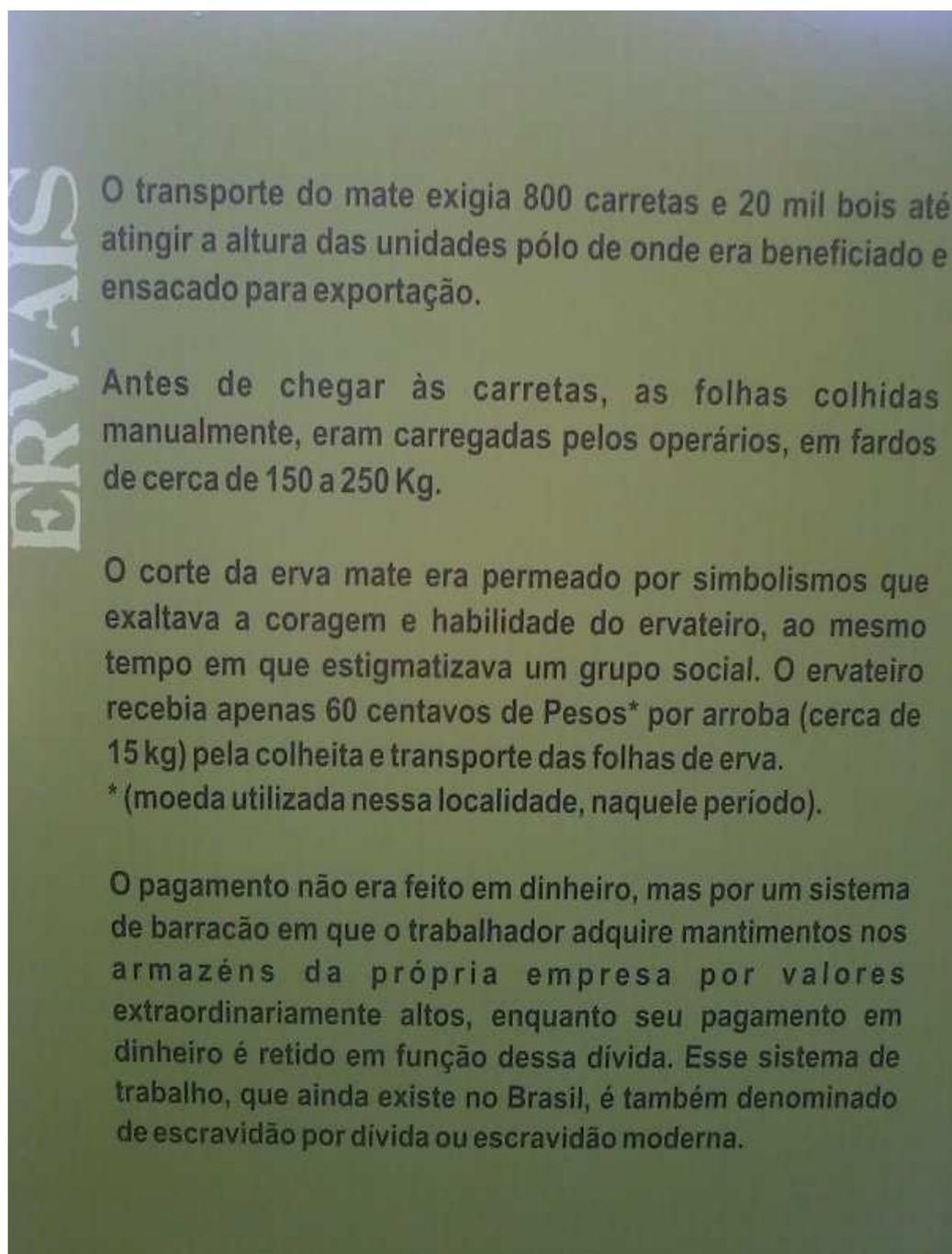


Fig. 23: Folder alusivo à exposição “Cia. Matte Larangeira – fragmentos da história de MS”, exibida no salão da Prefeitura Municipal de Ponta Porã.

Como se vê, essas fotografias formam o complexo da narração que se expande para além da epígrafe e do relato de *Selva Trágica*, também incluindo nossos próprios comentários e sobrepunção, com seu impacto, a nossa própria leitura de *Selva Trágica*. Assim, os sintagmas do título somam-se à ideia de / do “relato” e da “narração” do ciclo da erva-mate. Nesse entrecho, entremeio os procedimentos da “narração” se demonstram através da leitura

paradigmática que vimos construindo durante este trabalho, na produção de sentidos que não só extraímos, mas também agregamos ao título *Selva Trágica*. Por conseguinte, entre uma capa e outra, uma epígrafe e outra, um comentário crítico e outro, sobleva a imagem da exploração humana — “A terra, o tempo, o sonho.../ E seres humanos mergulhados/ na tragédia de uma/ sobrevivência absurda...” (Epígrafe à folha de rosto de *Selva Trágica*) —.

Romance-documento, romance histórico, escuro período da história brasileira, desumana exploração da erva-mate, sangrento sacrifício de milhares de vidas humanas, mulher brutalizada, trabalho escravo, constituem todas expressões das linhas de força que entrelaçam a gesta da crueldade humana caracterizada pelos “apanhadores da erva”, narração que se imortaliza na obra de Hernâni Donato.

Um escritor se junta a um historiador para criar um romance de fundas raízes históricas, cujas notas de rodapé são um dos tantos reflexos da complexa linguagem narrativa e da amálgama da “língua portuguesa” com o “linguajar guarani”.

Destacada no mesmo nível de apreciação de *A Selva*, do regionalismo amazônico, *Selva Trágica* também compõe o quadro das obras do chamado “inferno verde” da literatura brasileira, como mais uma vez nos lembra o nosso historiador Vieira Pontes, que registra em letras coloridas:

Retratando esse “inferno verde” sul-mato-grossense, Hernâni Donato afirma: “Nos ervais ninguém chega a velho. Você sabe de alguém com mais de cinquenta anos nos ervais?” Mas é Pytã quem fala, o trabalhador do erval. Excelente, também, é a descrição da monteada, busca das ervas na floresta imensa e misteriosa pelos mineiros, assim chamados os que trabalham na mina, a concentração de árvores da erva.

E o trabalho não pode cessar nos ervais, custe o que custar, até mesmo vidas humanas. Ponta Porã e Buenos Aires solicitam ervas, muitas ervas, cada vez mais ervas. Não faz mal, o suor do uru já secou. Como na Idade Média havia para o serviço da gleba uma festa anual, nos ervais também há um baile para sanar o mau humor dos homens. Fixada com maestria a cena do baile, onde “é obrigatório beber”.

O vigor da narrativa e o bom nível da linguagem são incontestáveis, de que é evidência o texto a seguir: “Era no entre tarde e noite, com bandos de biriguis zumbindo tormentos sobre o arranchado. As mulheres e os solteiros puxavam para

fora as trempes, cozinhando o charque e o milho para a comida da tarde. Nem um sopro de vento arejando o mau cheiro e o calor. A lua num apático minguante, banzava no céu ruborizado. Os mineiros desafogam o ruim humor da jornada, chimarreando, resmungando, catando-se os carrapichos apanhados no vaivém do sapezal". (PONTES, 1981, p. 152-153)

A citação longa do historiador sul-mato-grossense, Vieira Pontes, justifica-se ainda mais pelo fato de abrir horizontes de relações entre as obras do regionalismo brasileiro, neste caso, ambas tratam da temática da selva, configurando o amplo capítulo do "inferno verde" da literatura brasileira. Guardadas as devidas proporções, é curioso notar do ponto de vista comparativo que ambas as obras impactaram a crítica e os leitores, não só ao tempo de seu lançamento, mas ainda hoje com as recentes reedições e comentários críticos que, decerto, têm a ver com seus pungentes relatos, pela capacidade de dar testemunho a representativos períodos da história socioeconômica e cultural do Brasil.

À GUIA DE CONCLUSÃO

“Não falta colorido nem romanesco à história desse empreendimento”

Assis Chateaubriand
Companhia Mate Laranjeira. Rio de Janeiro, 1941

De fato, tinha razão o renomado brasileiro Assis Chateaubriand que, registrando sobre a história e o contexto da saga da erva-mate no sul do Mato Grosso do Sul, cuja “carta” publicada em “O Jornal”, de 13 de Julho de 1941, relata o discurso que fez, “aclamado para dizer algumas palavras em Campanário” e informa ser essa cidade a metrópole sertaneja. Ela representa a cidade-sede, em plena selva, à época da extração da erva-mate. E o missivista conclui seu relato com a epígrafe acima. Dessa região brotou o universo romanesco de *Selva Trágica*.

Do outro lado do oceano, o historiador da literatura sublinhou o germe e mola propulsora que justificam a natureza das prosas narrativas, ou poéticas, que nos prenderam a atenção neste trabalho. Ou seja, não se deve esquecer o surgimento dessas narrativas, em especial de *Selva Trágica*, que, brotando na década de 1930, atenderam a uma característica forte da novelística do século XX: o gosto pelo pitoresco regional somado à proposta neo-realista de estudar o homem em função do meio e de certa estrutura social e dos valores do próprio documentário etnográfico. Em paralelo à narrativa citada, talvez, tenha sido por isso que *A selva* é um dos livros portugueses mais traduzidos no mundo⁹¹.

À guisa de conclusão, salienta-se o notável valor simbólico e representativo da obra de Hernâni Donato, seja pelos aspectos abordados neste trabalho, seja pela riqueza das formas de abordagem que a obra do escritor suscita nos diferentes olhares lançados sobre a narrativa donatiana. Ao

⁹¹Reiteramos a leitura do: *Dicionário de Literatura*, 3ª ed. 4º v., direção de Jacinto Prado COELHO (1982), já citado na “nota 2” deste trabalho.

lado disso, resta um vasto arquivo sobre o autor e seu tempo que aguardam estudos mais elaborados, como, por exemplo, o de sua vasta produção literária em todos os gêneros, sua correspondência, seu acervo nas academias Paulista e Sul-mato-grossense de Letras, bem como uma emblemática paratextualidade à disposição de semióticos do paratexto, tudo isso formando amplísimos *corpora* para estudiosos de linguagens. Isso atenderia ao convite da crítica literária e cultural, valorativa do trabalho de teórico e professores universitários, sobretudo da área de Literatura Comparada e dos Estudos Culturais que, especialmente no caso, em relação ao objeto de nosso trabalho, conclama a abertura de questões disciplinares, e da “transformação de um sistema disciplinar para um pós-disciplinar, no qual é possível conviver com a diluição dos campos do saber”, como enfatiza a autora de “Crítica cultural em ritmo latino” (SOUZA, 2005, p. 143).

Visto desse ângulo, este trabalho não tomaria outra orientação, tendo em vista o projeto de sua arquitetura que foi se moldando e adequando aos passos da própria investigação. O estudo e abordagem de narrativas como *Selva Trágica*, caracterizada e configurada ao longo do processo de análise não constitui tarefa fácil, apesar de, no entanto, mostrarem-se de grande produtividade e rentabilidade no quadro dos estudos literários contemporâneos. Em particular quando referimos sobre a natureza destas narrativas, seu compromisso com as histórias locais, o nosso próprio *locus* de enunciação.

De um ponto de vista geral, prendeu-nos a atenção o estudo do regionalismo e das literaturas de fronteira, em especial da nossa fronteira Brasil-Paraguai, cujo chão cultural transfronteiriço fez nascer tantas obras expressivas, como a de Manoel de Barros, Hélio Serejo, Brígido Ibanhes, Raquel Naveira, Douglas Diegues, entre outros, que não poderiam ser esquecidos num quadro de análise dessa literatura.

Há que se reconhecer um dos altos momentos deste trabalho, que diz respeito à leitura e recepção da obra de Hernâni Donato, *grosso modo*, e ao estudo da paratextualidade que as diversas edições de *Selva Trágica* põe em demanda. Verificamos que, efetivamente, a obra de Hernâni Donato tem despertado a atenção de vários estudiosos, de especialistas de diversas áreas, inclusive de exegetas especialmente devotados ao macrotexto donatiano. No

entanto, ainda diante deste quadro, constatamos ao longo de nossa pesquisa, que nenhum outro trabalho foi realizado no sentido de reunir a fortuna crítica do autor, tampouco de colocar em perspectiva a paratextualidade de sua obra. Tarefa que abraçamos e confiamos ter realizado exitosamente.

Ainda, deve-se notar um pronto desempenho no que se refere à leitura e compreensão do universo romanesco de *Selva Trágica*, tarefa que foi igualmente desenvolvida no sentido último de contrapor a narrativa literária com a narrativa histórica do Ciclo da Erva-Mate e, *last but not least*, da produção de sentido entranhada nos paratextos das obras.

Em considerações finais, pomos em relevância a realização desta pesquisa que resultou em viagens de estudo, em consultas a arquivos públicos, obtenção de documentos, alguns deles anexados ao presente trabalho, tudo isso fruto de pesquisas na Academia Paulista de Letras e no Instituto Geográfico e Historiográfico do Estado de São Paulo, onde Hernâni Donato teve uma vida acadêmica ativa e muito produtiva. Por fim, acresce salientar toda a jornada que representou o acesso e a obtenção de todas as edições de *Selva Trágica*, que, a cada encontro e descoberta fazia ampliar nosso interesse e estimular o gosto pela originalidade da investigação.

REFERÊNCIAS

1. Do corpus:

DONATO, Hernâni. *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1956, 232p.

_____. *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959. 232 p.

_____. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976, 232p.

_____. *Selva trágica*. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011, 288p.

2. Sobre o escritor:

COELHO, Nelly Novaes. Revisando Selva Trágica. In: DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. (aba do livro) Taubaté: Editora LetraSelvagem, 2011.

FERREIRA, Dair M. da S. ***Selva Trágica o espaço da degradação: um romance sob tensão***. 1997. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista. Assis – SP. Assis, 1997.

GUILLEN, Isabel Cristina M. *O imaginário do sertão: lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Laranjeira. (Mato Grosso: 1890 – 1945)*. 1991. 393 f. Dissertação (Mestrado em História) UNICAMP. Campinas – SP. 1991.

HERRIG, Fábio Luiz de Arruda. *As veredas da selva: a história caminhando nos caatins da literatura*. 2009. 74 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de História, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambaí, 2009.

_____. *Selva Trágica: Problemas e Perspectivas*. In: I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária – MÖEBIUS, 1, 2010. *Resumos...* Dourados; MS: UFGD, 2010, p. 71.

_____. A tragicidade de *Selva Trágica*. In: *Revista Leitura: Teoria e Prática*. v. 32, n. 62, 2014. UNICAMP/Campinas. p. 141-154. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/246>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

_____. A dimensão social no romance *Selva trágica*: dois sentidos. In: I Encontro “Diálogos entre Letras”. 2011a. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/eventos/edel/trabalhos/HERRIG,%20F%C3%A1bio%20Luiz%20de%20Arruda.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

_____. *Literatura e história: Uma perspectiva interdisciplinar do romance Selva Trágica, de Hernâni Donato*. 2011b. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011b.

_____. *Literatura e história: uma perspectiva interdisciplinar do romance Selva Trágica*, de Hernâni Donato. Novas Edições Acadêmicas, 2013.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. Na selva *selvaggia* da criação. Prefácio. In: DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. Taubaté: LetraSelvagem, 2011, p. 7-10.

MARIN, Jérri Roberto. Limiares entre ficção e realidade, em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TERRAS & GENTES, 7, 2000, Salvador. *Anais...* Salvador: Editora UFBA, 2000.

_____. Limiares entre história e literatura em *Selva Trágica* de Hernâni Donato. In: SANTOS, Paulo S. Nolasco. (org.). *Literatura comparada: interfaces e transições*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 169-179.

_____. Limiares entre ficção e realidade, em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – MEDIAÇÕES, 8, 2002, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. v. 1.

_____. História e Literatura: os limiares entre ficção e realidade em *Selva Trágica* de Hernâni Donato. In: *Revista Papéis*. v. 7, n. especial pt. 2, 2003. UFMS / Campo Grande. p. 9-16.

_____. Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. In: ABDALA Jr., Benjamin; SCARPELLI, M. Fantini. (org.). *Portos flutuantes – Trânsitos ibero-afro-americanos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a, p. 325-342.

_____. Intersecções entre literatura e religiões: um olhar sobre *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TRAVESSIAS, 9, 2004b, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004b. v. 1, p. 518.

_____. História e Literatura: as representações religiosas em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005a, Londrina. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005a. CD-ROM.

_____. As representações femininas em *Selva trágica*, de Hernâni Donato. In: PERARO, M. A.; BORGES, T. de M. B. (org.). *Mulheres e famílias no Brasil*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2005b, p. 105-126.

_____. A elaboração de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Editora USP, 2008. v. 1. p. 1-7. 1 CD-Rom.

_____. A morte nos ervais de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: *Revista territórios e fronteiras*. v. 3, n.1, 2010. UFMT / Cuiabá. p. 156-174.

_____. A venda de mulheres na fronteira Brasil com o Paraguai. In: XII Seminário de Estudos Literários, 12, 2011, São José do Rio Preto - SP. *Anais...* São José do Rio Preto: IBILCE, 2011. v. 1. p. 74. 1 CD-Rom.

_____. Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo (org.). *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*. Dourados: Ed. UFGD, 2013a, p. 121-143.

_____. Os ervais encantados de *Selva Trágica* de Hernâni Donato. In: FERRAZ, Salma; MARIN, Jérri R.; LEOPOLDO, Raphael Novaresi. (org.). *Sois como deuses: textos de teologia & literatura*. Dourados: Ed. UFGD, 2013b, p. 91-103.

_____. A presença, venda e aluguel de mulheres na fronteira do Brasil com o Paraguai: limiares entre história e ficção nas narrativas de Hernâni Donato e Hélio Serejo. In: *Revista Raído*. Programa de Pós-graduação em Letras da UFGD. Dourados; MS: v. 9, n. 20, p. 147-170, 2015.

MENTON, Seymour. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

NAVEIRA, Raquel. Aspectos de Mato Grosso do Sul: Uma visão poética. Palestra proferida na Academia Paulista de Letras no dia 16/03/2007. 11f. (Mimeografado).

OLIVEIRA Jr., Josué F. A figurativização da “selva” na literatura regional brasileira. In: JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINOAMERICANA DE ESTUDIANTES-JALLA-E, 2013c, Arequipa-Peru. [*Anais...*] Arequipa: UNSA, 2013c. (Comunicação)

_____. Literatura e Testemunho: um olhar sobre a selva na literatura regional brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA E II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LETRAS NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO, 11, 2013b, Cascavel. *Anais...* Cascavel: EDUNIOESTE, 2013b, v. 1. p. 1-14.

_____. Região, regiões culturais e regionalismos: historiografia e crítica. In: COLÓQUIO DO NECC - CULTURA CONTEMPORÂNEA, LINGUAGENS, IMAGENS E PAISAGENS, 2, 2012, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Editora UFMS, 2012, v. 1. p. 1-15. 1 CD-Rom.

_____; SANTOS, Paulo S. N dos. Entre a história e a ficção: relatos de uma *Selva Trágica*. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - ENEPE, 7, 2013a, Dourados. *Anais...* Dourados: Editora UFGD, 2013a, v. 1. p. 14-21.

_____; _____. Intersecções entre História e Ficção em *Selva trágica* e *A Selva*. In: III COLÓQUIO NECC: Entrelugares pós-coloniais, 2014a, Campo Grande. *Anais do III COLÓQUIO NECC: Entrelugares pós-coloniais*, 2014a. Campo Grande. CD-ROM.

_____; SANTOS, Paulo S. N. dos. O Romance como Expressão da Literatura Moderna: *Selva trágica* e *A Selva*. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – ENEPEX, 8, 2014b, Dourados. *Anais...* Dourados: Editora UFGD, 2014b, v.1. p. 1-16.

_____. Relatos da selva na literatura regional brasileira. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA: Fronteiras de Diversidades, Resistências e Rupturas, 5, 2014. Dourados. *Anais...* Dourados: Editora UFGD, 2014c, v.1. p. 1-15.

_____. *Selva trágica e A Selva*: ou duas narrativas sobre a selva. In: XV JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINOAMERICANA DE ESTUDIANTES-JALLA-E, 2014d, Santiago - Chile. [*Anais...*] Santiago: USACH, 2014d. (Comunicação)

_____. *No cipoal da selva: Relatos dos ervais e dos seringais em Selva trágica e A selva*. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2015.

_____; SANTOS, Paulo S. N. dos ; SOARES JUNIOR, Avelino R. A literatura sul-mato-grossense: orilhas entre o local e o global. In: *Revista Interletras*, Dourados, v. 3, n. 17, Abr./2013. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n17/>. Acesso em: 4 abr. 2014.

_____; SANTOS, Paulo S. N. dos; SOARES Jr., Avelino R. Vozes nas Orilhas, ou o Regional na Representação da Cultura. In: *Revista Cerrados*, Brasília, v. 22, n. 35, Mar./2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/issue/view/933>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo. (org.). *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul*. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

PINHEIRO, Robinson S. *Geografia e literatura: diálogo em torno da identidade territorial sul-mato-grossense*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2014.

_____; FERRAZ, Cláudio B. O. Linguagem geográfica e literária: Apontamentos acerca da construção da identidade territorial sul-mato-grossense. *Revista Raído*. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Dourados; MS: v. 3, n. 5, p. 87-101, 2009.

_____. “Onde Cantam as Seriemas”: percepções identitárias. In: SOUZA, Adáuto de O. *et. al.* (org.). *Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa*. Dourados: Ed. UFGD, 2011, p. 81-106.

RUSSO, Dayana Lopes. *Hélio Serejo: A fábula do erval na literatura sul-mato-grossense*. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2010.

SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008b.

_____. Fronteiras do local: reverificação do conceito de regionalismo. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11, 2008a, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Editora USP, 2008a. v. 1. p. 1-9. 1 CD-Rom.

_____. Um gosto de guavira: “É bem Mato Grosso do Sul” – notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIOSIDADES, DIÁLOGOS CULTURAIS E HIBRIDAÇÕES, 3, 2009a. Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS, 2009a. 1 CD-Rom.

_____. Regionalismo e Cultura de Fronteira. In: II Fórum Cultural da FCT - Universidade, Cultura e Sociedade: Revelando Emancipações Sociais da UNESP, 2., 2009b, Presidente Prudente. Palestra. 7 maio 2009.

_____. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009c.

_____. Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina. In: *Revista de Literatura, história e memória*. Literatura e Cultura na América Latina. v. 5, nº 5, 2009. Unioeste / Cascavel. p. 47-61.

_____. Fronteiras do local: O conceito de regionalismos nas literaturas da América Latina. In: *VI Seminário de Literatura, História e Memória: Literatura e cultura na América Latina*. Unioeste/Cascavel, 2009. Disponível em: <<http://revista.unioeste.br/index.php/rlhm/issue/view/265/showToc>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. Viventes dos pantanais e cerrados. In: *Revista Raído*. Dourados; MS: v.4, n.8, jul. / dez. 2010a, p. 93-108.

_____. (org.). *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. Dourados, MS: Seriema, 2010b.

_____. Um gosto de guavira: “É bem Mato Grosso do Sul” – notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. In: SANTOS, Paulo S. N. dos. *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. Dourados, MS: Seriema, 2010c, p. 19-50.

_____. Regionalismo e Literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai. 2010d. In: *IX Jornadas Andinas de Literatura Latino Americana*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12851593/anais-do-jalla-brasil-2010-pro-reitoria-de-pesquisa-pos->>. Acesso em: 6 Jun. 2015.

_____. Literatura e hibridismo cultural na fronteira Brasil-Paraguai. 2010e. In: *IV Congreso Internacional de Letras*. Disponível em: <<http://2010.cil.filo.uba.ar/sites/2010.cil.filo.uba.ar/files/139.Nolasco%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2015.

_____; NOLASCO, Edgar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos. *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul – por uma conceituação da identidade local*. Campo Grande: Life Editora, 2011a.

_____. *Che retã: Interculturalidade na fronteira Brasil-Paraguai*. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS – Cultura Local*. Campo Grande-MS; v.3, n.6, jul./dez. 2011, p. 143-157.

_____; GÓIS, Marcos L. de Sousa (org.). *Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011b.

_____. *Entretextos – Crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande: Life Editora, 2012.

_____; LEITE, Mário Cezar Silva Leite; CUNHA, Betina R. Rodrigues da. (org.). *Cânone e anticânone: a hegemonia da diferença*. Uberlândia: Editora UFU, 2012.

_____. Vozes nas orilhas, ou o regional na representação da cultura. In: XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano. Disponível em: <<http://www.seminariolhm.com.br/home/wp-content/uploads/2011/09/resumos-OK-e-corrigidos-COMPLETO-publica%C3%A7%C3%A3o-no-site-26-nov-2013.pdf>>. Acesso em: 6 Jun. 2015.

_____. Vozes do descentramento latino-americano. In: ALVES, L. Kaminski; CRUZ, Antonio D.; MERINO, Ximena, A.D. (org.). *Imagens das Américas: interfaces sociais, culturais e literárias*. Cascavel: Edunioeste, 2014, v. 1, p. 72-85.

SELVA TRÁGICA. Direção: Roberto Farias. Rio de Janeiro: Líder Cinematográfica, 1963, 101min., son., p&b., Português. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=haXEIFEnjUg>>. Acesso em: 1 Jun. 2015.

SENA, Nicodemos. Nota do Editor: "Hernâni Donato e sua obra". In: Posfácio a *Selva Trágica*. DONATO, Hernâni. Taubaté: LetraSelvagem, 2011, p. 285-287.

SIRINO, Tallyssa Izabella Machado. *Narrativa e resistência em "Selva trágica", de Hernâni Donato*. 2013. 89 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR, 2013.

SOARES Jr., Avelino R.; SANTOS, Paulo S. N. A interculturalidade fronteiriça em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: XV JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINOAMERICANA DE ESTUDIANTE-JALLA-E, 2014a, Santiago-Chile. [Anais...] Santiago: USACH, 2014a. (Comunicação)

_____; _____. O Drama dos ervais em *Selva Trágica* de Hernâni Donato. In: III COLÓQUIO DO NECC – Entrelugares pós-coloniais, 3, 2014b, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Editora UFMS, 2014b, v. 1. p. 1-14. 1 CD-Rom.

_____; _____. Leitura inicial ou paratextualidade em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – ENEPEX, 8, 2014c, Dourados. *Anais...* Dourados: Editora UFGD, 2014c. v.1, p. 1-7.

_____; _____. Estudo teórico-crítico dos conceitos de região, regiões culturais e regionalismos. Dourados: Coordenadoria de pesquisa da UFGD, 2014, 20 p. Relatório.

3. Gerais:

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

ALBUQUERQUE Jr., Durval M. de. História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória. In: _____. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: Edusc, 2007. Capítulo 4, p. 85-97.

ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2008.

ALVES, Joyce. *Artes comparadas e paratextualidade: gotas rubras em Água viva*, de Clarice Lispector. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2012.

ARAÚJO, Adriana de F. B. O regionalismo como outro. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n.º. 28. Brasília, Jul./Dez. 2006, p. 113-124.

BARBOSA, Ana Maria dos Anjos Martins. *Manoel de Barros: Ethos e oralidade no chão do Pantanal*. Campo Grande: Life Editora, 2014.

_____; SANTOS, Paulo S. Nolasco. Manoel de Barros: *Ethos e oralidade no chão do Pantanal*. In: *Revista Papéis*. Programa de pós-graduação em Letras da UFMS. v. 13, n. 25, 2009, p. 15-34.

BARROS, Luzinete Guimarães; FLECK, Gilmei F. Discurso histórico e literário na produção de Augusto Roa Bastos. In: FLECK, Gilmei F.; ALVES, L. Kaminski. (org.). *Ficção, história e memória na América Latina: leituras e práticas*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2010, p. 83-98.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. Roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Philobilion Livros de Arte Ltda., 1985.

_____. *Para encontrar o azul eu uso pássaros*. 1ª ed. Campo Grande: Saber Sampaio Editora, 1999.

BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro – Um imigrante português na Amazônia*. 2ª. ed. rev. e amp. Manaus: Editora Valer, 2010.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Literatura Comparada na América Latina: um espaço transterritorial e plurilinguístico. In: REBELLO, Lucia S.; SCHNEIDER, Liane (org.). *Construções literárias e discursivas da modernidade*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-14.

_____. (org.). *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Ed. Sagra: DC Luzatto, 1996.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. O comparatismo à beira do fim: tensões do híbrido poético. In: SCHIMIDT, Rita Terezinha (org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010, p. 137-148.

BONIATTI, Ilva Maria B. *Literatura comparada – memória e região*. Caxias do Sul: Editora EDUCS, 2000.

_____; PORSCHE, Sandra Cristina. *Descrições e mapeamento das regiões culturais na literatura do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS: Editora Maneco, 2009.

BUNGART NETO, Paulo. O memorialismo no Mato Grosso do Sul como testemunho da formação do estado. In: SANTOS, Paulo Sérgio N. dos. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Editora UFGD, 2009, p. 111-127.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz. O puro traste em flor: uma releitura das sublimidades poéticas em Manoel de Barros. In: RUSSEFF, I. ; MARINHO, M. ; SANTOS, P. S. N dos. (org.). *Ensaio farpados: Arte e cultura no pantanal e no cerrado*. 2ª. ed. rev. e amp. Campo Grande: Editora UCDB; Letra Livre. 2004, p. 103-114.

CAMARGO, Rogério de. *...aquele mar seco: O Pantanal*. São Paulo: Cupolo Ltda., 1955.

CARVALHAL, Tania Franco. Guilhermino Cesar: Do efêmero ao permanente. In: CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Organização e Introdução de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade/UFRGS, 1994, p. 9-15.

_____. Comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira. In: ANTELO, Raúl. (org.). *Identidade & representação*. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSC. Florianópolis, 1994, p. 93-102.

_____. Interfaces da Literatura Comparada. In: SANTOS, P. Sérgio Nolasco dos. (org.). *Literatura Comparada: Interfaces e transições*. Campo Grande: Editora UFMS / Editora UCDB, 2001, p. 11-20.

_____. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 264p. Capítulo 6: Periodização e regionalização literárias, p. 109-124; Capítulo 7: O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro, p. 125-152; Capítulo 8: Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras, p. 152-183.

_____. Encontros na travessia. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 7, Porto Alegre: ABRALIC, 2005, p. 169-182.

_____. Sob a égide do cavaleiro errante. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 8, Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006, p. 11-17.

CASTRO, José Maria Ferreira de. *A selva*. São Paulo, SP: Ed. Verbo, 1972.

CESAR, Guilhermino. *A vida literária*. [S.l.: s.n.], 1969.

_____. Para o estudo do conto gauchesco VI – O Conto gauchesco, de Simões Lopes Neto aos autores de hoje. In: _____. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Organização e Introdução de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade/UFRGS, 1994, p. 51-54.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de literatura*. 3ª ed. v. 4. Porto: Companhia Editora do Minho – Barcelos, 1982.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

_____. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COMPANHIA MATE LARANJEIRA. Rio de Janeiro, 1941.

COSSON, Rildo. *A selva e o regionalismo amazônico*. In: Congresso Internazionale *IL PORTOGALLO E I MARI: UM INCONTRO TRA CULTURE*. Istituto Universitario Orientale: Napoli: Liguori Editore, dicembre 1994, p. 359-369.

_____. Notas à margem de uma fronteira móvel. In: *Continente Sul / Sur*, Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, 1998, v. 7, p. 85-94.

_____. Narrativa ficcional/narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: Nolasco, Paulo Sérgio. (org.). *Literatura comparada: Interfaces e transições*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

COUTINHO, Eduardo F. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico crítico latino-americano? In: 2º CONGRESSO ABRALIC, Belo Horizonte, 1990. *Anais...* Belo Horizonte: Abralic, v. 2, 1990, p. 621-633.

_____. Remapeando a América Latina: para uma nova cartografia literária no continente. In: MASINA, Léa; BITTENCOURT, Gilda N.; SCHMIDT, Rita T. (org.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 139-147.

_____. Mutações do comparatismo no universo latino-americano: a questão da historiografia literária. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 31-42.

CUNHA, Betina R.; LEITE, Mário C. Silva; NOLASCO, Paulo Sérgio. (org.). *Cânone e Anticânone: A hegemonia da diferença*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

DIEGUES, Douglas. *Dá gusto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvages*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002.

_____. *Uma flor na solapa da miséria*. Assunção; PY: Yiyi Jambo, 2007.

_____. *Portunhol selvagem em Quito*. *Jornal O Progresso*. 24/11/2009.

DINIZ, Dilma C. B.; COELHO, Haydée R. “Regionalismo”. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 415-433.

DORSA, Arlinda Cantero de. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande: Editora UCDB, 2001.

ESTEVEZ, Antonio R. Literatura e História: interfaces. In: *Revista Miscelânea*. Assis; SP, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 7-15.

FARIA, Neide de. Literatura Comparada: Ontem e hoje. In: *Revista de Extensão da UFMS*. Campo Grande; MS, v.1, nº 1, 1988, p. 14-20.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A poesia do mundo natural: Uma abordagem sincrônica das narrativas orais de enterro pantaneiras. In: RUSSEFF, I. ; MARINHO, M.; SANTOS, P. S. N dos. (org.). *Ensaio farpados: Arte e cultura no pantanal e no cerrado*. 2ª. ed. rev. e ampl. Campo Grande: Editora UCDB; Editora Letra Livre. 2004, p. 91-102.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. *Rafael Barrett: escritor y pensador revolucionario*. Assunción – Paraguay: Ed. El Lector, 2011.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982. In: MELLO, Ana Maria Lisboa. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. In: BITTENCOURT, Gilda N. da Silva. (org.). *Literatura comparada : teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1996, p. 13-28.

_____. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11ª. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTMANN, Luciana. Memória, mentira e esquecimento entre contadores de “causos” gaúchos. In: EWALD, Felipe G. et al. (org.). *Cartografias da voz: poesia oral e sonora: tradição e vanguarda*. São Paulo: Letra e Voz; Curitiba; Fundação Araucária, 2011, p. 169-187.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva LTDA, 2007.

JOBIM, J. Luís et al. (org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, 2005.

JORNAL *Diário MS*. Dourados; MS, p. 4, 22/08/2012.

JORNAL *Diário MS*. MS quer que UNESCO reconheça o Geopark Bodoquena-Pantanal. Dourados; MS; 01/11/2010.

JORNAL *O Progresso*. Dourados; MS, 24/11/2009.

JOSEF, Bella. O lugar da América. In: JOBIM, J. L. et al (org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, 2005. p. 114-129.

KAIMOTI, Ana Paula M. Cartapatti. Douglas Diegues: “Las fronteras siguen incontrolables”. In: SANTOS, Paulo S. Nolasco dos; GÓIS, Marcos Lúcio de S. (org.). *Literatura e Linguística: Práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora UFGD, 2011. p. 83-106.

KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones. El concepto de region desde la teoría literaria*. Tucuman: Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

LEITE, Mário Cesar Silva. Acesso-global-linhas-locais: globalização, regionalismos e identidades do/no interior do Brasil. In: *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0134-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

_____. Acesso-global-linhas-locais: globalização, regionalismos e identidades do/no interior do Brasil. In: CUNHA, Betina; LEITE, Mário C.; NOLASCO, Paulo Sérgio. (org.). *Cânone e anticânone: A hegemonia da diferença*. Uberlândia-MG, EDUFU, 2012, p. 95-103.

LEPECKI, Maria Filomena B. *Cunhataí: Um romance da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Editora Talento, 2003.

LIMA, Astúrio Monteiro de. *Mato Grosso de outros tempos: Pioneiros e heróis*. São Paulo: Editora Soma, 1979.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.

MARCHEZAN, Luis G. *O conto regionalista: do romantismo ao pré-modernismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MASINA, Léa. Fronteiras do Cone Sul: Limites transcontextuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 3, Niterói, *Anais...* Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995, p. 839-846.

_____. Um roteiro singular. (Prefácio). In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 9-14.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. In: *Ficções do Brasil: conferências sobre literatura e identidade nacional* [coord. Marcílio França Castro; colaboração: Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes]. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006, p. 131-169: A arte política de Graciliano Ramos.

_____. Local / Global. In: _____. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 165-174.

MORAIS, Frederico. I Bienal do Mercosul: regionalismo e globalização. In: *Margens*. Revista de Cultura. Belo Horizonte; Buenos Aires; Mar del Plata, n. 1, p. 58 - 65, jul. 2002.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 405 p. Capítulo VII: A aura do testemunho, p. 249-282.

NOLASCO, Edgar C. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NORONHA, Eduardo de. *O guia de Mato Grosso*. Coimbra: Ed. França Amado, 1909.

PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. (Organização de Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva, Rosani Ketzer Umbach). Frederico Westphalen/ RS: URI; São Paulo/ SP: Hucitec; Santa Maria/RS: UFSM, 2011. Capítulo IV: Literaturas de fundação, p.131-147; Capítulo VII: Literaturas, intertextualidade, interculturalidade, p. 183-212.

PALERMO, Zulma. De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: COUTINHO, Eduardo F.; BEHAR, Lisa B.; RODRIGUES, Sara V. (org.). *Elogio da lucidez: a comparação literária em âmbito universal; textos em homenagem a Tania Franco Carvalhal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004, p. 237-244.

_____. *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*. Córdoba-Ar., Editora Alción, 2005.

PONTES, José Couto V. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1981.

_____. *Os vinte anos da academia sul-mato-grossense de letras*. Campo Grande: Editora da academia, 1991.

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura. In: *Literatura e Cultura na América Latina*. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores. Tradução de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparoto). São Paulo: EDUSP, 2001, p. 239-280.

_____. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RAMALHO, Christina. A reintegração histórica através do lirismo sintético – Raquel Naveira. In: _____. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p. 141-150.

REMEDI, José Martinho Rodrigues. História e literatura: Almas (quase) gêmeas. In: COSSON, Rildo. (org.). *O presente e o futuro das letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras; UFPel, 2000, p. 135-139.

RIBEIRO, Renato Janine. A glória. In: NOVAES, Adauto (coord.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1987, p. 107-116.

ROA BASTOS, A. et. al. *O livro da Guerra Grande: quatro escritores latino-americanos e a Guerra do Paraguai*. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Record, 2002

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. André Teles. São Paulo. Cosac Naify. 2007, 280 p.

ROCCA, Pablo. Las comarcas culturales latinoamericanas: discusión de una hipótesis Ángel Rama. In: JOBIM, J. L. et. al. (org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, 2005, p. 152-165.

ROLIN, Olivier. *Paisagens originais: crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: JOBIM, José Luis. (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 9-30.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Encontro de culturas. In: MORENO, César Fernández (Coord.). *América latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 3-24.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-28.

SARLO, Beatriz. *Borges: un escritor en las orillas*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007. Capítulo 3: La libertad de los orilleros, p. 35-57.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

_____. Inventando regiões. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. (Coord.). "AS LETRAS EM TEMPO DE PÓS", 13, 2009, Dourados. *As Letras em Tempo de Pós*. Dourados: Facale / Mestrado em Letras / UFGD, 2009. 1 CD-ROM.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Guilhermino Cesar e a invenção do regionalismo. In: _____. *Paisagens do dom e da troca: da reinvenção à invenção*. Porto Alegre: Editora Literalis, 2009, p. 160 – 169.

SOARES Jr., Avelino R. Estudo teórico-crítico dos conceitos de região, região culturais regionalismos. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - ENEPE, 7, 2013, Dourados. *Anais...* Dourados: Editora UFGD, 2013. v. 1. p. 1-22.

_____; SANTOS, Paulo S. N. Discussão sobre o conceito de região no contexto geopolítico das literaturas latino-americanas. JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINOAMERICANA DE ESTUDIANTES-JALLA-E, 2013, Arequipa-Peru. [*Anais...*] Arequipa: UNSA, 2013. (Comunicação)

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cultural em ritmo latino*. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro. *Literatura/política/cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 239-249.

_____. *Tempo de pós-crítica*. Linear B: Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

WALDMAN, Berta. Poesia ao rés do chão. In: BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 15.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudos sobre romances do sul*. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

ZOKNER, Cecília T. de Oliveira. *Mensu: história e ficção*. In: _____. *Para uma crítica latino-americana*. Curitiba: Editora UFPR, 1991, p. 101-111.

4. Sítios consultados:

<http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=229>

<http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=231>

<http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=238>

<http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=247>

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-carlos-merten/selva-tragica>

<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=402150>

<http://www.ufgd.edu.br/centrodoc>

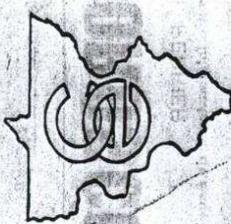
<http://bancodeteses.capes.gov.br/>

<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/index>

ANEXOS

ANEXO A – Cópia do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande, do dia 16/10/1972, noticiando a instalação da Academia de Letras e História de Campo Grande.

20



CORREIO DO ESTADO

DIÁRIO VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM MATO GROSSO

ANO XIX Campo Grande, Mt. 16 de Outubro de 1972 (Segunda Feira) Nº 6037.

CAMPO GRANDE - MT



1972 ANO DE PROSPERIDADE AGRÍCOLA

PESCA PREDATÓRIA NO RIO BRILHANTE

De Maracajá recebeu a denúncia de que na região da Frutinha existem 25 redes instaladas para pesca de predadores.

pesca predatória, fazendo com que os rios subsidiários da região, fiquem sem nenhum dos peixinhos que fazem a alegria dos moradores da pesca nos fins de semana.

As redes, segundo fomos informados por uma autoridade da cidade, pertence a russos brancos, que

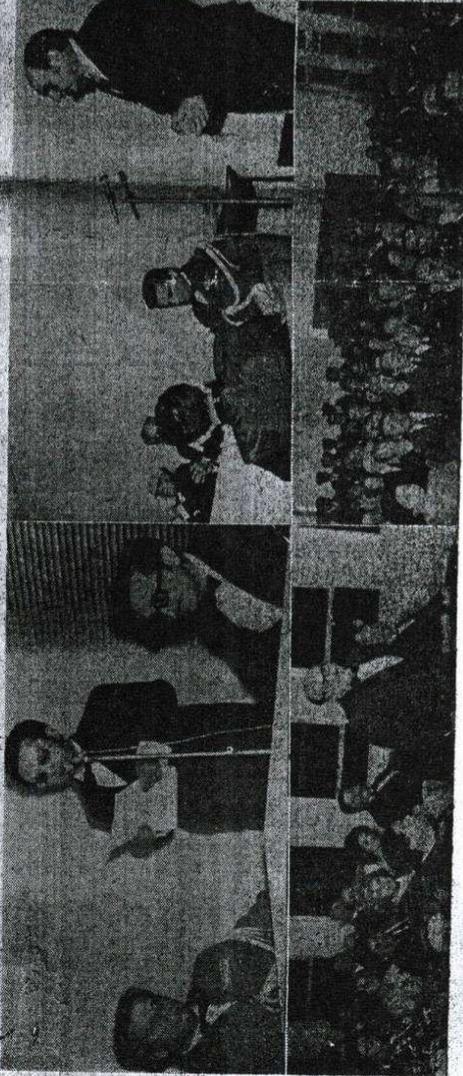
vindos da Ásia, se localizaram na região formando uma colônia. O sistema adotado por aqueles colonos está proibido em todo o Estado.

Instalada a Academia de Letras e

História de Campo Grande

Faixa elétrica causa queimaduras

Em várias partes



Durante o temporal que abateu sobre Campo Grande na noite de sábado um ralo caiu na residência de Maria Fortela, na Vila Margarida, bairro do Cruzeiro. O ralo caiu na Maria e em seus dois filhos, José do Nascimento, 5 ou 6 a, que foram socorridos e levados ao PS, e nas crianças queimaduras de 1º e 2º graus.

Também a casa do sr. Serapiao Afonso, rua Miranda, Vila Palmera, Bairro do Santo Amaro, uma faixa a desmoronou a humilde re-

Adão e Marcello, que sofreram queimaduras em sua residência na hora da chuva. Também ficaram feridos na mesma residência a srta. Maria Miranda Vareli, e seus filhos Gilmar e outros cinco, inclusive um de seis meses. Estes, são vizinhos do sr. Sera-

Resultados da Esportiva

- Flamengo 0 x 0 Corinthians (meio)
- Coritiba 4 x 0 São Paulo (um)
- Santos 3 x 2 Gremio (um)
- Vasco 0 x 0 Botafogo (meio)
- Palmeiras 1 x 0 Portuguesa (um)
- Atlético 2 x 0 Fluminense (um)
- Cruzeiro 2 x 0 América (um)
- Náutico 3 x 0 Sergipe (um)
- Bahia 1 x 1 Santa Cruz (um)



Elisa Gonçalves e os filhos

OTAVIO CONCALVES COMES
ENGENHEIRO-AGRONOMO
CAMPO GRANDE - MT.

AV. AFONSO PENA, 270
ESCRI TORIO, 4-7061
FONES: RESIDENCIAL, 4-2752

Um cofre contendo apenas documentos queimados, a alguns metros de se tratar de quei Rosalina Mourão Man-tilha e Jorey Carden-Rangei e um endere-ço: Travessa Vitória, 133, Rio Verde de Mato Grosso, foi en-contrado em uma ma-ta na Gamelaíra por um motorista de taxi que comunicou o fato a polícia.

Investigadores da Delegacia Central de Polícia seguiram para o local e realmente constataram que o co-

ntendo o Secre-tário Acadêmico Otá-vio Concalves Gomes foi solicitado a pro-ceder à leitura do expe-diente e a fazer a cha-mada dos Acadêmicos para tomarem posse das respectivas cadei-ras. Ao ritual de posse deu-se um cunho de originalidade: ao invés de prestar um jurame-nto, o Acadêmico en-terou o seu nome, Cadeira, e punha-se de pé em voz alta profe-rindo o nome do Patrono da sua Cadeira. Ao término a chamada dos Imortais de Cam-po Grande, a assistên-

cia para que se dedi-quem sempre e mais ao estudo das letras e da História de Cam-po Grande, a fim de que, amadurecendo-se e revigorando-se in-telectualmente, por a-tividade transmitam à Academia a força do pensamento e a clarida-de de cada um, en-terando-a, através de verigaduria, que lhe permita, sobrepresen-ças, p a a efetivar existência, perangs e capaz de incentivar no- vos valores através dos anos para a dese-rrada transposição dos seus quadros ao longo do porvir.

Concluiu a oração (Conclui na últ. pág.)

o alto, maior oficial de Campo Grande repre-sentado pelo General Reynaldo Melo de Al-meida, Comandante da 3.ª RM, Prefeito Dr. Antônio Mendes Ca-nale, General Heitor Luiz Gomes de Almei-da, Comandante da 4.ª Divisão, Governador José Fragelli, representado pelo Dr. Paulo Cvelho Machado, Secretário da Agricultura, Desen-bargador Gervásio Lei-le, Presidente da Aca-demia, Matrossense de Letras e representa-do pelo Acadêmico Dr. Hugo Pereira do Vale, Cel. Av. Agostinho Cé-sar Perlingeiro, Ferri-sa, Comandante da Base Aérea de Campo Grande, Coronel Che-ife do Estado, Maior Regional, personalidade des que, a convite do Presidente da Aca-de-mia, Dr. José Couto Vieira Pontes compu-teram a Mesa que pre-sidiu aos trabalhos.

Abriu a solenida-de o Presidente da A-cademia proferiu mag-

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses A-zul de Almeida Ser-ra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

os para que se dedi-quem sempre e mais ao estudo das letras e da História de Cam-po Grande, a fim de que, amadurecendo-se e revigorando-se in-telectualmente, por a-tividade transmitam à Academia a força do pensamento e a clarida-de de cada um, en-terando-a, através de verigaduria, que lhe permita, sobrepresen-ças, p a a efetivar existência, perangs e capaz de incentivar no- vos valores através dos anos para a dese-rrada transposição dos seus quadros ao longo do porvir.

Concluiu a oração (Conclui na últ. pág.)

o alto, maior oficial de Campo Grande repre-sentado pelo General Reynaldo Melo de Al-meida, Comandante da 3.ª RM, Prefeito Dr. Antônio Mendes Ca-nale, General Heitor Luiz Gomes de Almei-da, Comandante da 4.ª Divisão, Governador José Fragelli, representado pelo Dr. Paulo Cvelho Machado, Secretário da Agricultura, Desen-bargador Gervásio Lei-le, Presidente da Aca-demia, Matrossense de Letras e representa-do pelo Acadêmico Dr. Hugo Pereira do Vale, Cel. Av. Agostinho Cé-sar Perlingeiro, Ferri-sa, Comandante da Base Aérea de Campo Grande, Coronel Che-ife do Estado, Maior Regional, personalidade des que, a convite do Presidente da Aca-de-mia, Dr. José Couto Vieira Pontes compu-teram a Mesa que pre-sidiu aos trabalhos.

Abriu a solenida-de o Presidente da A-cademia proferiu mag-

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses A-zul de Almeida Ser-ra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

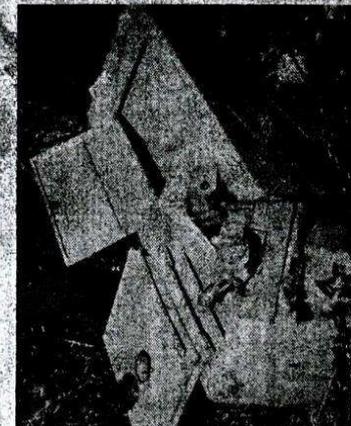
social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.

A solenidade teve a prestígio-la, também,

social e cultural do campo grande viveu a 13 do corrente no salão de festas do Hotel Castelo Grande, a mais bela noite do ano do Centenário fal-o requinte da reunião para instalação oficial da ACADEMIA DE LETRAS E HISTORIA DE CAMPO GRANDE, destinado a perpetuar o nome de Ulysses Azul de Almeida Serra, seu idealizador, fundador e primeiro Presidente.

Para presidir o co-nto do primeiro, como representante da Aca-demia Brasileira de Le-tras, o Ministro Ivarn-tilha, e da capital pa-rtista, representando a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o escritor Her-nani Drexler, ambos a-companhados das suas exmas. esposas.



O misterioso cofre arrombado e abandonado nas matas da Gamelaíra, 28 quilômetros distantes de Campo Grande

PREÇO DESTA EDIÇÃO CINQUENTA CENTAVOS

FARMACIAS DE PLANTÃO

AUXILIADORA - Av. Mato Grosso, 901
DROGA NOSSA - R. 14 Julho, esp. Afonso Pena
SANTA MONICA - Rua 14 de Julho, 1197
SANTA CRUZ - R. 14 Julho, esp. Av. Calógeras
AVENIDA - Calógeras, 1128

Governador está na cidade

A fim de participar das comemorações da Semana da Asa, en-

ANEXO B – Discurso de posse do Senhor Hernâni Donato na Academia Paulista de Letras.

DISCURSO DO SR. HERNÂNI DONATO

Senhores acadêmicos!

A aula era de gramática. Mas o rapazinho, embarcado na fantasia dos doze anos, navegava pelo Mar das Antilhas. Descrevia, com rugidos de ventos, ribombos de canhões e urros de maruja, o combate de um galeão pejado de ouro e de mulheres bonitas contra um brigue pirata estimulado pela sede de ouro e de belas mulheres.

Nada de próclise, de ênclise, de mesóclise. Embalava-se em heroísmos e ternuras. Escrevia e sorria. Planejava terminar o episódio, deixando os barcos retalhados pela borrasca e ralados pelos tiros, os homens feridos e mortos, as mulheres em pânico. O Francisco Marins, a quem caberia escrever a continuação, na aula seguinte - geografia - que desse tratos à bola para consertar os navios, cuidar dos homens e acalmar as passageiras. Pois o capítulo da novela, a dois autores, deveria ser publicado em jornal de São Paulo poucos dias mais tarde.

Ouviu-se pigarro apagadinho, fraquinho e contudo mais forte do que o canhão e o temporal. Tossezinha marca registrada do professor Campos que acompanhara a batalha por cima destes meus ombros. E sentenciava, sob riso da classe:

- Em gramática, nota dois. Mas, vá lá, você ainda me acaba em academia.

Ele, bom mestre, morreu faz anos. Eu, hoje, entro para a Academia. O Francisco Marins vem receber-me à porta. Ouço aplausos em vez de risos. Louvado seja Deus que tem sido tão bondoso para comigo. Sempre lembrados sejam Cassiano Ricardo, Osmar Pimentel, Francisco Marins, Octacílio de Carvalho Lopes, Luís Martins que apadrinharam a minha candidatura. Como serão lembrados os 35 acadêmicos que me estenderam a mão, dando-me seu voto. De modo especial o entusiasmo de primeira hora de Alceu Maynard, Afrânio do Amaral, Fernando de Azevedo, Maria de Lourdes Teixeira, Paulo Bomfim, José Geraldo Vieira, Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho. Senhor Presidente. Senhores Acadêmicos. Amigas. Amigos.

Começo o meu discurso narrando, sem pretensão de iluminar a noite acadêmica com a pirotecnia de malabarismos retóricos. É que sou apenas escritor. Um ficcionista, para mais. Penso que ao ficcionista, chegando à Academia, lhe convém apresentar-se com a arte simples, correntia, de narrar. Depois, triste papel faria eu se pretendesse ataviar-me com as galas da eloquência sucedendo, na cadeira vinte, a dois tribunos do porte dos meus antecessores. Nessa não caio. Sequer tentarei aproximar-me deles.

Servidor de letras, o que escrevi vem do povo, como quer a definição de Stendhal: "o romance é espelho ao longo do caminho". A minha ficção restringiu-se, até aqui, aos limites do meu próprio olhar: a minha terra, a sua gente, o *chão bruto* do trabalho, do sonho, da ambição desbravadora; a *selva trágica* na qual a despeito dos seus sentimentos emaranham-se os homens, pobres *filhos do destino*, algozes e vítimas desse *rio do tempo* que é o breve curso da vida. Dessas coisas é que devera falar, pois é verdadeiro o dito de Ser Giovanni Fiorentini - "Qui de terra est, de terra loquitur".

Ora, nasci na serra, entre planalto e céu, terra do ranchinho "à beira-chão/todo cheio de buracos/donde a lua faz clarão", nos versos de Angelino de Oliveira. Isso foi em 1922, numa Botucatu ainda capital de sertão, confluência fervente de culturas, de sangue, de inquietação. Resulttei, homem e escritor, um pouco desse tempo e desse lugar.

Cidade e tempo em que a combatida riqueza do café era substituída pelas gloriosas safras de professores saídos de uma das primeiras Escolas Normais do interior; do nascente proletariado urbano, rosnando Marx e ladainhando a Rerum Novarum; do último caingangue cedendo lugar ao primeiro japonês; do bispado, extenso quanto a

terça parte do Estado; do remanescente folclórico dos confederados americanos; da onipresente atividade italiana; do comércio levantinizado; do forte extrato português; do avanço protestante em cidade episcopal; da exuberante alegria dos negros extravasada em procissões puxadas obrigatoriamente por São Benedito e em batuques convocados pelo famoso tambu Sete Léguas. Havia bandeiras diante de vice-consulados; dois jornais em línguas estrangeiras; diário e revista em vernáculo; orquestra nos cinemas e confeitarias da moda; tribunal do júri que atraía a multidão e requisitava os maiores nomes da tribuna paulistana.

De certo, nas escolas, liam-se e declamavam-se as poesias do livro "Flores do Campo", apreciado pelo doce ruralismo e pela maviosidade dos seus versos: "Flores do Campo". Seu autor, José Ezequiel Freire de Lima. Nascido em fazenda de Rezende, cronicara e poetara em jornais e revistas fluminenses e guanabarinas. Formara-se advogado em São Paulo, fora juiz em Araras, exercia o magistério no curso anexo da faculdade de Direito, frequentava as páginas do "Correio Paulistano" e de outras publicações locais.

Professor, advogado e jornalista, a popularidade lhe viera e se mantinha pela via dos versos. Encontrara o endereço da apreciação popular. Sem o rótulo do Simbolismo, "Flores do Campo" fora legítimo precursor do Simbolismo, contínuo referir-se às relações entre os sentidos e as emoções, os perfumes e as cores, as cores e os sons. Ele definiu a inspiração como "a integração da alma do Poeta com a Natureza".

Vivia mais ou menos recluso na casa grande da Rua da Consolação, entre poucos amigos, um jardim no qual procurava aclimatar variedades estrangeiras ao lado das autênticas flores do campo. Em casa, vasta biblioteca e bom acervo de peças orientais. Nos pulmões, a doença fatal.

Aos quarenta e oito anos, pressentiu a morte. Foi para o interior, escolheu o lugar para a sepultura, enviou aos amigos cartão tarjado de negro em sobrecarta negra. Com tinta branca e belo cursivo, escrevera: "Por conta de maior quantia / Rezaí por ele / Pater Noster e Ave Maria...". Oito dias depois, novembro, 1891, falecia. Deitaram-no à sombra do salgueiro que indicara.

Morto, não foi abandonado pela poesia e pela originalidade. O salgueiro deu lugar à coluna de mármore. O mármore continuou a chorar sobre a tumba. Jovens enamorados, sabendo que ali estava um poeta, vinham colher a água gotejante na lápide, considerada filtro amoroso de grandes virtudes. A que maior homenagem pode aspirar um poeta? Andou bem, portanto, Reinaldo Porchat, ao apontar Ezequiel Freire patrono desta cadeira vinte.

Pelo Brasil interior, "Flores do Campo" continuava lembrado. Ainda nos anos vinte, as suas rimas eram repetidas. Certamente, também na minha cidade.

Nessa cidade e nesse tempo fui ter àquela onde, graças a mestres como Amaral Wagner e Euclides de Campos, o idioma e a literatura não eram apenas ensinados mais instilados persistentemente nas sensibilidades adolescentes. Na carteira ao lado estava Francisco Marins e no portão de saída Alceu Maynard Araújo e Ibiapaba Martins. Das janelas da sala, via-se a chácara onde, menina, brincara e por certo exercitara sua imaginação a Maria José, hoje a festejada Madame Leandro Dupré. Nos porões, o servente Severiano mostrava rabiscos deixados nas paredes pelo nervosismo criativo do lápis de Cornélio Pires, anotando alguns de seus livros ricos de brasileirismo.

Numa escola assim, numa cidade assim, éramos compelidos à leitura, à tentativa de escrever, de fazer jornais, de promover debates literários muito para lá das exigências curriculares. Animávamos as rodas de boemia e poesia e música, tomando soda limonada com cachaça - bebida de estudante pobre, comendo pastéis de tostão no bar do Turidu e indo serenatear debaixo de sacadas determinadas ou declamar o "Noivado do Sepulcro" empoleirados exatamente sobre o muro do cemitério.

Alceu se foi ensinar as primeiras letras e a coletar folclore lá pela camparia do Pirambóia. Onde também deixou traços de influência. Anos depois, num sábado à tarde, fui bater à casa de seu Lisandro, exímio fabricante de pios para chamar inambu. Estava sozinha a dona Maria, sozinha e lamentosa: - "Pois não é sábado? O velho foi pra vila fazer das suas malfazenças". Eu quis dar consolo e simpatia: Que é isso, dona Maria?! Na idade dele... Cortou-me: "Qual nada, meu senhor. Já dizia aqui mesmo o professor Alceu que cumbuca que guardou pimenta sempre conserva o ardume."

Herdamos a sua liderança e continuamos agitando o nosso universozinho intelectual. Tantas fizemos, que acabamos, Marins, alguns mais e eu, por criar nada mais do que uma. . . academia.

Deus nos perdoe o nome: Academia Juvenilística Literária. Reuniões semanais, multa para os faltosos, apresentação obrigatória de trabalhos, debates sobre livros momentosos, um jornal *sui-generis*, porque datilografado e de exemplar único, circulante entre os acadêmicos. Ah!, mas importante mesmo foi a biblioteca. Era pública, porém o gênio industrioso do atual secretário geral desta Academia e então ecônomo daquela, encontrou fórmula para aumentar o número de livros: as retiradas faziam-se mediante pagamento. Duzentos réis à semana! Nunca a gente simples do Bairro Alto e da Boa Vista teve tanto que ler e leu tanto. De modo especial, romances populares e poesia.

Estavam em moda as poesias musicadas. Marcelo Tupinambá dera ritmo a duas especialmente apreciadas: "Na estrada da vida" e "O semeador", versos de poeta titular desta Casa.

Era ele Reinaldo Porchat. Subira de Santos, trabalhara no comércio, formara-se no Largo de São Francisco para onde voltara em 1897, ao ser nomeado lente substituto da primeira seção, oportunidade em que apresentou a tese "A posição jurídica dos Estados federados perante o Estado federal", ainda hoje um autêntico *vade-mecum* na especialidade.

Tomou posse a 23 de outubro. Naquele então, a cerimônia de posse era soleníssima. Gente solene, solene a postura e a roupa. De rigor. Na hora marcada para a Faculdade, Reinaldo ainda está em casa. É que começa a nascer-lhe o filho - esse campeão da simpatia e do porchaísmo que é o Alcir, aí presente, no auditório. Pois Reinaldo chegou à solenidade de sua posse, com hora e meia de atraso. Quase um escândalo que ele debelou com o fascínio e o natural bom humor que punha em tudo. Cumprimentou: - Desculpem e compreendam. Sou o único pai que espera seus filhos, vestindo fraque e cartola.

Professor dos mais queridos, não obstante dos mais severos. Pelágio Lobo explica: "O rigor que o novo lente punha no ensino e a exigência da assiduidade que desafiava chuvas, mormaços e tempestades".

Em meados de 1903, com a jubilação do lente Frederico José Cardoso de Araújo Abranches, Reinaldo passou a catedrático de direito romano. Quando, em 1907, publica parte de seu "Curso elementar de direito romano", já era um expoente. Seguiram-se lições e discursos em repetidos e crescentes sucessos.

Mas é em 1921 que vive momento andino de sua atividade tribuniária. Rui Barbosa, paraninfo da turma de 1920, cria, para esta, a magistral "Oração aos moços". Porém não pôde vir pronunciá-la. Escolhe para lê-la o maior tribuno de São Paulo - Reinaldo Porchat. O que foi aquela noite inapagável da crônica da oratória nacional, resumiu-o Marcondes Filho, no Senado Federal, em 1954: "o melhor discurso dito pelo melhor orador numa apoteose intelectual (...) ao se ouvir Porchat, com as suas qualidades extraordinárias de orador, na leitura de uma das páginas mais belas da literatura brasileira". Porchat não se limitou a ler a "Oração aos moços". Criou, para ela e para si,

uma personalidade, um momento de arte oratória. Correram vozes, em seguida, de que chegara a contratar um diretor de teatro e um ator muito em moda, para conceber e ensaiar a sua movimentação na tribuna. Seriam apenas vozes. Bem que ele dispensava tais ensinamentos.

A estudantada, que o apreciava como mestre, estimava-o como poeta. Repetia-se pelos corredores, com o toque de malícia própria da época, a poesia "Lição de francês". Há nela um poeta-professor que para ensinar a aluna a dizer corretamente "baiser", tenta, e acaba por sapear um beijo na boca da aluna.

Beijo, aliás, foi o tema da saudação a Olavo Bilac, a 9-10-1916. Não estava programado para festejar a visita que Bilac fazia à Faculdade. Mas, como sucedia frequentemente, os estudantes romperam em coro: "Fala o Porchat!" Esboçou a negativa de praxe. O coro robusteceu-se, ensurdecia. Adiantou-se, então, intimando à casa: "Os moços querem que fale. Falarei!" E em torno dos velhos temas - beijo e amor manteve suspensos, durante quarenta minutos, assistência e visitante.

Mas em poesia, não improvisava. Era cauteloso, exigente. Observava a harmonia entre forma e fundo. Em banquete oferecido a Vicente de Carvalho, teceu este hino ao labor formal: "assim como a custosa jóia pede escrínio condigno em que se encaixe, assim também a idéia pede a forma perfeita, que a concretize, que a conserve e que a transmita, sem desfeiz-la, ou encobri-la". Não perdia ocasião para enaltecer o artesanato poético. Com afirmações assim: "A alma do poeta, eis tudo. Emocione-se ela com as próprias idéias, ou com aquilo que ouve ou vê, a poesia surge bela, radiosa e sedutora, desde que, banhada de luz do gênio, abra as asas cantando o que o poeta sente". Definição que é, por si, bonita poesia.

Punha sua inspiração romântica a serviço de parnasianismo aclarado pelo apuro da forma e da linguagem. Era um ourives do verso. Como neste "Anagrama de Maria":

"Camões *Natércia* fez de Catarina / Alencar fez de América *Iracema* / E eu, de que farei, minha divina, / Se não do verbo amar? Dificil tema, / Pois que me falta o *i*... Porém eu vejo / Que o farei, se perdoas a ousadia: / Colhendo em tua boca o *i* de um beijo, / Junto às letras de amar, faço Maria" .

Não se tratava de qualquer Maria, mas de Maria Júlia, a escolhida de sua vida. Para ela compusera um poema de noivado. Para ela, muitos poemas de esposo apaixonado. Um dia, 1921, ao entrar na classe, com o apuro e a pontualidade de sempre, porém trazendo luto na roupa e nas feições, o espanto dos rapazes foi grande. Hesitou por um átimo, ele que jamais hesitava. Explicou: "Desculpem. É a primeira aula depois que me foi a minha Maria Júlia". A classe tremeu. Ele não ocultou lágrimas misturadas às primeiras palavras da lição. E muitos daqueles moços - confessaram mais tarde - choraram com ele, solidários com o amigo.

Esse poeta, esse lírico que, chefiando um dos maiores escritórios de advocacia, aconselhava sempre o acordo como a melhor solução, era rígido, austero, franco mas humano e cordial. Em 1919, após a convulsão da epidemia de gripe, um decreto matriculava sem exame todos os candidatos inscritos. Francisco Pati, entre eles, relatou: "Os calouros, roupas reviradas, cabelos enfarinhados pelo trote, entraram na sala número dois. Porchat vem recebê-los. Fita-os e saúda-os: "Meus senhores! É a primeira vez, em tantos e tão longos anos de magistério, que me cabe dirigir a palavra a uma turma beneficiada por um decreto vergonhoso. Os senhores não entraram pela porta da frente, mas pela do fundo. É um péssimo começo". Ante o total aparvalhamento dos beneficiados não culpados, serenou, abrandou o brilho do olhar e abriu-lhes os braços: "Senhores, sede bem-vindos!".

O tribuno que o sucedeu nesta Casa descreveu-o como orador e mestre: "sua frase foi sempre musical e profunda. Suas preleções ou discursos eram invariavelmente páginas

de poesia. Tinha-se a impressão de que dedilhava uma lira, quando nos conduzia, do alto da tribuna, através da História externa do Direito Romano..., A voz, os gestos, a linguagem e a forma denunciavam nele o homem habituado ao convívio das Musas. Vinha-lhe por certo da harmonia interior do coração e do cérebro a música da palavra escorreita e sonora".

Igualmente preciso e eloquente é o testemunho de Plínio Barreto, num artigo publicado em "O Estado de S. Paulo" e relativo à capacidade de liderança de Porchat: "... dos arguentes que me foi dado ouvir... o mais empolgante foi Reinaldo Porchat... deslumbrou literalmente o auditório com o rigor da argumentação exposta em linguagem precisa e pura, modulada, com uma extraordinária riqueza de inflexões, por uma voz límpida e sonora".

Com tantas qualidades, saiu-lhe à frente, para seduzi-lo, a sereia da política. Fizeram-no Senador estadual. O orador fascinante, o líder natural e autêntico, o poeta romântico, o professor festejado, revelou-se, na casa de leis, tudo aquilo e ainda outro homem. Organizado, preciso, metódico, vigilante ao ponto de irritar os menos disciplinados dos colegas. Não votava sem obter e analisar todas as informações, confrontar os números, perquirir as consequências. Trabalhava tanto nas comissões quanto brilhava no plenário. A rigor, não era um procedimento insólito. Mas ele não se limitava a agir desse modo. Insistia em que esse deveria ser o modo de agir de todos. Desagradaram-se dele. E ele, de todos e de tudo. A 26 de dezembro, 1925, decorrido ano e meio de exercício, pronuncia discurso que abalou o Senado paulista e o organismo político nacional. Renunciou à senatória, verberando: "A minha dignidade não me permite que me mantenha nesta cadeira quando estou convencido que o meu trabalho e os meus esforços são anulados pela submissão do Senado ao Poder Executivo. Assim foi em Roma. E Roma não teve remédio".

Não foi para o descanso. Prosseguiu a batalha do ensino e da cultura, a dirigir - como o fez por muitos anos - o Conselho Superior de Ensino. Voltou-se com maior afinco à poesia, à historiografia, às lições. Concluiria o livro de direito romano e escreveria "A pessoa física no direito romano", "A retroatividade das leis civis", reuniria seus principais discursos em volume de permanente atualidade. Ocupou com distinção rara a diretoria da sua Faculdade e em 1925 aposentou-se. Mas em 34, ao ser criada a Universidade de São Paulo, foi nomeado Reitor, sob aplausos gerais.

Esse o fundador da cadeira vinte desta Academia. Cadeira que dignificou até 1941 quando desejou ser transferido para a categoria de Honorário, proporcionando a José Soares de Melo o privilégio de empossar-se sob o olhar e o aplauso do antecessor. Em idade avançada, Reinaldo Porchat continuava a ser o jovem inquieto, ativo e produtivo, capaz de alternar serões de cálido convívio intelectual e matinadas de equitação que iam além de sessenta quilômetros. Sua intensa atividade física e mental não conheceu declínio. Praticamente não adoeceu. Aos 85 anos, de uma congestão deslizou para a morte. Era o 12 de outubro de 1953.

Senhores Acadêmicos. Amigas. Amigos.

É sábia a prescrição regimental de que se tragam para a luz festiva da posse os nomes, os feitos, os trabalhos, os ideais dos que passaram e foram viver outro tipo de glória. Disse-o bem Leonardo da Vinci ao assegurar que "imersão das coisas na luz é imersão-las no infinito".

No infinito da nossa ternura, que é saudade e homenagem, permanecem os que nos antecederam. Ao considerar-lhes as vidas e os trabalhos, conforta-me evocar que Dante Alighieri imagina não haver senão entendimento sereno e doce colóquio entre os que se foram "deixando na terra os nomes engrandecidos por justa fama" e os que ficam a seguir-lhes os passos. Vale dizer que o ideal comum, o amor ao trabalho intelectual

permanece nas coisas realizadas e vive naquelas por realizar, produzindo uma espécie de entendimento entre os mortos e os vivos.

Reunidos na outra margem, vejo Freire, Porchat e Soares de Melo. Ligando-nos como "ideal compartilhado em serena e frutuosa alegria", o arraigado amor aos livros.

O LIVRO E O SEU ANO INTERNACIONAL

O livro é a estrada que nos trouxe - a eles, a vós, a mim, de longitudes diversas, para este porto-oficina do Largo do Arouche.

Sinto-me agraciado pelo destino, com a coincidência de ser este 1972 o ano de minha vinda para a Academia e o Ano Internacional do Livro. Desde a infância, cultuei os livros e procurei cultivar os bons autores. Amei e invejei Manuel Bandeira quando li, dele, a confissão: "minha casa também é uma cama entre estantes". Minha primeira compra, com dinheiro ganho na venda de vidros a uma farmácia, foi um livro: a História Naval Brasileira. Das poucas gravuras pregadas à parede do meu quarto de adolescente destacava um desenho de Hendrick van Loon, para o seu livro "Tolerância". Mostrava o primeiro vendedor ambulante de livros. Em áspera montanha, sob neve e vento, curvado ao peso do precioso fardo, brilhavam-lhe fortemente os olhos. Conhecia o valor de sua riqueza. Conduzia-a, fugindo à censura, à incompreensão, ao medo provocado por toda luz nova. Presumi que se orgulhasse de levar ao homem a revelação do homem, de mostrar os povos ao povo. Não esqueci esse homem. Elegi-o meu parente.

Nem por outros motivos - continuo pensando - antes da imprensa que é técnica humana, os livros foram produzidos em conventos, que são recantos divinos. Hoje, quando o Brasil edita mais de dez mil títulos por ano, parece-nos difícil imaginar o afã dos mosteiros medievais, até equiparando a tarefa de copiar à virtude de orar. Piores garantiam aos monges copistas que linha reproduzida equivalia a pecado redimido. Orderico Vitale, saboroso memorialista, divulgou a lenda do frade salvo ao inferno pela margem de uma sílaba.

Apesar do anunciado prêmio celeste, tão fatigante seria aquela tarefa, que esses patronos dos nossos editores também almejavam consolações terrestres. O historiador Haskins guarda palimpsesto no qual o copista - esperemos não fosse um monge - ajuntou à palavra "Fim" este desabafo: "e ao transcritor, em recompensa pela sua fadiga, bem podiam dar uma cerveja e uma bela garota".

Desde quando o rústico manuscrito sobre papiro foi enrolado e passou a chamar-se *liber*, o homem deu o segundo grande passo na própria evolução. Antes, pusera-se de pé. Com o livro, aproximou-se de Deus.

O LIVRO E O FUTURO

Não estou esquecido de que continua em circulação o agouro do fim da palavra escrita. Televisão, cinema, som melódico e até códigos de sinalização tomariam o lugar do livro.

Mas sim, estou convicto de que os fatos aclararam essa projeção e o futuro da palavra escrita pode ser melhor distinguido. Parece certo que o sucesso de tais meios de comunicação - sem precedentes na mobilização do interesse humano - é exercido menos sobre os que lêem habitualmente do que junto aos que não sabem ler ou apenas lêem..

Trata-se da rápida ascensão econômica e da lenta escalada cultural de quase metade da humanidade. Quebrado o silêncio informativo e rompido o confinamento geográfico, milhões saíram, estonteados, para o pátio iluminado do som e do movimento. O sucesso de Cabral exigiu decênios para ser conhecido na Europa Central. Mas a descida do

homem na Lua foi acompanhada de tal modo, que o analfabeto pôde ter a sensação de haver descido com os astronautas. Julgou-se forte, apto a exigir participação, governar auditórios, criar receitas de popularidade. Erigido em ídolo da comodidade e do mínimo esforço, ele quer mais. Querendo mais, envolverá ou será levado a progredir, para não perecer.

Virá a fase do refinamento, do transitar do objeto para o símbolo. O enorme contingente que está a reclamar informações e diversões reclamará formação, instrução. Ou seja, cultura, literatura. Sempre e onde os meios eletrônicos introduziram multidões na apreciação dos tesouros culturais, o livro cresceu no amor do povo.

Podemos estar certos. Ao final do processo de integração cultural das massas economicamente emergentes, não acontecerá a fulminação da escrita pela ação da imagem. É até provável que venha a ocorrer uma prestação de serviços, do som e da imagem e de quantos outros recursos se tornarem comuns, em favor da escrita, isto é, do livro.

Esta confiança na elevação da cultura popular e no futuro do livro não foge, antes comunga com a natureza e o destino das Academias. Foi isso claramente afirmado, embora com outras palavras, em sessão no Teatro Municipal, quando a Reinaldo Porchat sucedeu José Soares de Melo.

JOSÉ SOARES DE MELO

Esta casa, Senhores Acadêmicos - como outras sedes da inteligência brasileira, encontra-se ainda aquecida e ressoante, com a memória da sua pessoa e com a força do seu verbo. Guardam não já a sua memória, porém *ainda* a sua presença.

Presença aliciante, convincente, preensora de atenção. Possuía, em alto grau, o dom de polarizar interesse. Começando a falar, a atenção dos circunstantes era geral, ninguém se animava a interromper para emitir opinião. O enriquecimento que dava aos assuntos, numa variedade cromática de informações e de cultura, calava os ouvintes que o deixavam discorrer, solto e fascinante, bôlido no espaço.

Perfeccionista, escreveu, ensinou, pesquisou, discursou, submisso ao cilício que é a busca da excelência, fosse em uma frase ou em uma atitude. Seguiu Mark Twain para quem a "diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa é a diferença entre o relâmpago e o vagalume". De sua oratória poder-se-ia afirmar o que de Joaquim Nabuco dissera Oliveira Lima: "suas palavras chegam ao coração sem precisar dos ouvidos".

Verdade que a natureza o exornara com qualidades naturais de bom orador. Mas não ocultava o esforço demandado pela manutenção desse domínio. Cultivando a sua arte, fazia diuturnamente por melhorá-la. Revelou, no discurso de posse: "Fragilidade da glória do orador! Os que conhecem a tortura das vigílias laboriosas e povoadas de sobressaltos; a angústia da espera; o pavor do momento decisivo; a consciência de que cada discurso é uma estréia; que o malogro pode advir de mínimas circunstâncias; de uma noite mal repousada; de uma enfermidade momentânea; de uma notícia inesperada; só esses poderão dar valor ao dom miraculoso de convencer e agradar, à ventura de se sentirem transfigurados, no instante doloroso e bendito da criação".

Meu compadre, o gravador Guersoni, conterrâneo de Soares, deu-me um saboroso depoimento. Menino, cuidava da montaria do professor que regia escolinhas encravadas entre fazendas. O poteirinho vizinhava chão dos Melo. Indo e vindo, muita vez levou o professor a perder a hora, pois ficava a ouvir o estudante José que, encarapitado nas raízes da figueira, ensaiava discursos eloquentes dirigindo-se aos bois, ao cafezal, aos mourões da cerca. Era, já, o amor e o esmero pela arte oratória.

Foi sempre assim responsável, operoso, participante, o rapaz de Monte Alto (7-7-1898), que, entrando em 1915 para a Faculdade de Direito de São Paulo, viu-se logo requisitado para as posições vanguardistas de quantos movimentos sociais, literários, estudantis, empolgassem a capital provinciana. Nesses anos desenvolveu qualidades de liderança tanto mais vigorosas quanto discretas. Por exemplo, os que participaram da fundação do Pen Clube de São Paulo gostam de lembrar a forma pela qual Soares de Melo mobilizou-os, interessou-os, reuniu-os, catalizou-os e voltou para o Rio, deixando fundado o clube.

Hábil no impressionar, era impressionável. Ao sair da Faculdade, em 1920, levava um exemplo permanente para a vida e o trabalho: Rui Barbosa. Sempre o admirara. Mas, fazendo parte da comissão que levava o paranifado a Rui e recebera o legado da "Oração aos moços", ouviu-a na criação oratória de Reinaldo Porchat. Aliás, é digno de nota o paralelismo existente entre as vidas de Porchat e de Soares, capítulo de uma história que certamente ainda será contada. Mas ouvindo Porchat, lendo e relendo a "Oração", o jovem sentiu reforçada a admiração pelo talento onímodo de Rui.

Formado, dirige-se a Paris, onde, por quatro anos frequenta oficialmente a Escola de Chartres e a de Ciências Políticas e, oficiosamente, para regalo da alma e robustecimento da cultura, as livrarias, os arquivos, os museus.

Volta a São Paulo para traçar a carreira de jurista, professor, historiógrafo, escritor. Em 1924, promotor público, arrastava para a sala do júri compacta assistência. Depressa, a sua erudição e o seu modo de ser constituíram-se em ponto de referência da cultura paulista. De tal modo, fundada a Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais, quiseram-no professor de Filosofia da História Política. Nesse mesmo ano, 1931, integra a comissão elaboradora do anteprojeto do código do processo penal do Estado. Três anos mais e é o presidente do Tribunal do Júri. Impunha tal correção e dignidade ao cargo, que Alcir Porchat, grande viajante e frequentador de plenários, anotou: "Nem na Inglaterra vi presidente igual!" E Fernando Góes registrou no "Diário da Noite": ... "tal elevação, tal sobranceira, que se podia dizer - e se dizia - que o Tribunal do Júri era ele".

Em setembro, 1937, substitui o mestre Cândido Mota na cadeira de Direito Penal, cátedra que enobreceria também no estrangeiro. Como sucedeu na Itália, 1938, durante o Primeiro Congresso Internacional de Criminologia. De Roma, foi ter, no ano seguinte, a universidades chinesas e japonesas, por delegação da reitoria paulistana. E ainda brilhou intensamente em Coimbra, quando em companhia do reitor da USP retribuiu visita feita a São Paulo pelos lusitanos.

Trabalhador infatigável, levantava-se ao clarear do dia, permanecendo horas entre livros e anotações, mesmo antes do desjejum. Raramente voltou para casa sem trazer livro novo, sem ter recolhido uma informação, obtido um endereço, despertada uma curiosidade. Mas encontrava tempo para sentar-se à sombra de um plátano da Praça da República e, durante horas, delinear para um amigo a orientação e a estrutura do livro que trazia em gestação.

Nesses livros, em todos os seus trabalhos, foi exemplarmente fiel ao objetivo de esclarecer, contribuir, iluminar ângulos obscuros e restaurar verdades. Parecia guiar-se pela diferenciação estabelecida por John Ruskin, segundo a qual há duas classes de livros: "livros do momento e livros de todos os momentos". São de todos os momentos livros como "O júri e a limitação dos debates", "Contribuição à história da polícia de São Paulo", "Do delito impossível", "Da receptação", "Juizes criminais", "O ministério público paulista", todos do campo do Direito; e "Os emboabas", do terreno histórico.

Fazer tudo bem feito era artigo de seu credo pessoal. Apaixonava-se pelo tema, entregava-se ao trabalho com ardor desmedido e com entusiasmo que era contágio

imediatamente. Seu arquivo guarda cartas da filha e da nora de Dreyfus, testemunhando quanto soubera cativá-las, a elas que muitos entrevistadores haviam tornado desconfiadas, esquivas. Vira-as em Paris, quando empenhado em colher nas fontes elementos de minúcias sobre a famosa questão. Entrara nessa batalha, especialmente grata ao seu temperamento, mais para defender Rui do que propriamente Dreyfus. Da inocência deste o mundo já não duvidava. Estava em causa a precedência de Rui no alertar a França quanto a tal inocência. Teria sido este o mais difícil, o mais trabalhado e o mais polêmico dos escritos de Soares de Melo. Batia-se por seu ídolo. Respondia, ainda que setorialmente, a um livro de repercussão: "Rui, o homem e o mito", de Magalhães Júnior. Produziu "Rui e a questão Dreyfus" (1968), ensaio que ficará também como exemplo para obras de confronto. Obra de autor e de homem decidido.

Eis outro traço marcante de seu caráter. Linear, sem rebuscos, direto. Talvez mesmo um pouco teimoso no sustentar os seus bem-quereres. Assim, vivendo no Rio manifestou reiteradamente seu carinho por São Paulo para a qual reservava afeições e primícias. Quis receber aqui, em sua Faculdade, a Legião de Honra concedida pela França em seguida à noite em que no Pen Clube do Rio apresentou uma prévia do ensaio focalizando a Marselhesa e a vida da França.

Fez mais por São Paulo. Confiou a amigos desejar morrer aqui. De preferência à sombra da Faculdade e se pudesse escolher, falando aos jovens a respeito da obra de Rui. Pois o destino chegou a ensaiar a satisfação dessa vontade. Assim é que, 1971, festejando-se o cinquentenário da "Oração aos moços", não se cogitou de outro nome que o de Soares para a oração evocativa. Já então a saúde lhe pedida cuidados. Médicos e achegados sugeriram *não* como resposta. Respondeu *sim*. A nenhum preço faltaria ao encontro com seu ideal. Para tranquilizar os preocupados, anunciou que escreveria o discurso, o que era contra seus hábitos. Mas Ernesto Leme - que privou com ele - avança uma teoria: Soares reunira trechos do segundo volume da série defesa de Rui e, no momento de falar, improvisaria o alinhavo entre as páginas. Esse, o improvisador brilhante, era o verdadeiro Soares.

Com o aproximar-se da festa, pôs-se inquieto. "Não vá suceder comigo o que aconteceu ao Rui - ter que indicar alguém para ler o discurso e ficar preso no Rio por motivos de saúde!" No dia 29 de março de 1971 estava a postos, em São Paulo, na Faculdade. Nas palavras iniciais, reserva que era advertência: "É a primeira vez que eu falo sentado nesta sala, mas o meu estado de saúde isso me impõe". Passou à evocação minuciosa, carinhosa, dos entendimentos entre os formandos de 1920 e o seu patrono. Descrevia a atuação de Reinaldo Porchat, quando deixou cair o papel, calou-se, curvando-se sobre a mesa. Demonstrava sofrer. Sessão suspensa, agitação, comoção, ambulância a correr dentro da noite para a clínica cardiológica. A custo, sob angústia geral, recuperou-se.

De volta ao Rio, retorna aos trabalhos. Não se permitiria pausa. Pelo contrário. Depois do aviso, entendia dever trabalhar mais e mais depressa.

Eram vários os escritos planejados. Pronto, faltando apenas a mensagem final: "Rui e a Oração aos moços". Concluído este, dar-se-ia ao antigo e já polido esboço, também muito próximo ao seu coração: "A França através de um hino". Amava esse trabalho. O habitual rigor na documentação chegara aqui ao auge. Fora a Estrasburgo ler os jornais de 1792, a fim de conhecer o clima e o ambiente da cidade àquele tempo. Quisera conhecer a casa do prefeito Dietrich, na qual Rouget de Lisle cantara pela primeira vez o hino que convulsionaria o mundo. Ernesto Leme - espécie de *vade-mecum* afetuoso, porém fiel no que se refere a Soares - assegura-nos que poucas páginas foram escritas, em língua portuguesa, iguais àquelas em que o meu antecessor descreve o bimbalar, o rufar, o clangorar, o conclamar dos sinos de Estrasburgo. Pois bem - essas páginas, esse esforço de decênios estão perdidos, os originais em mãos desconhecidas. Grande

trabalho prestará às letras quem os localizar. A Literatura, a França, a Marselhesa e Soares de Melo bem que o merecem.

Os planos literários não paravam aí. Um terceiro, empolgante e difícil tema mobilizara seu entusiasmo: a revisão do julgamento de Jesus Cristo. Empregara anos em acumular documentação, pesquisas em todos os locais possíveis do Brasil, da Itália, da Jordânia, de Israel.

E ainda, com o otimismo de quem acredita dispor de todo o tempo, planejara incursão final em um mundo particularmente apreciado: a Faculdade de Direito. Frequentara esse terreno, bem antes, ao assinar, com Ernesto Leme, o volume "Perfis acadêmicos". Porém projetava evocar minúcias, enriquecer com depoimento saudosista e emotivo uma bibliografia já bastante alentada.

Saiu em viagem. Descansaria em Paris e pesquisaria detalhes. Logo além do Atlântico, algo o teria advertido de que o momento era o de voltar, não o de seguir. No mesmo passo com que desembarcou no Rio de Janeiro, quis vir para São Paulo. "Não vá!", pediram. "Não venha!" aconselharam. "Espere, descanse!" Concedeu, impondo: "Mas amanhã, sem falta, irei para São Paulo!" Efetivamente, no dia seguinte, 22 de novembro de 1971, José Soares de Melo voltou a São Paulo. Dessa vez, para sempre. Regressava morto. Mas vivo está ele, aqui conosco, na saudade dos que o conheceram, na imortalidade do que nos legou.

Em seu lugar, por escolha da Academia, subo para a cadeira vinte. Não direi que venha ocupá-la, mas que irei partilhá-la com a memória dessas figuras que não podem ser substituídas: Reinaldo Porchat e José Soares de Melo. Personalidades que foram retratadas na definição que Robert Louis Stevenson nos deixou do "homem que venceu na vida". Esse triunfador "é aquele que viveu bem, riu muitas vezes e amou muito; que conquistou o respeito de homens inteligentes e a admiração dos jovens; que preencheu um lugar e cumpriu uma missão; que deixa o mundo melhor do que o encontrou, seja por uma nova flor, um poema perfeito ou a salvação de uma alma; que procurou o melhor nos outros e deu aos outros o melhor de si". Porchat e Soares foram precisamente assim. Fizeram assim, exatamente.

Reconhecendo o quanto é pesada a herança e a participação, quero apoiar-me no pensamento de que eles ainda vivem conosco, comigo, graças à sua lembrança, aos seus exemplos, aos seus escritos. Evoco Niccoló Machiavelli descrevendo a um amigo os dias de exílio em San Casciano. Pela manhã, trabalhava como os assalariados; à tarde convivia com os aldeões ao nível de aldeão. Mas à noite fechava-se na biblioteca povoada pelos clássicos helenos e latinos. "No portal do estúdio - descreveu - dispo-me da trivial aparência cotidiana, envergo roupagens curiais e assim dignamente preparado adentro o cenáculo desses nobres senhores, e por eles afavelmente recebido farto-me do alimento espiritual que é o meu agrado e para o qual nasci; não me envergonho em falar-lhes, interrogá-los a propósito de suas ações e de seus escritos e eles, com sua liberalidade, esclarecem-me; não sinto o tempo correr, esqueço as mágoas, não receio a pobreza, não me assombra a morte; todo eu integrado neles". Assim penso em vós, assim quero conviver convosco, Reinaldo Porchat, José Soares de Melo.

Vejo, nesse convívio, a imortalidade verdadeira. A sucessão de experiências, o colóquio harmonioso das gerações indiferentes à passagem do tempo, mantendo inalterada a essência do homem de letras: a inquietude intelectual. Esse tipo especial de convivência e de continuidade é, felizmente, um apanágio acadêmico.

Pois entendo serem muitas as:

FUNÇÕES DAS ACADEMIAS

Paul Pellisson, biografando a Casa de Richelieu que veio a ser o modelo das várias Academias, descreveu o proceder e as preocupações dos que se reuniam na rua de Saint Martin: "conversam familiarmente, como numa visita comum, sobre todos os assuntos, novidades, belas-artistas. Sem barulho, sem cerimônia, sem outra lei se não a da amizade, aproveitam do que a reunião de espíritos e a vida dos que pensam tem de mais doce e de mais encantador". Era assim, nos idos amenos de 1629.

O nosso tempo exige mais do que o principal - definido nos Estatutos: "cultura da língua e da literatura nacional". Altino Arantes, homem público de visão larga e culto ex-presidente desta Casa, definiu bem o conceito atual: "não deve viver alheia ou arredia aos assuntos que se relacionam com as vicissitudes e com os interesses da comunidade, uma vez que, como fator histórico-social que é, tem que aprofundar as suas raízes na terra e na gente donde lhe provêm a seiva, a força e a estabilidade".

Assim vejo a Academia: estudando e aprimorando o idioma, fiel ao passado, receptiva ao futuro, consciente de que o povo é o maior e o mais fecundo dos autores. A obra do passado está preservada, a era da cibernética pode vir e entrar.

A SEMANA DE ARTE MODERNA - 1972

Esta aceitação é parte do destino de São Paulo intelectual. Este 1972 - Ano Internacional do Livro - assinala também o cinquentenário da Semana de Arte Moderna, divisor das águas literárias e das artes brasileiras.

Exaltada e denegrida, superdimensionada e diminuída, a Semana deixou lições. A do sadio inconformismo que propõe alternativas e não apenas opõe negativas; a da coragem para definir idéias e de lutar por elas. A Semana é imortal, é acadêmica em si mesma, como idéia e realização. Tem meio século e provoca a mesma luta, alinha defensores e enfrenta demolidores. É exemplo, é advertência que me acompanha, Academia a dentro.

Senhor Presidente. Senhores Acadêmicos. Amigas. Amigos.

Para isso venho, trabalhador intelectual sem títulos e sem louros, mas entusiasta e pertinaz. Para o cultivo do idioma, para o estudo e o incentivo à criação literária, para oferecer experiência e aprender com a convivência. Enfim, para ser vosso auxiliar - senhores acadêmicos - no aprofundar raízes de pesquisa, de amor, de fixação, na terra e na gente que nos dão a seiva: a minha terra, a minha gente. Amigas, Amigos - ajudai-me a cumprir o meu voto.

Confrades - companheiros do ideal - acolhei-me entre vós.